

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COORDENADORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO EM LETRAS E CULTURA REGIONAL

NEOLOGIA LEXICAL:

Um estudo da fala e da vida de bilíngües português-fala
dialetal italiana (RCI-RS)

Janaina Ramos Alberti

Orientadora: Profa. Dra. Elisa Battisti

Caxias do Sul - RS
2005

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COORDENADORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO EM LETRAS E CULTURA REGIONAL

NEOLOGIA LEXICAL:

Um estudo da fala e da vida de bilíngües português-fala
dialetal italiana (RCI-RS).

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras e Cultura Regional da Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras e Cultura Regional.

Área de concentração: Lingüística e Cultura Regional.
Orientadora: Dra. Elisa Battisti.

Janaina Ramos Alberti

Caxias do Sul - RS
2005

JANAINA RAMOS ALBERTI

NEOLOGIA LEXICAL:

Um estudo da fala e da vida de bilíngües português-fala dialetal italiana
(RCI-RS)

Caxias do Sul, 7 de dezembro de 2005.

BANCA EXAMINADORA

Nome: Profa. Dra. Cleci Bevilacqua

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Nome: Profa. Dra. Cleodes Maria Piazza Ribeiro

Instituição: Universidade de Caxias do Sul – UCS

Nome: Profa. Dra. Neires Maria Soldatelli Paviani

Instituição: Universidade de Caxias do Sul – UCS

RESUMO

Este estudo explora a relação existente entre léxico e cultura por meio da análise em campos léxicos de neologismos verificados na língua portuguesa falada por bilíngües português-fala dialetal italiana (RCI-RS). Os dados foram extraídos de 24 entrevistas sociolingüísticas do BDSer realizadas na zona rural de Caxias do Sul, mais especificamente nas comunidades de Bevilácqua, São Braz e Santo Homobom. Foram considerados 42 neologismos por empréstimo - segundo conjugação da classificação proposta por Haugen (1972) e por Guilbert (1975) - ocorridos em unidades lexicais simples. Para estabelecer a relação entre práticas culturais e ampliação lexical os dados foram estruturados em campos léxicos, conforme Biderman (1981), integrados no formato de rede. Essa estruturação exigiu a realização de estudo etnográfico para que se identificasse o quadro de práticas sociais de que faz parte o emprego das unidades, justificando, dessa forma, a organização dos campos léxicos. Após a realização do estudo etnográfico, os dados foram divididos em duas redes semânticas representativas do equipamento cultural básico da comunidade de Bevilácqua.

Palavras-chave: 1. neologia por empréstimo
2. unidade lexical simples
3. cultura regional
4. campo léxico
5. rede semântica

ABSTRACT

The present study explores the relation between lexis and culture through the analysis of neologisms by borrowing (Haugen, 1972; Guilbert, 1975) in lexical fields. The neologisms are verified in Portuguese in the speech of Italian descendants who live in a rural area of Caxias do Sul, RS, Brazil. The data were collected from 24 sociolinguistic interviews of the BDSer *corpus* (UCS - DELE - Mestrado em Letras e Cultura Regional). The 42 units which were analyzed are borrowings from Italian dialects still spoken in the area. To establish the relation between cultural practices and lexical innovation, the data are structured in lexical fields which are, in turn, integrated in a network format, according to Biderman (1981). The research implied an ethnographical study in order to make possible the identification of social practices associated to the use of the units, justifying, thus, the organization of the lexical fields. The data were divided into two semantic networks which represent the basic cultural equipment of Bevilacqua, one of the studied communities.

Key-words: 1. neology
2. borrowings
3. lexical fields
4. social practices
5. semantic network

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REGIÃO	18
2.1 A região de Caxias do Sul: geografia	18
2.2 A zona rural de Caxias do Sul: bilingüismo	22
3 QUADRO TEÓRICO	26
3.1 Fala como prática social	27
3.2 Cultura como um sistema de práticas	29
<i>3.2.1 Habitus e cultura</i>	34
3.3 Léxico e sociedade	37
<i>3.3.1 Neologia lexical</i>	39
3.4 Teoria do Campo Léxico	44
<i>3.4.1 Campo: diferentes concepções</i>	44
<i>3.4.2 Estudos anteriores à formulação da teoria do campo léxico</i>	45
3.5 Concepção de campo conforme Trier e Weisgerber	47
3.6 Campos associativos	51
3.7 Método estrutural de campo segundo Coseriu	56
3.8 Estruturação do léxico	60
4 METODOLOGIA	66
4.1 Análise das unidades em campos léxicos	73
4.2 Estudo etnográfico	74
5 ANÁLISE EM CAMPOS: ESTRUTURA LINGÜÍSTICA	79
6 ANÁLISE EM CAMPOS: LÍNGUA E PRÁTICAS SOCIAIS	84

6.1 O trabalho de campo	85
6.1.1 <i>Rede semântica e campo léxico do 'trabalho'</i>	89
6.1.2 <i>Rede semântica e campo léxico da 'vida social'</i>	98
6.2 Revisão dos campos	107
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	118
BIBLIOGRAFIA	124
ANEXO 1	126

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Mapa do estado do Rio Grande do Sul, p. 19

FIGURA 2: Mapa da região de Caxias do Sul, p. 20

FIGURA 3: Rede semântica e campo léxico de 'luz', p. 63

FIGURA 4: Rede semântica e campo léxico do 'trabalho', p. 108

FIGURA 5: Rede semântica e campo léxico da 'vida social', p. 112

LISTA DE SIGLAS

AL = Antropologia Lingüística

BDSer = Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha

BDSer-Lex = A fala na serra gaúcha: inovações lexicais na área de colonização italiana

CL = Campo léxico

DI = Dicionário de Italianismos

IBGE = Instituto brasileiro de geografia e estatística

RCI = Região colonial italiana

RCI-RS = Região colonial italiana do Rio Grande do Sul

ULS = Unidade lexical simples

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Informantes da zona rural de Caxias do Sul, p. 69

QUADRO 2: Totalidade de ULS que compõem o *corpus* do BDSer-Lex, p. 72

QUADRO 3: ULS em substantivos e verbos, p. 82

QUADRO 4: *Corpus*, p. 85

1 INTRODUÇÃO

O contato entre a fala dialetal italiana - na antiga Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul¹ (doravante RCI-RS) - e o português teve início na segunda metade do século XIX, por ocasião da emigração de italianos ao sul do Brasil. A expansão do capitalismo, no final do século XIX, foi o contexto sobre o qual se desenrolou a história da emigração europeia para o país. Em solo gaúcho, a política imigratória justificava-se pela necessidade de colonização e povoamento. Os imigrantes que povoaram a região - atendendo à demanda da época - eram na sua maioria agricultores. Entretanto, havia entre eles, embora em número reduzido, funileiros, sapateiros, ferreiros, carpinteiros, oleiros, operários de indústria e pequenos comerciantes². Uma vez instalados, iniciaram a urbanização da região, dando início a um acelerado processo industrial.

Passados cento e trinta anos, constata-se uma significativa redução do número de pessoas que ainda empregam a fala dialetal italiana (RCI-RS) - que foi sendo ao longo dos tempos substituída pelo português - embora o bilingüismo português-fala dialetal italiana ainda seja prática corrente em algumas comunidades, principalmente nas zonas rurais.

¹ Conforme Frosi (1983), a RCI abarca os municípios da Microrregião Vinicultora de Caxias do Sul: Antônio Prado, Bento Gonçalves, Carlos Barbosa, Caxias do Sul, Farroupilha, Flores da Cunha, Garibaldi, São Marcos e Veranópolis. Utiliza-se a sigla RCI-RS sempre que for referida a fala dialetal italiana utilizada na antiga RCI do Rio Grande do Sul. Essa fala originou-se do contato, principalmente, dos dialetos vênéticos com os lombardos. Com o passar do tempo e em decorrência do contato havido entre esses diferentes dialetos, formou-se no Rio Grande do Sul uma fala dialetal de características mistas, uma *coiné* do tipo vênético. Com a intensificação do uso da língua portuguesa na região, a *coiné* passou a ser influenciada. É essa mistura dialetal, já com muitos traços da língua portuguesa, que persiste até os dias de hoje, e que aqui se denomina *fala dialetal italiana (RCI-RS)*.

² Essa informação foi extraída de De Boni e Costa (1982).

Seguindo o caminho de investigação inaugurado por Frosi & Mioranza (1983), porém no sentido inverso, um grupo de pesquisadores da Universidade de Caxias do Sul realizou uma pesquisa³ que analisou a influência da fala dialetal italiana (RCI-RS) no português falado por bilíngües português-italiano habitantes da zona rural⁴ de Caxias do Sul. Com o andamento da pesquisa, perceberam-se marcas do contato entre as línguas, entre elas a presença de itens lexicais tomados por empréstimo do italiano e responsáveis por inovações que acabaram por peculiarizar o falar local. A idéia de desenvolver a presente dissertação – intitulada *Neologia lexical: um estudo da fala e da vida de bilíngües português-fala dialetal italiana (RCI-RS)* – surgiu por ocasião de minha participação como bolsista de iniciação científica⁵ do projeto BDSer-Lex (ver nota 3), cujo foco de análise principal foi o estudo do processo de neologia na situação de adstrato, ou seja, na língua portuguesa falada por bilíngües português-italiano, tendo como um de seus resultados a elaboração de um Dicionário de Italianismos - doravante DI - de Battisti et al. (em finalização). A investigação aqui empreendida, vinculada, em sua gênese, ao BDSer-Lex, corresponde a um recorte e aprofundamento do tema daquela pesquisa no que concerne ao estreito vínculo

³ *A fala na Serra Gaúcha: inovações lexicais na área de colonização italiana* (BDSer-Lex), projeto de pesquisadores do Departamento de Letras e do Mestrado em Letras e Cultura Regional da UCS. Essa investigação foi empreendida por Eliana Gianni Tedesco, Elisa Battisti (coordenadora), Neires Maria Soldatelli Paviani, Normelio Zanotto, Suzana Damiani e Vitalina Maria Frosi, no período de agosto de 2002 a julho de 2005. Os dados foram levantados de 24 entrevistas sociolingüísticas do BDSer (Banco de Dados da Serra Gaúcha, do CCHC-DELE / Mestrado em Letras e Cultura Regional da UCS), de informantes da zona rural de Caxias do Sul.

⁴ A zona rural de Caxias do Sul, considerada por esta pesquisa, é representada pelas comunidades de Bevilacqua, São Braz e Santo Homobom, localizadas no interior da região administrativa de Ana Rech. É dessas comunidades que provêm os informantes do BDSer, cujas entrevistas sociolingüísticas foram analisadas pelo projeto BDSer-Lex.

⁵ BIC/UCS, no período de abril a julho de 2003.

existente entre léxico e cultura. Serão analisados, neste trabalho, somente os neologismos por empréstimo⁶ ocorridos em unidades lexicais simples⁷.

A neologia⁸ lexical é um fenômeno que ocorre permanentemente em todas as línguas naturais. Alves (1994) assim expressa seu posicionamento acerca do tema:

O estudo da neologia lexical de uma língua permite-nos analisar a evolução da sociedade que dela se utiliza, pois as transformações sociais e culturais refletem-se nitidamente no acervo léxico dessa comunidade. Por isso, o estudo sistemático da neologia no português brasileiro é, sob a perspectiva lingüística, a análise dos processos de formação de novas palavras; do ponto de vista extralingüístico, constitui o estudo da evolução da sociedade brasileira. (ALVES, 1994, p. 87)

O léxico⁹ é renovado, primordialmente, por meio da utilização de mecanismos oriundos da própria língua - os processos autóctones - e, em menor escala, pela incorporação de unidades lexicais provenientes de sistemas lingüísticos estrangeiros, constituindo os chamados neologismos por empréstimo.

Da mesma forma que a fonologia, a morfologia e a sintaxe, o léxico também faz parte do conjunto da língua. Entretanto, o léxico, diferentemente dos sistemas mencionados, é um sistema aberto - constituído por um número flutuante de componentes - o que torna a determinação de todos os elementos pertencentes a essa estrutura uma tarefa impossível. Devido a essa peculiaridade, os falantes de uma língua estão em constante processo de aprendizagem, pois sempre haverá uma

⁶ Neologia por empréstimo é classificação de Guilbert (1975), e corresponde à passagem de um signo lingüístico de uma língua à outra, onde sofre adaptação de ordem fonética e, por vezes, alterações semânticas e morfológicas. A equipe BDSer-Lex encontrou no *corpus* levantado também neologismos vernaculares, não atribuíveis ao contato com a fala dialetal italiana. Esses não serão contemplados na presente investigação.

⁷ Dentre os neologismos levantados pelo BDSer-Lex estão unidades lexicais simples (ex.: fogolar) e sintagmas fraseológicos (ex.: cortar fora). Esta pesquisa analisa apenas as unidades lexicais simples (a esse respeito ver capítulo 3, seção 3.3.1)

⁸ A ciência lingüística que se dedica ao estudo da neologia é a Lexicologia.

palavra ouvida pela primeira vez, assim como uma necessidade nova a exigir a utilização de uma forma inédita. O léxico é, em suma, um campo naturalmente propício a constantes ampliações, na medida em que os falantes sentem necessidade de expandi-lo para suprir lacunas de seu sistema léxico-gramatical, quer se trate da nomeação, por exemplo, de uma descoberta científica, de uma modificação ocorrida na vida social, de um lampejo do pensamento ou de um sentimento. Segundo Vendryes (1943, p. 256), “el vocabulario jamás está fijado, porque depende de las circunstancias”. O léxico é, portanto, o local em que se revela a história social e cultural de um grupo, sua experiência de vida, bem como o modo como organiza simbolicamente o mundo: “[...] é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades” (BIDERMAN, 1978, p. 139).

Este estudo explorará a relação entre léxico e cultura por meio da organização de neologismos em campos léxicos (doravante CL) integrados em redes semânticas. Como objetivo geral, pretende-se contribuir para a descrição de uma variedade de língua portuguesa falada no Brasil, correlacionando mudanças lingüísticas decorrentes do contato entre o português e a fala dialetal italiana com práticas culturais próprias da comunidade abordada, situada na zona rural de Caxias do Sul. Tal intento envolverá a observação de algumas práticas culturais peculiares à comunidade, constituindo assim um aprofundamento da pesquisa da qual se originaram os dados. Como objetivos específicos pretende-se: (i) proceder à

⁹ Trask (2004, p. 155) define ‘léxico’ como o vocabulário de uma língua. Em lingüística, porém, geralmente não se fala do vocabulário de uma determinada língua, e sim de seu **léxico**, o inventário total de palavras disponíveis aos falantes.

distribuição das unidades lexicais simples (doravante ULS) em associações de significação, isto é, em campos léxicos; (ii) identificar o quadro de práticas sociais de que faz parte o emprego das ULS, relacionando práticas sociais a campos léxicos e, dessa forma, justificando sua organização.

A forma como serão organizados os CL, bem como a identificação das práticas sociais que revestem os neologismos de significado, constituem as principais questões-problema a serem respondidas. Tomando-se o conjunto de dados previamente levantados pelo BDSer-Lex, aventou-se que a distribuição das ULS dar-se-ia majoritariamente nos seguintes campos: lazer, trabalho e gastronomia. Para justificar tal distribuição, acreditou-se, primeiramente, que as práticas sociais que embasariam a formação de tais campos seriam as rurais, ou seja, aquelas voltadas às atividades agrícolas e pastoris, vinculadas historicamente à imigração italiana, uma vez que as unidades analisadas haviam sido empregadas por habitantes da zona rural de Caxias do Sul (ver nota 4). Por ocasião da elaboração do projeto desta dissertação - antes, portanto, de revisão exaustiva da literatura disponível, bem como da realização do estudo etnográfico - as ULS foram distribuídas nos seguintes campos léxicos¹⁰: expressões; homem e sociedade; família e parentesco; trabalho; utensílios; culinária; cultura da uva e do vinho; entretenimento e unidades abstratas. Nessa etapa do trabalho verificou-se que algumas unidades poderiam pertencer a mais de um campo léxico, ou, em outro extremo, pareciam não pertencer a nenhum dos campos dispostos. Assim, para formar os campos, percebeu-se que seria necessário ir além do significado puramente lingüístico das unidades para poder

¹⁰ Essa distribuição será abordada, com mais detalhes, no capítulo 5.

situá-las em campos. Foi, portanto, a tentativa de associar as ULS em campos, segundo práticas culturais vigentes na comunidade observada, o que nos levou a trabalhar com campos léxicos. Para alcançar esses objetivos, será necessário realizar, além da análise lexicológica em campos - conforme Biderman (1981) - um estudo etnográfico que permita observar as práticas sociais diretamente na comunidade.

Após revisão exaustiva de estudos realizados na área da Lexicologia e da Lexicografia, configurou-se o caráter inusitado desta pesquisa, uma vez que tais ciências dedicam-se principalmente ao estudo de línguas de especialidade, vulgarmente denominadas de vocabulário técnico. Raras são as iniciativas de analisar a neologia no léxico da língua geral, desconhecendo-se estudos dessa natureza envolvendo dados de língua falada¹¹ provenientes de *corpora* lingüísticos. Sendo assim, esta pesquisa justifica-se pela lacuna que poderá preencher, bem como por seu caráter inovador.

A dissertação encontra-se estruturada em seis capítulos, além da introdução. O capítulo 2 tratará da problemática da região. Para delimitar a região estudada foram inicialmente utilizados critérios geográficos, que se mostraram insuficientes. Por tratar-se de um estudo primordialmente lingüístico, mas que relaciona aspectos culturais e linguagem, ou melhor, procura demonstrar como determinadas práticas sociais teriam supostamente provocado a incorporação de novos itens lexicais ao português falado na região - pelo contato havido entre os dialetos italianos e o

¹¹ Tarallo (1990, p. 19) define 'língua falada' como o "veículo lingüístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face [...] é a língua usada nos botequins, clubes, parques, rodas de amigos [...] longe da tutela dos professores". Essa acepção de língua falada é a adotada por esta pesquisa.

português - o bilingüismo foi incorporado como um subsídio lingüístico para delimitar a região habitada pelos informantes.

O estabelecimento da correlação entre língua e cultura foi embasado pela Antropologia Lingüística (de agora em diante AL), disciplina que entende a fala como uma prática cultural. Uma apresentação dos objetivos, do escopo dessa disciplina e dos subsídios que fornece para a análise de língua e cultura será feita no capítulo 3, que contém todo o quadro teórico empregado para fundamentar a pesquisa, o que inclui também uma exaustiva revisão de modelos de análise lexical em campos.

O quarto capítulo apresentará a metodologia utilizada, que articula a análise lingüística (estrutural) à análise (cultural) de práticas sociais através de estudo etnográfico. Ainda nesse capítulo o *corpus* analisado será apresentado na íntegra.

O capítulo 5 traz uma análise preliminar das ULS em campos. No sexto capítulo serão expostos os resultados do estudo etnográfico empreendido, com a finalidade de recortar o *corpus* e distribuí-lo em novos campos capazes de retratar aspectos culturais próprios da comunidade de Bevilácqua. Apresentar-se-á a redistribuição do *corpus* em campos léxicos integrados em redes semânticas.

O capítulo 7 apresentará as considerações finais, mostrando as conclusões e contribuições auferidas pela pesquisa.

2 REGIÃO

Esta pesquisa, conforme já se afirmou, correlaciona língua e cultura, essa entendida como um domínio de práticas. Para compreender como essas práticas são refletidas no léxico - por meio da neologia lexical - é imprescindível que se delimite a região em que as pessoas responsáveis pela ampliação vivem e promovem suas práticas sociais. Caracterizar a comunidade é importante, portanto, para compreender o processo de inovação e os neologismos dele resultantes. É o que se fará neste capítulo, abordando a região em que se situa Bevilácqua, comunidade rural de Caxias do Sul onde vivem a maioria dos informantes do BDSer de cujas entrevistas sociolingüísticas (ver anexo 1) os dados foram extraídos. A região¹² será delimitada por sua geografia, por alguns aspectos econômicos e históricos e pelo uso do bilingüismo português-fala dialetal italiana (RCI-RS).

2.1 A região de Caxias do Sul: geografia

Geograficamente, conforme informa o site www.citybrazil.com.br, Caxias do Sul¹³ localiza-se na região da encosta superior do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, parte na extremidade leste da Microrregião Vitivinícola e parte no Planalto dos Campos de Cima da Serra:

¹² Saussure (1916) já definia região por meio do conceito de comunidade lingüística: um grupo de pessoas que compartilham o mesmo modo de falar, com as mesmas regras e sistema.

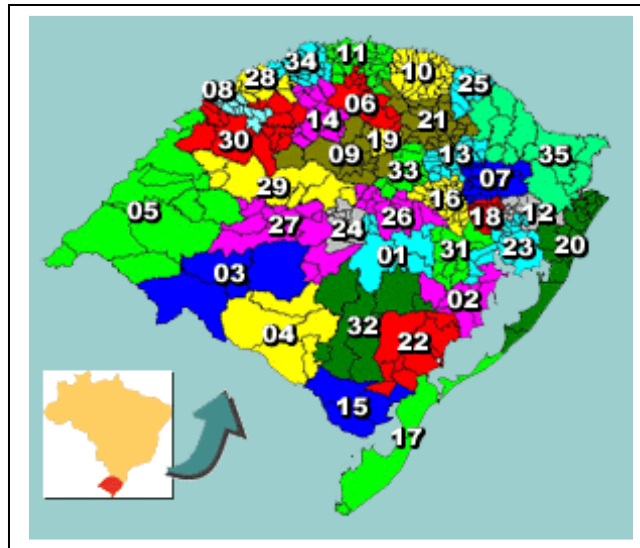
¹³ Área: 1588,4 km² de extensão.

Densidade: 205 hab/km².

Altitude: de 760 a 800m acima do nível do mar.

Longitude: -51,179 graus.

FIGURA 1: Mapa do estado do Rio Grande do Sul



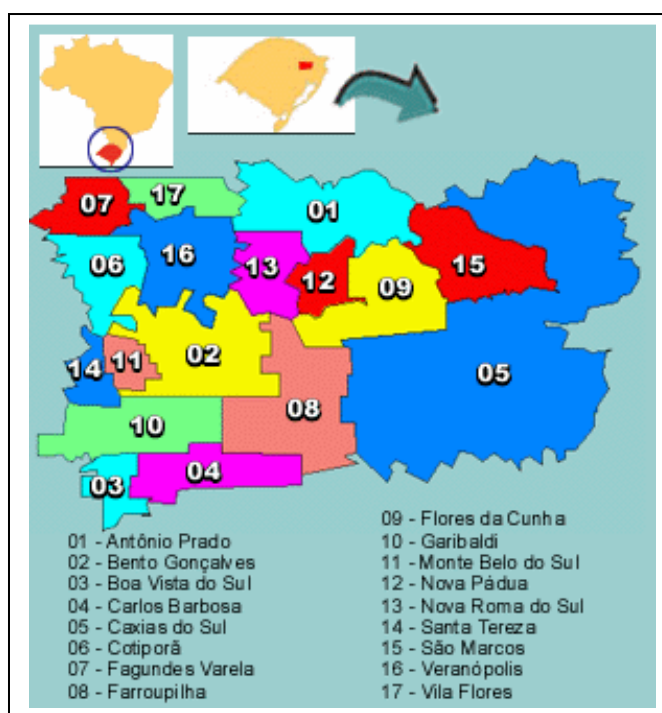
Fonte: www.citybrazil.com.br/rs - acesso em 02/09/05

A ilustração acima tem como finalidade precípua situar o estado do Rio Grande do Sul (em vermelho no mapa menor) no Brasil. A ampliação feita a partir do mapa do Brasil mostra as principais regiões que compõem o estado, dentre as quais é preciso destacar a região de número 07, uma vez que se trata da região de Caxias do Sul¹⁴. É importante informar que o Estado do Rio Grande do Sul possui 496 municípios (IBGE/00) situados em zona urbana ou rural. Dentre os principais, com altos índices de densidade demográfica e participação na composição econômica do Estado, estão a capital, Porto Alegre (região de n. 23), Canoas (situada na região metropolitana de Porto Alegre), Caxias do Sul (região de n. 07, principal cidade do

¹⁴ Giron (2005) observa que, embora a classificação geográfica não tenha sofrido alterações, fatos diversos provocaram a alternância do nome. Em 1875 a região era denominada de *Colônia Italiana* e englobava as colônias imperiais de Conde'Eu, Dona Isabel, Caxias, Alfredo Chaves e Antônio Prado. Com o passar dos anos, a antiga região recebeu novas designações, entre elas *Zona da Colônia Alta*, *Encosta Superior do Nordeste*, *Antiga Região Colonial Italiana* e *Microrregião Vinicultora de Caxias do Sul*.

pólo metal-mecânico da região serrana), Santa Maria (região de n. 27, localizada no centro do Estado), Pelotas (região de n. 22), Passo Fundo (região de n. 21), Rio Grande (região de n. 17) e Uruguaiana (região de n. 05).

FIGURA 2: Mapa da região de Caxias do Sul



Fonte: www.citybrasil.com.br/rs - acesso em 02/09/05

O mapa acima disposto é uma ampliação da região em que se encontra o município de Caxias do Sul (correspondente ao n. 5 na figura acima). As comunidades de zona rural, por não serem municípios independentes, não foram destacadas no mapa, mas se encontram nos arredores de Caxias do Sul. Ana Rech situa-se na parte nordeste do município. Nesse mapa é possível visualizar, também, os municípios que, juntamente com Caxias do Sul, integram a RCI: Antônio Prado (n. 1); Bento Gonçalves (n. 2); Carlos Barbosa (n. 3); Farroupilha (n. 8); Flores da Cunha

(n. 9); Garibáldi (n. 10), São Marcos (n. 15) e Veranópolis (n. 16).

Segundo dados do IBGE (1997), a população total estimada da cidade de Caxias do Sul (em milhares) é de 360.223 habitantes. Desse total, 333.217 estão localizados na zona urbana e 27.006 - ou 7,5% da população da cidade - na zona rural. O meio rural está dividido em seis distritos: Criúva, Fazenda Souza, Santa Lúcia do Piaí, Vila Cristina, Vila Oliva e Vila Seca e quatro regiões administrativas: Ana Rech, Desvio Rizzo, Forqueta e Galópolis. As comunidades da zona rural de Caxias do Sul abrangidas pelo BDSer integram a região administrativa de Ana Rech e correspondem às comunidades de Bevilácqua, São Braz e Santo Homobom.

A agricultura caxiense representa apenas 2% da economia municipal¹⁵. No entanto, a cidade é a maior produtora de hortigranjeiros do Estado. Em sua totalidade, a zona rural é composta por 134 comunidades, caracterizadas pelo minifúndio, em regime de economia familiar. São 6300 propriedades, 5% com menos de 1ha e 80% com até 30ha.

Em decorrência do povoamento do nordeste do estado do Rio Grande do Sul por imigrantes italianos, ocorreu aqui o que se denomina contato entre línguas, fato gerador de bilingüismo. Conforme Frosi & Mioranza (1975), os emigrantes italianos deslocaram-se, na sua maioria, de quatro regiões da Itália setentrional: 54% da região do Vêneto¹⁶; 33% da Lombardia; 7% de Trentino; 4,5% de Friúli e 1,5% do restante de outras regiões da Itália. Uma vez estabelecidos na região nordeste do estado, esses imigrantes - falantes de dialetos italianos diversos - ante a necessidade de

¹⁵ O restante da economia da cidade divide-se na indústria (64,66%) e no setor de comércio e serviços (33,34%).

¹⁶ O Vêneto, onde a crise era maior por volta de 1875, foi a região de onde se originaram a maioria dos imigrantes que se instalaram no sul do Brasil.

comunicarem-se entre si, acabaram contribuindo para a formação de uma fala dialetal italiana (RCI-RS) de características mistas, com predominância dos dialetos vicentino e feltrino-belunês (ver nota 1). Por essa razão, ou seja, em virtude da predominância de imigrantes originários da região do Vêneto, há quem denomine o que se ouve hoje (aqui designado como fala dialetal italiana) de ‘dialeto vêneto’.

Atualmente, é reduzido o número de pessoas que ainda empregam a fala dialetal italiana. Essas pessoas concentram-se principalmente na zona rural da cidade e apresentam diferentes graus de proficiência nesse emprego. O bilingüismo é, portanto, aspecto relevante na caracterização daquela que é a região enfocada neste estudo. Sobre isso tratará a seção que segue.

2.2 A zona rural de Caxias do Sul: bilingüismo

Os primeiros estudos sobre bilingüismo o definiam como o domínio igual de duas línguas. Em 1933, Bloomfield considerou bilingüismo o controle nativo de duas línguas. Haugen (1953), por sua vez, ampliou esse conceito ao afirmar que bilingüismo é a habilidade de produzir expressão oral completa e significativa em outra língua. À época que Mackey escreveu seu trabalho - em 1972 - e ainda hoje, entende-se que o bilingüismo é o uso alternado de duas ou mais línguas por um mesmo indivíduo, podendo ser simplesmente definido como o ‘conhecimento passivo’ de uma língua escrita ou a possibilidade de uso de modelos de outra língua no ambiente da língua nativa. Grosjean (1982) ratifica essa conceituação ao afirmar que indivíduos bilíngües raramente têm fluência equivalente nas línguas que falam,

embora todos interajam com o mundo ao seu redor por meio delas. Nessa mesma linha de pensamento encontram-se Mougeon e Beniak (1995) que classificam o bilingüismo em irrestrito, restrito e semi-restrito. O bilíngüe restrito compreende uma outra língua, embora não a pratique. O bilíngüe irrestrito, por sua vez, é aquele que compreende e pratica uma outra língua. Finalmente, o bilíngüe semi-restrito, da mesma forma que o irrestrito, compreende e pratica uma outra língua, mas apenas com familiares e amigos próximos. Conforme quadro dos informantes da zona rural de Caxias do Sul - provenientes do BDSer¹⁷ - disposto no capítulo 4, vê-se que todos são bilíngües - na sua imensa maioria (87,5%) irrestritos ou semi-restritos - ou seja, todos ao menos compreendem a fala dialetal italiana, sendo que a maior parte deles também a pratica. A língua desempenha importante papel no sentido de conferir ao indivíduo uma identidade e de inclui-lo em um grupo. Esse preceito pode ser empregado à comunidade estudada, podendo-se concluir que o uso do bilingüismo tem essa função de identificação, sendo crucial para entender muitos tipos de comportamentos sociais e lingüísticos.

Uma vez que o bilingüismo configura uso de linguagem, e não propriamente caracteriza uma língua enquanto sistema, a lingüística tem interesse no bilingüismo à medida que o mesmo pode ajudar a explicar eventuais mudanças ocorridas em uma língua que tenha sofrido contato com outra. É nesse sentido que o bilingüismo é relevante para esta pesquisa, ou seja, como uma forma de entender e associar a

¹⁷ O BDSer é um *corpus* lingüístico em formação. Contém entrevistas sociolingüísticas de municípios da antiga RCI do RS. Iniciado em agosto de 2000, conta hoje com 55 entrevistas de Caxias do Sul, 57 de São Marcos e 14 de Antônio Prado, onde entrevistas ainda estão sendo realizadas. O projeto BDSer-Lex, empreendido entre agosto de 2002 e julho de 2005, procedeu a uma análise (lexical) dos dados já coletados.

incorporação de novas ULS (ou neologismos) ao português falado na região, a possíveis mudanças culturais. Cumpre aqui salientar que este estudo não tem a pretensão de revisar propostas de estudiosos que trataram do tema, descrevendo os diversos tipos de bilingüismo existentes, bem como o grau de prestígio atribuído a cada um. Interessa-nos aqui o conceito primordial acima apontado que concebe como bilíngüe inclusive a pessoa que somente entende uma segunda língua (bilíngüe restrito), no caso a fala dialetal italiana (RCI-RS), podendo não a praticar.

Conforme dados fornecidos neste capítulo, vê-se que os bilíngües aqui considerados habitam a zona rural do município de Caxias do Sul, que, por sua vez, engloba apenas 7,5% da população total do município. Essa pequena parcela da população total do município é, entretanto, apontada como a maior produtora de hortigranjeiros do estado do Rio Grande do Sul. Essa informação, que poderia passar despercebida, é extremamente relevante para esta investigação. Através dela, pode-se depreender as condições em que vivem os habitantes dessa zona rural da cidade. Conforme se verá no capítulo 6, que relata o estudo etnográfico empreendido junto à comunidade de Bevilácqua, seus habitantes mostram-se satisfeitos com suas vidas, que são sustentadas unicamente com a venda dos produtos advindos da terra, por eles cultivada. Provavelmente em virtude de sua economia, parece não haver distinção de classe social. Isso significa, na prática, que todos conseguem satisfazer suas necessidades, não existindo, como na zona urbana, distinções na distribuição da renda. Esse isomorfismo econômico pode ser apontado como o fator responsável pela manutenção da vida comunitária da região, que envolve toda a população.

O próximo capítulo mostrará os subsídios teóricos que embasaram esta pesquisa, incluindo revisão da literatura produzida sobre campos, uma vez que a sua formação constitui um dos objetivos a que o presente trabalho almeja alcançar.

3 QUADRO TEÓRICO

Para analisar e estruturar os campos léxicos com base em aspectos culturais locais, constatou-se a necessidade de buscar embasamento teórico em uma disciplina que correlacionasse língua e cultura. Essa disciplina é a Antropologia Lingüística¹⁸.

Segundo Duranti (2000, p. 21), a AL estuda a língua como um recurso cultural, e a fala como uma prática cultural. Por tratar-se de um campo inerentemente interdisciplinar, a AL desenvolve-se sobre métodos que pertencem a outras disciplinas, especialmente a antropologia e a lingüística, com a finalidade primordial de proporcionar uma compreensão dos variados aspectos da língua enquanto marco de práticas culturais. Dos fundamentos que ela fornece, interessa-nos a concepção de língua vista como um sistema de comunicação que possibilita as representações interpsicológicas (entre indivíduos) e intrapsicológicas (em um mesmo indivíduo) da ordem social, e que contribui para que as pessoas utilizem essas representações para realizar práticas sociais. A singularidade da AL reside em seu interesse pelos falantes enquanto atores sociais; na linguagem como condição e resultado da interação social e nas comunidades de fala como entidades simultaneamente reais e imaginárias, cujas fronteiras estão constantemente refazendo-se e negociando-se através de milhares de atos de fala.

Ver-se-á que a Teoria da Prática idealizada por Bourdieu (1977) operacionaliza e confirma o que a AL estabelece teoricamente, qual seja, o entendimento de que a

¹⁸ Duranti (2000) adota a terminologia 'antropologia lingüística' frente à 'lingüística antropológica' ou 'etnolingüística' por entender que tal disciplina consolida o estudo da linguagem e da cultura como um dos subcampos principais da antropologia. Outros autores, tais como Foley (1997), utilizam 'lingüística antropológica'. Cumpre salientar que a diferença é apenas terminológica.

fala é uma prática cultural. Sobre a Teoria da Prática, principalmente do contexto histórico em que a mesma surgiu, tratará a próxima seção.

3.1 Fala como prática social

Os antropólogos lingüistas partem do pressuposto de que há dimensões da fala que só podem ser captadas quando observadas as práticas sociais. A noção de cultura como um sistema de práticas é pós-estruturalista, teve início no final da década de 60 quando alguns teóricos europeus¹⁹ começaram a questionar os pressupostos básicos do paradigma estruturalista. Tal questionamento, conseqüentemente, provocou o nascimento da oposição ao essencialismo e ao caráter metafísico das generalizações estruturalistas. O movimento pós-estruturalista passou a focalizar a construção de interpretações dialógicas e momentâneas, mudando o interesse dos aspectos estáveis dos sistemas culturais para a diacronia e a historicidade.

Segundo Heidegger (apud DURANTI, 2000, p. 73), o sujeito racional identificado por Descartes, Kant e Husserl – grandes filósofos da Modernidade – não é a fonte exclusiva ou privilegiada da nossa compreensão do mundo. Nossa compreensão teórica e abstrata do mundo não é original, uma vez que deriva de outras premissas existenciais que incluem nossa imersão em um mundo onde objetos são encontrados e usados pragmaticamente, onde experimentamos situações dentro

¹⁹ Segundo Duranti (2000), o Pós-Estruturalismo originou-se na França especialmente a partir das obras de Lacan, Foucault e Derrida que, por sua vez, sofreram influência direta do filósofo alemão Heidegger.

de um contexto de atitudes ou humores particulares e onde as pessoas são seres com quem estar.

A Teoria da Prática de Bourdieu (1977), conforme consta em Duranti (2000), ilustra o paradigma pós-estruturalista de cultura construído sobre a base de algumas intuições de Heidegger com respeito às raízes existenciais do conhecimento humano e da compreensão humana da vida e do mundo. Para Bourdieu, os atores sociais não são unicamente o produto de condições materiais de existência, nem exclusivamente sujeitos intencionais socialmente conscientes cujas representações mentais são auto-suficientes. Para ele, o sujeito pode existir e funcionar culturalmente apenas como partícipe em uma série de atividades habituais que podem ser pressupostas ou reproduzidas por suas ações individuais. A cultura, portanto, não é algo externo ou interno ao indivíduo, é algo construído através de atos rotineiros que incluem tanto as condições materiais quanto a experiência dos atores sociais no uso de seus corpos ao se movimentarem em um espaço familiar.

Uma língua é um conjunto de práticas que integram não somente um sistema particular de palavras e regras gramaticais, mas também um esforço, amiúde oculto ou esquecido, sobre o poder simbólico de uma forma particular de comunicação, com sistemas particulares de classificação, formas de referência e tratamento, léxicos especializados e metáforas. Portanto, uma vez que não se pode estudar uma língua sem considerar as condições sociais nas quais a mesma está imiscuída, conclui-se que formas alternativas de falar possuem significados sociais distintos.

Assim sendo, para analisar a língua sob a perspectiva das práticas sociais é preciso atentar para o quadro maior de práticas cotidianas das pessoas, de que o uso da língua faz parte. É necessário observar o que as pessoas fazem na sua vida em sociedade, desde a forma como se vestem, seus hábitos de lazer, até seus rituais de cortejamento, suas opiniões políticas, etc. Dessa forma, pode-se entender como a fala produz ação social e acarreta conseqüências para nosso modo de estar no mundo e, em última instância, para a humanidade.

A fim de analisar a língua sob o prisma das práticas sociais, é preciso, portanto, situá-las no contexto cultural em que ocorrem. Para tanto, proceder-se-á, em primeira instância, à exposição do que será entendido como cultura²⁰ nesta pesquisa. É o que se fará na seção que segue.

3.2 Cultura como um sistema de práticas

A Lexicologia tomou corpo no final do século XIX e primeira metade do século XX com o trabalho de muitos estudiosos, distribuídos principalmente em três áreas, que são: i) a semântica evolutiva, ou história das palavras; ii) o domínio conhecido como de 'palavras e coisas' e iii) a geografia lingüística. Biderman (1981) enfatiza que, embora essas áreas privilegiassem enfoques distintos, sempre relacionaram o léxico à cultura. O presente estudo seguirá essa tradição e adotará uma perspectiva teórica que estabeleça a ligação do léxico à cultura. Tal união será

²⁰ Esse conceito não tem a pretensão de ser exaustivo, ou seja, não objetiva abarcar definições ampliadas e variadas do termo. Pretende-se apenas delimitar e informar o que será entendido como 'cultura' para os fins deste trabalho.

estabelecida por meio do estudo da relação existente entre as inovações ocorridas no léxico (neologismos) e as possíveis práticas sociais que motivaram e sustentam tais ampliações. A análise dos neologismos por meio da distribuição das unidades lexicais simples em campos léxicos, objetivo último desta pesquisa, partirá da identificação das práticas culturais que as originaram e as sustentam.

De acordo com o que já foi dito ao final da seção anterior, é fundamental que se proceda à definição do que será aqui entendido como cultura, uma vez que o termo, além de admitir inúmeras acepções, é crucial para este estudo, que correlacionará léxico e cultura. Seguir-se-á, primordialmente, a conceituação de cultura proposta pelos biólogos Maturana e Varela (2004), que refletem sobre as bases biológicas da compreensão humana, incluindo em suas concepções as perspectivas da biologia, da sociologia, da antropologia, da epistemologia e da ética. Como se verá adiante, a acepção de cultura proposta por Maturana e Varela possui estreita relação com a Teoria da Prática de Bourdieu, assim como com o conceito de Cultura como Prática Corporificada proposto por Foley (1997). As três propostas relacionam língua e cultura, essa sempre entendida como uma construção que se processa entre indivíduos e que se transmite de geração a geração.

Os biólogos iniciam suas considerações dizendo que nossa trajetória de vida nos faz construir nosso mundo, na mesma medida em que esse também constrói seu próprio conhecimento a nosso respeito. Tal afirmativa não é de fácil aceitação, uma vez que nos obriga a assumir responsabilidades advindas de nossa participação direta nesse processo interativo de construção, bem como nos impele a desocupar a

confortável posição de receptores de informações provenientes de um mundo supostamente já pronto e acabado. Maturana e Varela assim sintetizam a questão:

Essa circularidade, esse encadeamento entre ação e experiência, essa inseparabilidade entre ser de uma maneira particular e como o mundo nos parece ser, nos diz que **todo ato de conhecer faz surgir um mundo**. [...] Tudo isso pode ser englobado no aforismo: **todo fazer é um conhecer e todo conhecer é um fazer**. (MATURANA E VARELA, 2004, p. 31)

A afirmação de que todo conhecer é um fazer daquele que conhece deixa claramente implícita a interligação daquele que conhece com a própria maneira de seu **ser vivo**, com a sua **organização**. A esse fenômeno recorrente de interação entre organismo e ambiente, sem que a unidade perca a sua própria organização, Maturana e Varela (2004) denominam de acoplamento estrutural. Quando um organismo entra em acoplamento estrutural com outros organismos, ocorre o que os autores classificam de acoplamento de terceira ordem. Tais acoplamentos são vitais para a continuidade dos organismos de reprodução sexuada, já que ao menos os gametas devem se encontrar e fundir-se.

Pensando no ser humano, pode-se dizer que sempre que há um fenômeno social, há um acoplamento estrutural entre indivíduos, com o conseqüente estabelecimento de uma conduta de coordenação recíproca entre eles. Maturana e Varela (2004) entendem a **comunicação** como o desencadeamento mútuo de comportamentos coordenados que se estabelecem entre os membros de uma unidade social. Para que a conceituação fique completa, é mister que se diga que

esses comportamentos coordenados, de natureza ontogênica²¹, devem ser - para quem os observa - passíveis de associação a termos semânticos. É justamente essa qualidade dos acoplamentos comunicativos ontogênicos, qual seja, a de poderem figurar como semânticos para um observador, que permite relacionar essas condutas à linguagem humana. Os autores designam essa classe de condutas como constituintes de um **domínio lingüístico** que se forma entre os organismos participantes:

Chamamos de **domínio lingüístico** de um organismo ao âmbito de todos os seus comportamentos lingüísticos. Os domínios lingüísticos são em geral variáveis e mudam ao longo das ontogenias dos organismos que os produzem. (MATURANA E VARELA, 2004, p. 231)

Embora o homem não seja o único animal detentor de um domínio lingüístico, esse é, evidentemente, muito mais ampliado no ser humano. Devido a isso, o homem, valendo-se da reflexão e da consciência como veículos para a criação ilimitada de novos fenômenos, pode descrever a si mesmo e à sua circunstância. Consoante Maturana e Varela (2004, p. 233): **“Somente quando se produz essa reflexão lingüística existe linguagem**, o observador surge e os organismos participantes de um domínio lingüístico passam a funcionar num domínio semântico”.

Conforme mencionado no início deste capítulo, nesta pesquisa adotar-se-á a acepção de cultura proposta por Maturana e Varela (2004, p. 223), uma vez que ela permite que se estabeleça a ligação entre história e sincronia da língua: **“Entendemos por conduta cultural** a estabilidade transgeracional de configurações

²¹ Este estudo considera apenas os comportamentos de natureza ontogênica. Ontogenia é o desenvolvimento de um indivíduo desde a sua concepção até a idade adulta; filogenia, por sua vez, é a história evolutiva de uma espécie.

comportamentais ontogeneticamente adquiridas na dinâmica comunicativa de um meio social”.

É importante que se ratifique que as condutas culturais ontogênicas são aquelas que, diferentemente das formas filogenéticas, ocorrem no domínio de um acoplamento social.

Para caracterizar um caso de comunicação ontogênica, Maturana e Varela (2004) citam como exemplo uma espécie de pássaro africano que, por viver em selva densa, encontra dificuldades em manter contato visual com seus pares. A forma que o grupo encontra para formar pares é por meio do estabelecimento de um canto comum, que na realidade é um dueto, em que cada membro constrói uma frase que é continuada pelo outro. A melodia construída é peculiar ao casal, sendo mantida durante toda a sua história de acasalamento. Assim sendo, outro casal de aves utilizará uma melodia diferente, assim como os filhotes de cada casal, ao desenvolverem comportamentos de acasalação, o farão produzindo melodias distintas daquelas empregadas por seus progenitores.

Outro exemplo - embora distinto - citado como conduta ontogênica é o de um caso de comportamento imitativo registrado em Londres e vizinhanças. Os autores contam que, em uma certa ocasião, foram substituídas as coberturas das garrafas de leite distribuídas na região - até então feitas de papelão - por uma fina camada de papel alumínio. Alguns dias após a mudança, observou-se que algumas aves locais, em especial os chapins azuis, começaram a perfurar a fina cobertura de alumínio, alimentando-se da nata do leite. O mais surpreendente é que tal comportamento expandiu-se do foco central a todas as ilhas britânicas, de modo que rapidamente

todos os chapins azuis adquiriram a capacidade de perfurar as garrafas de leite em pontos geograficamente distintos. Embora esse comportamento seja ontogênico, é muito distinto do anteriormente citado, uma vez que se trata de um comportamento imitativo. Maturana e Varela (2004) consideram a imitação uma tendência essencial e única dos vertebrados, não sendo fácil dizer em que consiste exatamente em termos de fisiologia nervosa, sendo óbvia no que se refere ao comportamento. No caso dos chapins azuis, a imitação permitiu que a conduta focal de tais pássaros se espalhasse rapidamente. A imitação é, em suma, uma forma eficiente de manutenção da invariância da ontogenia de um indivíduo através de gerações sucessivas. Caso contrário, se os filhotes de chapins não tivessem a capacidade de imitar, o hábito de comer a nata do leite precisaria ser inventado a cada nova geração.

Pode-se tomar o conceito de comportamento ontogênico imitativo - ilustrado por Maturana e Varela por meio do exemplo dos chapins azuis - e relacioná-lo com a noção de *habitus* construída por Bourdieu, o que se fará na seção seguinte.

3.2.1 *Habitus e cultura*

Em sua Teoria da Prática ou, mais precisamente, teoria do modo de geração de práticas, Bourdieu (1977) construiu a noção de *habitus*, que é por ele assim definido:

Um sistema de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, i.e., princípios que geram e estruturam práticas e representações que podem ser objetivamente reguladas e regulares, de modo algum resultantes da obediência a regras, e sem pressupor um objetivo consciente ou domínio exposto das operações necessárias para atingi-las. (BOURDIEU, 1977, p. 72)

O *habitus* fornece aos indivíduos um ‘senso prático’ de como agir em suas vidas, guiando suas ações, sem, contudo, determiná-las estritamente. Esse ‘senso prático’ é corporificado, realizado irrefletidamente, ou seja, integra a forma como os seres humanos se comportam através de sucessivas histórias de acoplamentos estruturais com outros seres ao longo da vida, especialmente com os pais, parentes e pares, durante a primeira infância.

Diante do exposto, vê-se claramente que tanto a noção de *habitus* quanto a de comportamento ontogênico imitativo são convergentes, ou seja, dão conta da invariância das práticas grupais resultantes do *habitus*, muito embora Maturana e Varela não utilizem essa nomenclatura. Ver-se-á que Foley (1997) - autor mencionado logo a seguir - ao apresentar sua acepção de cultura utiliza as disposições de Maturana e Varela (2004) e de Bourdieu (1977).

O corpo é, para Foley (1997), o local em que a história de nossos acoplamentos estruturais é inscrita. Nós somos, portanto, o produto dessa história e concomitantemente - uma vez que as disposições do *habitus* são gerativas - nós continuamente as reproduzimos ao longo da história. Essa compreensão corporificada do mundo, incluindo disposições do *habitus*, é tácita. O *habitus* é a história corporificada, é a ação corporificada, internalizada como uma segunda natureza e esquecida como história; correspondendo à presença ativa do passado do qual é produto. Merleau Ponty, ao discorrer sobre o tema, afirma:

[...] em cada um de nós, em proporções variáveis, há parte do homem de ontem; é o homem de ontem que inevitavelmente predomina em nós, já que o presente equivale a pouco comparado com o longo passado no curso do qual nós fomos formados e do qual resultamos. Mesmo assim, nós não sentimos esse homem do passado, pois ele está radicado em nós; ele cria a parte inconsciente de nós mesmos. Conseqüentemente, somos levados a não tomar conhecimento dele, não mais do que tomamos conhecimento de suas demandas legítimas. Contrariamente, nós estamos muito cientes das mais recentes realizações da civilização, pois, sendo recentes, elas ainda não tiveram tempo para se fixar em nosso inconsciente. (apud BOURDIEU, 1977, p. 79)

O *habitus*, por ser o produto de uma classe peculiar de regularidades objetivas, tende a gerar comportamentos ‘razoáveis’ e de ‘senso comum’, que são possíveis somente dentro dos limites dessas regularidades. Conforme afirma Bourdieu (1990, p. 56): “O *habitus* é uma espontaneidade, sem consciência ou vontade, que reflete a ação coletiva e fornece aos indivíduos um senso prático de como atuar na vida, guiando essas ações e não as determinando de forma rigorosa”. Esse ‘senso prático’, como já foi dito, é corporificado, da mesma forma como o são, conseqüentemente, as disposições que formam o *habitus* e fornecem tal senso. Foley (1997) cita como exemplo o hábito que os homens têm de urinar em pé. O autor afirma que não há nenhuma razão biológica que determine tal comportamento, sendo perfeitamente possível que o homem urine sentado, desde que se disponha. O hábito de urinar em pé serve para exemplificar uma convenção irrefletida, socialmente aceita, corporificada e repetida. A assimilação dessas disposições corporificadas acontece por meio de relações estruturais históricas, que têm lugar especialmente na infância, sob a influência dos pais e familiares e, mais tarde, dos colegas de escola. Somos, portanto, produto da história de nossas interações e, ao mesmo tempo, devido às disposições geradoras do *habitus*, acabamos por reproduzi-las sucessivamente.

Essa é a razão por que muitas práticas geradas por disposições do *habitus* são transmitidas de geração a geração, ou seja, são potencialmente práticas culturais. Foley (1997), conjugando a proposta teórica de Maturana e Varela (2004) e a noção de *habitus* construída por Bourdieu (1977), propõe o que denominou de Cultura como Prática Corporificada, assim entendida:

Cultura, nesse ponto de vista, é aquele domínio de práticas transgeracionais, através das quais organismos humanos, num sistema social, comunicam-se uns com os outros. Essas práticas [...] ocorrem como parte de histórias em andamento de acoplamentos estruturais sociais e contribuem para a viabilidade do acoplamento continuado. [...] nesse sentido, um piscar de olhos é uma prática cultural porque ela ocorre no contexto de recorrentes acoplamentos estruturais sociais bem sucedidos, uma prática inculcada no *habitus* por muitas gerações como uma ação aceitável e bem-sucedida em interações particulares. (FOLEY, 1997, p. 14)

Partindo do que foi explicitado até então, vê-se que as práticas lingüísticas constituem uma maneira eficaz de conferir significado às práticas sociais, que nada mais são do que práticas culturais. É por meio da língua e por intermédio de uma rede de acoplamentos estruturais que os seres humanos relacionam-se e constroem um mundo de significados.

O próximo item, como decorrência desta seção - que mostrou a ligação existente entre práticas lingüísticas e sociais - abordará o conceito de léxico, que representa, em termos gerais, a história sociocultural da comunidade que o gerou.

3.3 Léxico e sociedade

Segundo Oliveira (2001), o léxico é formado por um conjunto de vocábulos que representam a herança sociocultural de uma comunidade. O léxico de uma língua conserva estreita relação com a história cultural da comunidade. Essa

associação entre língua, história e sociedade vem sendo enfatizada há bastante tempo por diversas gerações de lingüistas. Saussure, em seu *Curso de Lingüística Geral*, já sinalizava o fenômeno: “A linguagem é um fato social” (1999, p. 14). Meillet, em 1948 (apud ALVES, 1994, p. 77), além de adotar a premissa proposta por Saussure, qual seja, o caráter social da linguagem, expõe seu entendimento de que a uma estrutura social corresponderia uma estrutura lingüística e que, de maneira geral, as transformações sociais traduzir-se-iam por mudanças de estrutura lingüística. Matoré, em 1953, ao formular sua conceituação de campos nocionais²² reconhece as relações estabelecidas entre a sociedade e a unidade lexical, entendendo ser a lexicologia uma disciplina que ocupa uma posição particular entre a lingüística e a sociologia. Seguindo-se essa posição, utilizam-se materiais provenientes de diferentes áreas do conhecimento, tais como a história, a lingüística e a economia para a elaboração de estudos lexicais. Lexicólogos brasileiros também se manifestaram a esse respeito. Alves (1994, p. 87) afirma que: “o estudo sistemático da neologia no português brasileiro é, sob a perspectiva lingüística, a análise dos processos de formação de novas palavras; do ponto de vista extralingüístico, constitui o estudo da evolução da sociedade brasileira”. Investigar a língua de um povo é, portanto, investigar também sua cultura, considerando-se que é no léxico que se armazenam e acumulam as aquisições culturais mais significativas para uma sociedade. Segundo Isquierdo (2001, p. 91): “[...] o estudo de um léxico regional pode fornecer, ao estudioso, dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo”.

²² A esse respeito, ver seção 3.6.

Por ser composto por meio de sucessivos atos de cognição da realidade, o léxico de uma língua natural é um vasto acervo sujeito a constantes ampliações, ocorridas à medida que os falantes sentem necessidade de analisar, recortar, classificar e organizar dados provenientes de novas experiências para, dessa forma, reelaborar e sustentar sua visão do mundo. Ao nomear realidades do mundo, o léxico define fatos culturais próprios de seus falantes. Além disso, conforme Biderman (2001a), o léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade lingüística ao longo de sua história, constituindo um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos (lexicais) herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras. Adotando essa acepção de léxico, este estudo pretende colaborar para o esclarecimento de alguns aspectos culturais da comunidade que dele se utiliza, considerando que as transformações socioculturais refletem-se no acervo léxico de tal comunidade. Dito de outra forma, admite-se que mudanças em práticas sociais impliquem mudanças nas práticas lingüísticas, de que o acervo léxico resulta. O próximo item conceituará 'neologia lexical', processo de ampliação do léxico.

3.3.1 Neologia lexical

Posto que já foram devidamente esclarecidos os conceitos de léxico e cultura, é preciso que se proceda, agora, à conceituação de neologia. Alves (1994) explica que o acervo lexical de todas as línguas vivas renova-se constantemente. Os falantes criam,

de acordo com suas necessidades expressivas, uma grande quantidade de vocábulos ou unidades lexicais, denominados **neologismos**. O nome dado ao processo de criação lexical é **neologia**. O neologismo pode originar-se a partir do emprego de mecanismos oriundos da própria língua - os processos autóctones - ou pela utilização de itens lexicais provenientes de outros sistemas lingüísticos. Alves (2001, p. 28) observa que na língua geral predomina a formação de unidades lexicais simples, constituídas por um único elemento, ao passo que nos tecnoletos são mais freqüentes as formações sintagmáticas, compostas por dois ou mais elementos que integram uma unidade complexa e correspondem a um único conceito. Esta pesquisa abordará somente os neologismos por empréstimo lexicais, ocorridos em unidades lexicais simples.

Conforme já foi dito, neologismos surgem para suprir necessidades expressivas dos falantes. Muitos deles serão abandonados posteriormente, outros se incorporarão definitivamente ao léxico da língua, ampliando-o. De acordo com Ferreira (1993), o neologismo pode consistir tanto na criação de unidades lexicais, quanto na mudança de uma unidade já existente ou, ainda, na adoção de unidades lexicais estrangeiras. Esse último caso constitui o que se denomina **neologismo por empréstimo**, que pode ocorrer em virtude do contato entre línguas em uma dada região, como é o caso do português e da fala dialetal italiana (RCI-RS) considerados nesta pesquisa. Biderman (2001b) denomina **neologismo formal** a palavra nova introduzida no idioma. Para a autora, essa espécie de neologismo pode ser tanto um termo vernacular quanto um empréstimo estrangeiro (ex.: *celular, escanear*). Vê-se,

portanto, que dentro desse conceito incluem-se o primeiro e o último caso de neologismos propostos por Ferreira (1993).

Segundo Battisti e Tedesco (2003), diferentes estudos dedicados à neologia e neologismos referem Guilbert (1975) como o proponente da tipologia que define os processos instauradores da neologia lexical. Para realizar seu estudo no âmbito das línguas em contato, os pesquisadores da equipe BDSer-Lex adaptaram a tipologia desse autor. Assim, com base em Guilbert (1975) e Haugen (1972), os pesquisadores propuseram classificar os neologismos por empréstimo em: lexicais (ex.: *brodo*), sintáticos (ex.: *tortelada*) e semânticos (*tirar*, no sentido de *colher*). Os neologismos lexicais adotam significante e significado da língua estrangeira, com algum grau de adaptação fonética²³; os sintáticos²⁴ resultam da combinação de elementos já existentes no sistema lingüístico e os semânticos, por sua vez, correspondem a mudanças de significado sem que se opere nenhuma mudança formal nas unidades lexicais preexistentes. Nessa espécie de neologismo, uma unidade da língua-receptora passa a ser empregada com significado distinto, em função da significação na língua-matriz.

A neologia lexical por empréstimo é uma forma de ampliação do acervo lexical que se manifesta em diferentes níveis. Para Alves (1994), o vocábulo estrangeiro empregado em outro sistema lingüístico é, inicialmente, percebido pelos falantes como externo ao léxico de sua língua. Essa unidade lexical é então

²³ Segundo Guilbert (1975, p. 3590): “[...] é o fenômeno de adaptação ao novo código que caracteriza o empréstimo, mais que a forma estrangeira”.

²⁴ São denominados sintáticos porque a combinação de seus elementos constituintes pode ser do tipo lexical ou frásico.

denominada **estrangeirismo**²⁵, por ainda não fazer parte do léxico da língua receptora. Para que se torne efetivamente um empréstimo, a unidade estrangeira passa por um processo de adaptação à língua receptora, sofrendo modificações fonéticas, morfológicas ou semânticas. Outro critério que pode ser utilizado para caracterizar um estrangeirismo como um empréstimo, ou seja, como parte integrante do acervo lexical de um idioma, é seu emprego freqüente por parte dos falantes - tanto monolíngües, quanto bilíngües - do idioma em questão. Outra questão a ser considerada para que uma palavra estrangeira seja considerada um empréstimo é a sua identificação com a gramática de uma língua. Sendo assim, é indiscutivelmente entre os substantivos que se verifica o maior número de empréstimos. Poplack e Meechan (1998, p. 127 apud SANKOFF, 2002, p. 650) afirmam que palavras de classes majoritárias²⁶, tais como substantivos, verbos e adjetivos, têm maior probabilidade de serem tomadas por empréstimo.

Unificando os critérios acima apontados, quais sejam, adaptação fonética, morfológica ou semântica; ratificação ou legitimação da comunidade e predominância de unidades lexicais pertencentes a classes majoritárias, pode-se inferir que os itens lexicais que compõem o *corpus* desta pesquisa são neologismos por empréstimo decorrentes do contato entre o português e a fala dialetal italiana (RCI-RS), uma vez que estão presentes os requisitos que os caracterizam.

Na análise do léxico enquanto manifestação cultural de determinada comunidade, o agrupamento das unidades em campos auxilia o vislumbre de valores

²⁵ Weinreich denomina de **empréstimos temporários** as unidades lexicais que ainda não foram integradas como empréstimos à língua receptora.

²⁶ Das 134 ULS que formam o corpus do BDSer-Lex, 76% delas pertencem a classes majoritárias.

culturais a eles tacitamente atribuídos pelo homem. Somente dessa forma, qual seja, analisando as unidades em sua totalidade, relacionando-as entre si e posteriormente organizando-as - conforme o significado cultural a elas inerente - em campos léxicos, que são, por sua vez constituídos por ULS agrupadas segundo critérios semânticos²⁷, será possível a visualização da interação desses campos por meio de valores comuns. Este estudo parte da premissa de que uma rede semântica sustenta-se em função dos costumes e valores culturais de uma comunidade. Guiraud (1989, p. 100) salienta que não se deve confundir a noção de *campo* semântico com a de *sistema* fonológico ou morfológico, em que cada elemento é necessário ao funcionamento do conjunto, e que talvez seja o único que mereça o nome de *estrutura*. Para Guiraud, o campo semântico é um conjunto de relações do qual cada termo tira sua motivação, mas de relações não necessárias e não sistematizáveis. O autor conclui seu raciocínio dizendo que: “[...] Esse caráter contingente²⁸ das relações léxicas parece proibir qualquer esperança de se considerar o léxico como um sistema inteiramente estruturado”.

Isso nos permite concluir que o léxico se modifica mediante alterações culturais, o que provoca, conseqüentemente, mudanças na organização dos campos léxicos.

A seção que segue revisará a literatura produzida sobre campos léxicos, mostrando, ao final, o modelo que melhor se adapta à proposta de análise aqui empreendida.

²⁷ Segundo Barbosa (2003), aos signos lingüísticos que compõem um CL correspondem significados que têm um núcleo sêmico comum e constituem o CS de determinado CL.

²⁸ Guiraud (1989) explica que o léxico é dotado desse caráter porque o criador da palavra é livre para escolher entre diferentes modos de motivações criadoras.

3.4 Teoria do campo léxico

3.4.1 Campo: diferentes concepções

Antes de dar início às explicações inerentes à teoria do campo léxico - apontada como fundamental para a semântica moderna - é preciso que se formulem algumas considerações sobre a variação terminológica utilizada pela doutrina do campo²⁹.

Geckeler (1976) assinala uma importante distinção entre os termos *campo léxico* e *campo semântico*. Conforme o autor, a denominação 'campo léxico' deve ser utilizada por estudos que abordem significados exclusivamente léxicos. Contrariamente, o termo 'campo semântico', por ser mais amplo, é compatível com estudos que - como o próprio nome indica - ultrapassem o nível puramente lexical, uma vez que o adjetivo 'semântico' não se limita ao domínio léxico da língua, podendo englobar, também, fatores extralingüísticos. Essa diferenciação apontada por Geckeler é extremamente relevante para este trabalho, uma vez que nele os fatores extralingüísticos têm lugar de destaque na análise lexicológica. As diferentes concepções de campo encontradas na literatura serão brevemente comentadas a seguir.

²⁹ Trier, em 1934, foi o primeiro estudioso a observar a confusa e variada terminologia empregada nos estudos sobre campo.

3.4.2 Estudos anteriores à formulação da teoria do campo léxico

Segundo Coseriu (apud GECKELER, 1976, p. 101), Heyse foi o analista mais antigo e ao mesmo tempo mais moderno³⁰ que dissertou sobre a conceituação de campo. Em trabalho publicado postumamente (1856) encontra-se uma análise de conteúdo estrutural do campo léxico do vocábulo alemão “Schall” (sonoridade), embora não tenha sido usado o termo ‘campo léxico’³¹. A primeira formulação explícita da idéia de campo, anterior a Trier, provém de Ipsen (1924). Em sua proposição encontra-se o ponto de partida do emprego da imagem do mosaico³² na investigação do campo:

Además, las palabras autóctonas no están nunca solas en una lengua, sino que se encuentran reunidas en grupos semánticos; con ello no hacemos referencia a un grupo etimológico, aún menos a palabras reunidas en torno a supuestas ‘raíces’, sino a aquellas cuyo contenido semántico objetivo se relaciona con otros contenidos semánticos. Pero esta relación no está pensada como si las palabras estuviesen alineadas en una serie asociativa, sino de tal suerte que todo el grupo forme un ‘campo semántico’ estructurado en sí mismo; como en un mosaico, una palabra se une aquí a la otra, cada una limitada de diferente manera, pero de modo que los contornos queden acoplados y todas juntas queden englobadas en una unidad semántica de orden superior, sin caer en una oscura abstracción. (apud GECKELER, 1976, p. 102)

Conforme Geckeler (1976), a proposição de Ipsen para a conceituação de campo é pouco significativa para uma análise lingüística puramente aplicada ao conteúdo, uma vez que não é fácil encontrar grupos de palavras que manifestem, concomitantemente, afinidade formal e semântica.

³⁰ Sua análise é considerada moderna por seu conteúdo.

³¹ Esse termo foi empregado primeiramente por Trier (1931).

³² Essa imagem será utilizada por Trier, quando da elaboração da sua teoria do campo léxico, constituindo um dos principais pontos de ataque contra sua proposição.

Geckeler cita ainda os estudos empreendidos por Jolles e Porzig. Para o primeiro, os campos semânticos são campos mínimos compostos por dois membros, como por exemplo, *padre-hijo*. Para o segundo, as relações semânticas entre grupos como *coger-mano*, *ver-ojo*, entre outras, são relações calcadas na essência dos significados pensados, sendo por isso denominadas ‘relações semânticas essenciais’. Vê-se que a idéia de campo proposta por Porzig é oposta ao conceito de campo idealizado por Trier (ver item 3.5). Porzig defende o campo mínimo, entendendo os componentes do sistema semântico simplesmente como unidades lingüisticamente existentes, relacionadas sintagmaticamente³³. Trier assim resume suas críticas aos campos de Jolles e Porzig:

Su nítida delimitación constituye al mismo tiempo su limitación. No son estructuras parciales de una estructura mayor, sino que son pequeños lugares estructurados dentro del desierto de lo no estructurado. Aquí se ve, ciertamente, que los campos *se organizan [ausgliedern]* (em palabras), pero no que *se articulan [engliedern]* (a partir de unidades superiores). (apud GECKELER, 1976, p. 108)

Os conceitos de campo formulados tanto por Jolles quanto por Porzig não chegaram a ser decisivos para a investigação dos campos léxicos empreendida por Trier e Weisgerber. Dessa investigação tratará o próximo item.

³³ Segundo Trask (2004, p. 258), uma relação sintagmática é aquela que se estabelece entre quaisquer elementos lingüísticos que estejam simultaneamente presentes numa ‘estrutura’.

3.5 Concepção de campo conforme Trier e Weisgerber

A conceituação de campo segundo Trier e Weisgerber foi de vital importância para o desenvolvimento da semântica moderna.

Em 1931, Trier - assumidamente influenciado por Saussure, Ipsen e Weisgerber³⁴ - iniciou suas investigações sobre campo a partir de sua intenção de expor, integralmente, o desenvolvimento histórico do vocabulário alemão da esfera conceitual do entendimento.

Dada a influência que Saussure exerceu sobre a obra de Trier, torna-se aqui necessário um breve retorno cronológico ao ano de 1916, data da publicação do *Cours de linguistique générale*. Nessa obra, pode-se observar que Saussure foi o grande precursor da idéia de campo, embora em seu trabalho não se encontre nenhum capítulo dedicado totalmente à semântica³⁵. Em suas explanações sobre *la valeur linguistique*, Saussure formula idéias que podem ser consideradas como pertencentes aos fundamentos da teoria do campo - muito embora o termo 'campo' não seja mencionado - por antecipar intuitivamente seu caráter paradigmático³⁶:

Visto ser a língua um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros, [...] No interior de uma mesma língua, todas as palavras que exprimem idéias vizinhas se limitam reciprocamente: sinônimos como *recear, temer, ter medo* só têm valor próprio pela oposição; se *recear* não existisse, todo seu conteúdo iria para os seus concorrentes [...]. (SAUSSURE, 1999, p. 133)

³⁴ A esse respeito, assim manifesta-se Trier: "No sabría ya decir si la teoria del campo la he desarrollado sólo con ayuda de Saussure o si me han influido también las doce líneas de Ipsen [...] En el conjunto de mis ideas me siento especialmente influenciado por Saussure y especialmente ligado a Weisgerber." (apud GECKELER, 1976, p. 103)

³⁵ Essa ausência é apontada pelos editores do *Cours de linguistique générale* (1999, p.04).

³⁶ Trask (2004, p. 257) esclarece que paradigmática é a relação que se estabelece entre um conjunto de itens lingüísticos que, em algum sentido, constituem escolhas alternativas, de modo que apenas uma de cada vez pode estar presente numa dada posição.

Trier adotou de Saussure a idéia de língua como sistema e foi o primeiro lingüista que empregou esse princípio na investigação do vocabulário. Para Trier, as idéias de totalidade, de articulação e de estrutura são as guias norteadoras da conceituação de campo. Empregando essas premissas, é desta forma que o autor define campo:

Campos son las realidades lingüísticas vivas, situadas entre las palabras individuales y el conjunto del vocabulario, que, en cuanto totalidades parciales, tienen como característica común con la palabra el articularse [*ergliedern*] y, con el vocabulario, el organizarse [*ausgliedern*]. El grado jerárquico es indiferente. (apud GECKELER, 1976, p. 123)

A teoria do campo foi muito criticada pelo fato de algumas de suas pretensões serem um tanto quanto extravagantes e pouco convincentes. A idéia da organização do vocabulário em mosaico - de forma homogênea - em que não são permitidos vazios nem sobreposições, é sustentável somente quando restrita ao estudo de conteúdos léxicos de tipo abstrato, passando a ser impraticável quando aplicada à análise do vocabulário do mundo físico e material, que é sempre impreciso em seus limites. Tais limitações, contudo, não obscurecem a importância da teoria dos campos. Ullmann (1964) aponta algumas contribuições que essa teoria trouxe para os estudos lingüísticos: introduziu um método verdadeiramente estrutural na lingüística; superou o conceito dos campos associativos (ver item 3.6) - centrado nas palavras individuais - ao considerar que as palavras têm importância secundária e o que conta realmente é a estrutura do campo léxico como um todo; forneceu um método valioso para abordar a influência da linguagem no pensamento. Nesse

sentido, um campo semântico não reflete apenas as idéias, os valores e as perspectivas da sociedade contemporânea, cristaliza-as e perpetua-as também, transmitindo às gerações seguintes uma análise prévia das experiências por meio das quais será construído e visto o mundo, até que essa análise torne-se obsoleta e ocasione a reconstrução do campo.

Depois que Trier deixou de mencionar, em suas publicações, a teoria do campo, Weisgerber deu continuidade as suas idéias, de tal sorte que hoje podemos falar do conceito de campo Trier-Weisgerber como de uma concepção unitária. O principal mérito atribuído a Weisgerber é, sem dúvida, o fato de haver retirado a teoria do campo de sua controvertida e isolada existência, incluindo-a numa teoria lingüística mais completa e precisa terminologicamente, baseada na famosa frase de Humboldt (apud GECKELER, 1976, p. 126): “La lengua, concebida en su esencia real, es algo pasajero constantemente y en todo momento... *No es una obra (ergon), sino una actividad (energeia)*”. Para Weisgerber, a idéia de campo na análise lingüística é aplicada ao conteúdo:

La mayor importancia de la idea del campo es la de haber llegado a ser el concepto metodológico central de la investigación aplicada al contenido lingüístico y, al mismo tiempo, la clave para el descubrimiento de una visión lingüística del mundo. *La tarea fundamental de la lexicología aplicada al contenido está en señalar la existencia y la estructura de los campos léxicos existentes en una lengua.* (apud GECKELER, 1976, p. 127)

Weisgerber desenvolveu a estrutura do CL de forma teórica e prática, distinguindo, no que superou Trier, dois estratos de articulação, quais sejam, os campos unidimensionais e os campos pluridimensionais, ponto que foi posteriormente desenvolvido por Coseriu. Embora a comparação com o mosaico - proposta por Trier - não seja explicitamente visível na teoria de Weisgerber, pode-se

vislumbrá-la na seguinte passagem retirada de Geckeler (1976, p. 168): “La idea de la articulación y recíproca delimitación se aproxima ciertamente a la idea de una red completa o mosaico[...]”.

Não obstante diversos lingüistas tenham assumido posicionamento contrário à teoria de Trier-Weisgerber (análise lingüística aplicada ao conteúdo), os princípios fundamentais dessa teoria ainda não foram rompidos. Geckeler (1976) entende que uma das maiores limitações de todos os trabalhos realizados envolvendo campos léxicos reside na falta de um método, de uma técnica lingüística com procedimentos lingüísticos, o que implica investigações movidas sobre bases intuitivas. Essa é, justamente, a principal objeção feita à investigação do campo trieriano. Isso faz com que, até os dias de hoje, problemas como a delimitação recíproca dos campos léxicos, assim como a integridade de seus componentes, não tenham sido satisfatoriamente solucionados.

Inúmeras foram as críticas direcionadas ao trabalho executado por Trier e Weisgerber. Por essa razão, optou-se aqui por transcrever unicamente a opinião de Coseriu acerca do assunto:

[...] hay que renunciar definitivamente a la noción y a la imagen del ‘mosaico’ léxico (o de la ‘red’) – con lagunas o sin ellas – que cubriría la realidad extralingüística. El léxico estructurado de una lengua no es una superficie plana, sino un edificio de varios pisos; y las distinciones ‘de campo’ que las lenguas hacen con respecto a la realidad designada no se encuentran en los mismos pisos en las distintas lenguas. (COSERIU, 1977, p. 142)

Pode-se concluir, juntamente com Vilela (1979), que é somente a partir do advento da teoria dos campos léxicos que se constrói uma teoria apropriada para a análise paradigmática do léxico. É, portanto, a concepção de língua como um sistema

o que nos permite considerar o léxico estruturalmente. Partindo-se dessa importante afirmação, conclui-se que o léxico não é uma lista de unidades isoladas, o que possibilita, conseqüentemente, a construção de uma semântica estrutural³⁷.

Após a conceituação do campo trieriano, alguns investigadores propuseram outros conceitos que se encontram aqui englobados sob a denominação de ‘campos associativos’. Tais acepções serão descritas na seção que segue.

3.6 Campos associativos

Em primeiro lugar, é fundamental que se esclareça que os ‘campos léxicos’ não podem ser confundidos com os ‘campos associativos’, esses assim definidos por Vilela:

Os campos associativos partem da relação de analogia ou contigüidade entre os significantes, entre os significados, ou entre os significados e os significantes, conjuntamente. Neste caso trata-se de uma configuração de associações, de ordem vária, dum signo com outros signos da língua e em que interferem, normalmente, os factos extralingüísticos. (VILELA, 1979, p. 48)

Os campos associativos – diante da possibilidade de infinitas conjugações e pela mescla de fatores lingüísticos e extralingüísticos – são de estruturação difícil ou praticamente impossível.

Bally, em 1940, indiretamente influenciado pela concepção de ‘séries associativas’ idealizada por Saussure, introduziu o seu conceito de ‘campo associativo’:

³⁷ Essa tentativa foi feita - de modo independente e ignorando cada qual o trabalho dos restantes - na Europa por Coseriu, Pottier, Greimas e Lyons; na América do Norte, por Bendix, Nida e Lehrer.

O campo associativo é um halo que circunda o signo e cujas franjas exteriores se confundem com o ambiente... A palavra *boi* faz pensar: 1) em 'vaca, touro, vitelo, chifres, ruminar, mugir', etc.; 2) em 'lavoura, charrua, jugo', etc.; finalmente 3) pode evocar, e evoca em francês, idéias de força, de resistência, de trabalho paciente, mas também de lentidão, de peso, de passividade. (apud ULLMANN, 1964, p. 500)

As associações que Bally pretendeu reunir em um campo representam - e essa é a grande crítica feita ao seu trabalho - relações semânticas muito distintas, excedendo, em parte, ao puramente lingüístico e fundando-se simplesmente nas coisas. Segundo Geckeler (1976), uma crítica ao seu experimento, do ponto de vista de uma semântica estrutural, deve incluir dois questionamentos: i) as associações são infinitas e individuais, o que faz com que não sejam previsíveis nem sistematizáveis, e ii) as associações não são estritamente lingüísticas, podem estar condicionadas também pelas coisas. Ao comentar esse último tópico, Coseriu deslinda a questão:

Toda cosa puede asociarse con otra que se encuentre constantemente o a menudo en el mismo contexto real - como el arado y el buey del ejemplo de Ch. Bally -, pero esto no tiene en sí nada de lingüístico. Del mismo modo, las ideas de fuerza, de resistencia, etc., es el objeto buey el que las evoca (o su imagen), no la palabra *boeuf*; y las produce *en la comunidad francesa*, no «en francés», como dice Bally. Estas ideas y opiniones, que pueden ser tradicionales, afectan, precisamente, a las «cosas», no al lenguaje como tal: son una forma de la cultura no lingüística reflejada por el lenguaje. Además, sus límites no coinciden sino rara vez con los límites de las comunidades lingüísticas. (COSERIU, 1991, p. 101)

Pelo exposto, vê-se que Bally não fez distinção entre o lingüístico (as palavras) e a realidade extralingüística (as coisas), que não são passíveis de organização em relações opositivas. O campo associativo - segundo as objeções acima propostas por Geckeler - não pode ser utilizado pela semântica estrutural funcional, uma vez que não é passível de estruturação por meio de oposições, embora possa ser útil para a análise de textos.

Outra corrente de lexicólogos enveredou por estudos que correlacionaram léxico e sociedade. Em 1951, Matoré fundamenta teoricamente sua concepção de ‘campo nocional’, operando uma clara distinção entre ‘semântica’ e ‘lexicologia’, ocupando-se somente da última disciplina. Com o intuito de analisar a palavra não como um objeto isolado, mas como um elemento no interior de conjuntos mais importantes, Matoré investigou o vocabulário de diversos setores da sociedade, entre os quais destacam-se: vida política e social; jornalismo; salões; artes e ofícios, e outras esferas. Segundo Ullmann:

Uma lexicologia concebida sob tais diretrizes está condenada a fundir-se com a sociologia, e alguns lingüistas talvez pensem que o professor Matoré foi longe demais quando afirmou: ‘É partindo do estudo do vocabulário que tentaremos explicar uma sociedade. Poderemos, assim, definir a lexicologia como uma disciplina sociológica que utiliza o material lingüístico que são as palavras’. (ULLMANN, 1964, p. 526)

O campo nocional de Matoré, ao procurar descrever a estrutura social de um determinado período através do vocabulário, introduziu dois conceitos úteis: ‘palavras-testemunha’ e ‘palavras-chave’. As ‘palavras-testemunha’ ou neologismos correspondem a noções novas que aparecem no seio da coletividade em determinado momento histórico; e as ‘palavras-chave’ comandam as outras e são o centro de um ‘campo nocional’. Guiraud (1989), ao analisar o trabalho de Matoré, afirma que o mesmo constitui um dos desenvolvimentos mais atuais da semântica estrutural. Geckeler (1976), por sua vez, discorda veementemente desse posicionamento, dizendo que tal afirmação é insustentável, posto que a análise de Matoré é primordialmente sociológica, mesmo que embasada em material lingüístico. Para Geckeler, o método proposto por Matoré não analisa semanticamente os lexemas, mas investiga as palavras situadas dentro da totalidade do vocabulário, o que

impede a fixação de qualquer espécie de limite para a análise. Já segundo Biderman (1981), Matoré tem razão ao sustentar que a palavra tem uma existência psicológica e um valor coletivo, assim como está certo ao afirmar que é pela palavra (diríamos a nomeação), que o homem exerce a sua capacidade de abstrair e de generalizar o individual, o subjetivo. A palavra cristaliza o conceito resultante dessa operação mental, possibilitando a sua transmissão às gerações seguintes.

Outra espécie de campo, denominado “morfo-semântico”, foi introduzido por Guiraud em 1956, sendo por ele assim definido:

Já propus chamar *campos morfo-semânticos* ao complexo de relações de formas e de sentidos formado por um conjunto de palavras. “Chat”, por exemplo, é, em francês, a origem de um grande número de imagens e de metáforas: plantas (“chatons”, engaste das flores das amentáceas, plantas trepadeiras), animais (vermes, insetos, símios), pessoas (o homem, a mulher, a criança), coisas (bonecas, panela), qualidades (hipocrisia, vivacidade). O animal, aliás, possui toda uma série de nomes: “chat”, “mine”, “moune”, “miron”, “marco”, “maro”, “matou”, “miton”, etc. (GUIRAUD, 1989, p. 96)

Guiraud observou que cada conceito atribuído ao ‘gato’ pode tomar um ou outro dos nomes do animal, que pode variar conforme os dialetos, as gírias e as épocas. Geckeler (1976), ao discorrer sobre o trabalho de Guiraud, sustenta que seus campos morfo-semânticos podem adquirir dimensões gigantescas. Geckeler utiliza como exemplo o campo ‘chat’ (gato) que, em uma primeira fase de análise chegou a conter duas mil palavras, ficando, ao final, reduzido a trezentas palavras, graças a um processo de eliminação. Pelo exposto, vê-se que a palavra ‘chat’ é o centro de uma grande constelação estruturada a partir de organizações materiais e de conteúdo, o que a remete, claramente, aos já citados campos associativos idealizados por Bally.

No estudo denominado *Lê champ conceptuel de la beauté em français moderne*, Ducháček (apud GECKELER 1976, p. 205) propõe um esquema de organização para diversos campos, a que denominou ‘campos lingüísticos’. Tais campos subdividem-se em ‘campos lingüísticos de palavras’, ‘campos lingüísticos de idéias’ e ‘campos associativos’. Os campos lingüísticos de palavras abarcam tanto os ‘campos morfológicos’ quanto os ‘campos sintagmáticos’ ou ‘sintáticos’. Segundo Geckeler, esses dois tipos de campo não são relevantes para uma análise de campo léxico aplicada ao conteúdo, contrariamente aos ‘campos lingüísticos de idéias’ que, por sua vez, compreendem os ‘campos conceptuais’ e os ‘campos semânticos’. Quanto aos campos associativos, cabem, conforme Geckeler (1976), as mesmas críticas apontadas aos campos associativos de Bally e Saussure. Após fazer um retrospecto das mais importantes teorias que trataram do conceito de campo, Guiraud finaliza o capítulo intitulado *A semântica estrutural* com a seguinte conclusão:

A lingüística entrevê apenas o conteúdo e os métodos de tal estudo; assim o nome *semântica estrutural*, aqui adotado de um modo talvez um pouco aventuroso, agrupa trabalhos diversos e muitas vezes estranhos uns aos outros, mas que têm em comum uma certa atitude diante do fato léxico: a recusa em isolar a palavra, a fim de tomá-la na totalidade de seu contexto, nas relações formais, nocionais, estilísticas, históricas, etc., de um conjunto cujos termos se condicionam reciprocamente, em uma situação da qual a palavra tira o seu sentido e os seus valores. Por outro lado acentua-se a causalidade interna, sendo o sentido definido a partir das estruturas de um sistema lingüístico e não apenas da forma das coisas denominadas. (GUIRAUD, 1989, p. 100)

Essa contribuição de Guiraud, acima transcrita, é relevante por apontar que a lingüística, ou melhor, a semântica não dispõe de um método eficiente para analisar o léxico, sendo preciso a conjugação de vários métodos. Talvez seja possível explicar essa necessidade pelo fato de o léxico englobar o lingüístico e o extralingüístico, referentes do mundo físico e do universo cultural, criados por culturas humanas

atuais e passadas. Por isso, na esteira de Biderman (1981), pode-se dizer que o léxico é o menos lingüístico de todos os domínios da linguagem, sendo, na verdade, uma parte do idioma que se situa entre o lingüístico e o extralingüístico. É por essa razão que lexicólogos tiveram dificuldades em isolar a sua ciência das várias ciências afins, bem como das realidades próximas nas quais o léxico obrigatoriamente deságua.

A próxima seção abordará, sucintamente, o método proposto por Coseriu para a análise lingüística de campos léxicos.

3.7 Método estrutural de campo segundo Coseriu

Viu-se que a grande crítica feita às concepções propostas para campo fundamenta-se na falta de um método estrutural puramente lingüístico. A criação de tal método constitui o propósito de Coseriu, que concebe o campo léxico como um princípio de oposições funcionais e propõe a análise do conteúdo em traços distintivos.

Coseriu define campo léxico da seguinte forma:

Un campo léxico es, desde el punto de vista estructural, un paradigma léxico que resulta de la repartición de un contenido léxico continuo en diferentes unidades dadas en la lengua como palabras y que se oponen de manera inmediata unas a otras, por medio de rasgos distintivos mínimos. Así, por ejemplo, la serie *jung - neu - alt* (joven - nuevo - viejo) es, en alemán, un campo léxico. (COSERIU, 1991, p. 146)

Portanto, para Coseriu, importa não somente a forma estrutural do campo léxico, mas também a investigação das estruturas lexemáticas em geral, dentro das quais designa uma categoria determinada ao CL. Coseriu insiste que uma tipologia

dos campos deve fundamentar-se em uma classificação de oposições lexemáticas. Sua concepção de campo não se opõe ao conceito de Trier-Weisgerber, podendo-se afirmar que constitui uma ampliação na linha estrutural dessa teoria até então sustentada sobre bases demasiado intuitivas. Essa ampliação consiste na introdução de nova terminologia e, sobretudo, no emprego de um método embasado em procedimentos unicamente lingüísticos. Os conceitos fundamentais que pertencem ao campo léxico proposto por Coseriu são os seguintes: lexema, arquilexema e sema. Os lexemas são os membros que funcionam em um campo léxico como, por exemplo, em francês *vieux, ancien, âgé, jeune, neuf*, entre outros, que pertencem ao campo dos adjetivos de idade. O arquilexema corresponde, do ponto de vista do conteúdo, ao significado global de um campo léxico e representa, como denominador comum, a base semântica de todos os membros de um campo. O arquilexema pode vir expresso em determinada língua como uma unidade lexical, ainda que isso não seja obrigatório. Em francês, voltando ao exemplo dos adjetivos de idade, não existe nenhuma palavra arquilexemática para o campo *vieux, ancien, âgé, jeune, neuf*, etc. Os semas, por sua vez, são os traços distintivos (mínimos) na análise do conteúdo. No que se refere especificamente ao método adotado, Coseriu, influenciado por Hjelmslev (1975, p. 3) - para quem a língua representa uma estrutura *sui generis*, e que merece, portanto, um método próprio e adequado - adota o método estrutural empregado pela fonologia, adaptando-o à investigação do plano do conteúdo, ou seja, dos campos léxicos. Essa transferência é fundada na hipótese de um isomorfismo do plano da expressão e do plano do conteúdo de uma língua.

A breve revisão da proposta de Coseriu, bem como o relato histórico aqui esboçado sobre a teoria dos campos, apontaram a diversidade terminológica utilizada pelos estudiosos do vocabulário e da semântica, destacando-se entre eles: campos semânticos; campos léxicos; campos conceptuais; campos nocionais; campos associativos e campos morfo-semânticos. Essa variação conceitual denuncia a complexidade que a tarefa de organizar o léxico representa, dada a inevitável interpenetração da Lexicologia com outras ciências. Procurando uma solução para o dilema, Barbosa (2003) aponta a necessidade do esclarecimento das diferenças nocionais e estruturais entre *campo conceptual*, *campo lexical*, *campo semântico* e suas respectivas unidades-padrão: *conceptus*, *lexemas* e *sememas*. Embora entenda que a distinção deva ser feita, Barbosa aduz que ela nem sempre fica muito clara, mesmo para alguns especialistas das ciências cognitivas e das ciências da linguagem. Para dirimir a questão, a autora afirma que, embora difusos, aqueles conceitos não são *construtos* confundíveis, na medida em que pertencem a níveis de articulação e de análise distintos:

[...] o campo conceptual é de natureza cognitiva; [...] o campo lexical é de natureza lingüística e pertence, pois, ao metassistema lexical, que parte do conceptual, convertendo a informação culturalmente recortada em significação sistêmica. Como seus elementos são signos lingüísticos, constituídos de expressão e conteúdo, formando, no campo lexical, um conjunto de elementos, no caso, lexemas, agrupados segundo critérios semânticos, fica subentendido que o conjunto dos correspondentes significados, que têm um núcleo sêmico comum, constitui o campo semântico de determinado campo lexical. O campo semântico subjaz, portanto, ao campo lexical, que, por sua vez, é contido pelo campo conceptual. (BARBOSA, 2003, p. 3)

Essa dificuldade é desafio para um estudo como o presente, uma vez que nele os elementos extralingüísticos são, justamente, os fatores evocados na explicação da ampliação do léxico e da ordenação dos campos.

Ante o exposto, vê-se que as propostas aqui revisadas para a análise lexicológica em CL não se adaptam aos objetivos deste estudo, uma vez que nenhuma delas permite que se adunem, a um estudo predominantemente lingüístico, fatores extralingüísticos. Pode-se dizer que algumas propostas revistas aludem à possibilidade da inclusão de fatos extralingüísticos na composição de seus campos. É o caso dos campos associativos. No entanto, tal proposta não nos é útil uma vez que as associações estabelecidas são infinitas, ou seja, são imprevisíveis. A abordagem de Matoré (1953) de alguma forma também poderia contribuir, mas seu foco de análise é predominantemente sociológico, pecando pela falta de análise lingüística. Diante dessas constatações, optou-se por utilizar, segundo a diferenciação proposta acima por Barbosa (2003), o termo 'campo léxico' para denominar as estruturas formadas pelas ULS neológicas desta pesquisa. Retomando o que já foi exposto, reafirma-se que se adota, aqui, a idéia de Saussure de língua enquanto sistema, no qual os termos são solidários e dependentes uns dos outros para sua valoração. Para operacionalizar esse conceito utilizar-se-á, parcialmente, a solução idealizada por Biderman (1981) descrita no próximo item. O modelo proposto por essa autora será adaptado aos propósitos deste estudo, que é organizar ULS neológicas em campos léxicos, considerando-se que os significados sejam embasados em práticas culturais de uma comunidade de fala.

3.8 Estruturação do léxico

O léxico de qualquer língua, por ser um sistema aberto, encontra-se permanentemente em processo de reelaboração. Segundo Biderman, nesse processo em desenvolvimento:

[...] o Léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam mudanças nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. (BIDERMAN, 2001b, p.179)

É pertinente afirmar que, uma vez que mudanças sociais e culturais ocasionam mudanças vocabulares, os falantes – ou usuários de uma língua – jamais interrompem a aprendizagem do seu idioma. Eles são, portanto, aqueles que criam e conservam o vocabulário de sua língua, isto é, são eles que geram a Semântica de sua língua, alterando as áreas de significação das palavras.

Sobre o processo de aquisição do léxico, Biderman entende o que segue:

A incorporação paulatina do Léxico se processa através de atos sucessivos de cognição da Realidade e de categorização da experiência, através de signos lingüísticos: os lexemas. A percepção, a concepção e a interpretação dessa Realidade são registradas e armazenadas na memória, através de um sistema classificatório que é fornecido ao indivíduo pelo Léxico. A forma como se dá tal armazenamento nos é desconhecida. (BIDERMAN, 2001b, p. 181)

Embora efetivamente não se saiba de que forma ocorre o armazenamento dos lexemas, sabe-se que a nossa memória possui a capacidade de registrar, ordenadamente, o sistema lexical. Essa estruturação, sutilmente organizada, evidencia-se diante de simples experiências quotidianas que, por sua vez, comprovam a existência de processos mnemônicos, estruturalmente ordenados, de tal forma que, quando queremos lembrar de um vocábulo, desencadeia-se em nossa

mente um processo capaz de nos fornecer, normalmente em série, várias palavras que integram um mesmo subsistema léxico ou então um determinado campo semântico.

Biderman (1981) entende que, além do léxico que se encontra acessível nos dicionários impressos de uma língua, existe outro tipo de organização estruturada do léxico a que não temos acesso direto, que são os padrões neuronais cerebrais. Em função da grande quantidade de elementos do léxico, bem como da complexidade combinatória desses elementos, supõe-se que o cérebro organize os dados léxicos em uma estrutura, a fim de que ele possa acessar rapidamente o significado de uma palavra ou suas características gramaticais, conforme requerido pela situação. Para a autora, os padrões neuronais da memória léxica devem estabelecer redes de ligações entre as unidades lexicais de modo funcional, resultando em redes semânticas:

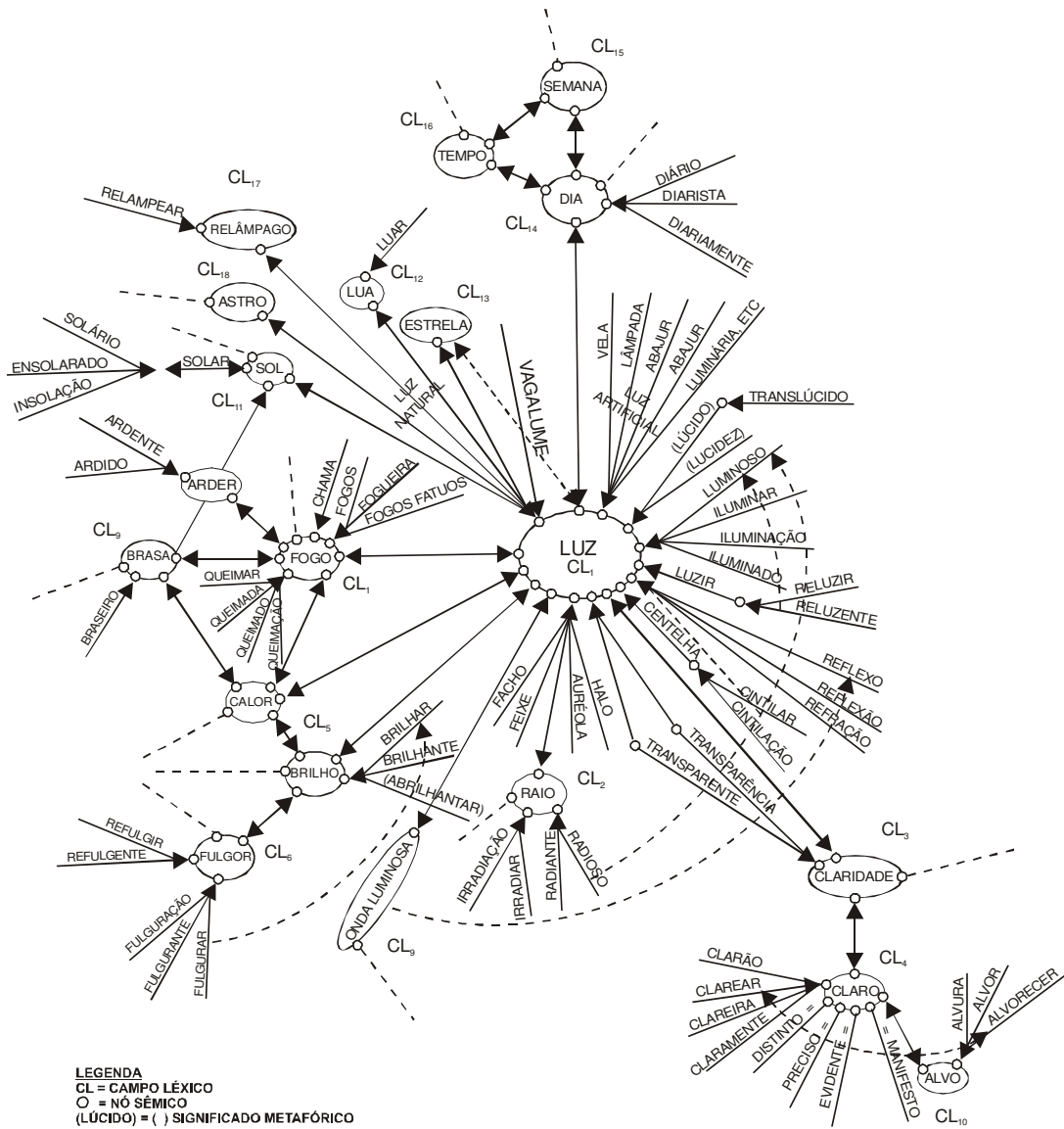
Uma rede semântica é composta da integração estruturada de vários campos léxicos. Um campo léxico integra uma rede semântica juntamente com muitos outros campos léxicos. As palavras nucleares dentro de um campo léxico provavelmente são as palavras mais freqüentes dentre as palavras de conteúdo léxico. Podem também constituir os primitivos léxicos de uma língua, sendo, por isso, as primeiras palavras significativas que um indivíduo aprenderia. (BIDERMAN, 1981, p. 139)

Trask (2004), seguindo a linha de pensamento de Biderman (1981), informa que, atualmente, muitos estudiosos - especialmente os psicolinguistas - interessam-se pelo **léxico mental**, que seria composto pelas palavras e pelos recursos léxicos armazenados nos cérebros dos indivíduos. Segundo Trask:

Há boas evidências de que as palavras pertencentes a uma mesma classe gramatical e também palavras com sentido muito próximo são armazenadas no cérebro “no mesmo lugar”, seja lá o que isso quer dizer exatamente; e fica perfeitamente claro que as palavras não são armazenadas uma a uma, mas, ao contrário, são armazenadas com inúmeras remissões a outras palavras com as quais têm em comum a função, o sentido ou mais simplesmente a forma sonora. (TRASK, 2004, p. 155)

Partindo desses conceitos, Biderman (1981, p. 140) propõe um modelo de rede semântica. Toma a unidade *luz* para exemplificá-lo, situando-a em um campo léxico integrado em cadeia com outros campos léxicos:

FIGURA 3: Rede semântica e campo léxico de 'luz'



Fonte: Biderman (1981, p. 140)

Nessa representação gráfica, a unidade âncora (ou arquilexema) de um campo léxico encontra-se no interior de uma elipse. Os vetores comunicam as cadeias associativas no interior da rede. Os pequenos círculos representam os nós sêmicos, ou seja, os núcleos de significação que unem dois ou mais vocábulos. Por exemplo: em um dos nós sêmicos que envolve *luz* associam-se os vetores *reflexo*, *reflexão* e *refração*. Há um nó sêmico que está em circuito com outro campo léxico (CL14): *dia*. Para um nó sêmico de CL14 confluem: *diário*, *diarista* e *diariamente*. Esse feixe de signos está em correlação indireta com *luz*, formando um circuito, através do vetor que estabelece a associação sintagmática entre *luz* e *dia* (por ex.: luz do dia).

No gráfico elaborado por Biderman a associação entre os signos se estabelece por similaridade³⁸. Para essa espécie de associação paradigmática, a autora (1981, p. 142) postula os seguintes casos, expostos sinteticamente a seguir:

1. Associação de significante a significante, isto é, uma família de cognatos que têm uma raiz comum. Ex.: *luminoso*, *iluminar*, *iluminação*.
2. Associação de significados, isto é, entre sinônimos de uma palavra. Ex.: *claro* – *preciso* – *evidente*.
3. Associação entre os signos léxicos considerados tanto na sua face de significante como na face de significado, isto é: o signo total. Associações dessa natureza subdividem-se em três tipos diversos:
 - a) Aquelas que derivam do código lingüístico como em *fogo* – *fogos* (*de artifício*).

³⁸ Biderman aponta a possibilidade de associação entre os signos por meio de oposição de contrários, mas não aprofundou essa espécie de associação em seu estudo.

- b) Aquelas que resultam da experiência da realidade e do mundo dos fenômenos, portanto, de natureza extralingüística como em: *luz – fogo, vela, estrela, chama, sol, lua, etc.*
- c) Aquelas que derivam do domínio da cultura, em virtude da qual certas noções e os seus *designata* apresentam-se espontaneamente associados no espírito do falante: *luz – (artificial) abajur, lustre, luminária; luz – reflexão, refração, onda luminosa.*

O modelo proposto por Biderman é adequado a este estudo porque não limita a estruturação dos campos a módulos estanques. Vê-se que as associações passíveis de serem estabelecidas entre as unidades lexicais vão além dos cognatos e da sinonímia, englobando também aquelas determinadas gramaticalmente e extralingüisticamente. Outro ponto favorável é a possibilidade do estabelecimento de ligações ilimitadas entre as unidades, sem que as mesmas fiquem dispersas, uma vez que gravitam ao redor de núcleos e permanecem unidas por nós sêmicos, que lhes garantem a coesão em conjuntos ou campos.

Seguindo parcialmente o modelo de Biderman - uma vez que foram utilizados por esta pesquisa somente as associações que derivam do domínio da cultura (item c acima transcrito) para a composição de seus campos - o presente estudo estruturará campos léxicos em formato de rede, com base em aspectos culturais relevantes da comunidade observada. A metodologia de análise será explicitada no capítulo seguinte.

4 METODOLOGIA

O conjunto de ULS analisadas nesta pesquisa foi levantado pela equipe BDSer-Lex a partir de 24 entrevistas sociolingüísticas do BDSer, realizadas na zona rural de Caxias do Sul (ver notas 4 e 17). Tais entrevistas seguem um roteiro preestabelecido (ver anexo 1), atentando sempre para a manutenção do maior grau possível de informalidade da situação de fala, visando a assegurar a naturalidade dos dados obtidos. Segundo Tarallo (1990, p. 22), a formulação de módulos ou roteiros de perguntas servem para homogeneizar os dados de vários informantes para posterior comparação; para controlar os tópicos de conversação e; em especial, para provocar narrativas de experiência pessoal³⁹. O principal propósito do método de entrevista sociolingüística é o de minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador - de gravador em punho - na naturalidade da situação de coleta de dados. Segundo o autor:

[...] o pesquisador deverá tentar neutralizar a força exercida pela presença do gravador e por sua própria presença como elemento estranho à comunidade [...] a palavra "língua" deverá ser evitada a qualquer preço, pois o objetivo é que o informante não preste atenção a sua própria maneira de falar. (TARALLO, 1990, p. 21)

Nesse tocante, pode-se afirmar que os requisitos acima mencionados foram atingidos nas entrevistas do BDSer, especialmente naquelas de Caxias do Sul, zona rural, de cuja análise participei. Isso ocorreu porque o entrevistador que travou contato direto com os informantes era membro da comunidade, dispensando, dessa forma, a necessidade de apresentações, e inspirando confiança ao tratar de assuntos

³⁹ Durante as narrativas de experiência pessoal o informante envolve-se emocionalmente com o fato que está narrando, o que faz com que preste menos atenção à maneira como o faz.

peçoais. Dessa forma, uma vez que os diálogos transcorreram entre pessoas que já se conheciam e se freqüentavam, a manutenção da naturalidade da fala foi bastante facilitada.

Foram entrevistados pequenos proprietários, na sua maioria agricultores e donas-de-casa, bilíngües português-fala dialetal italiana (RCI-RS) e descendentes de italianos. Dentre essas 24 entrevistas, 50% delas foi realizada com moradores da comunidade de Bevilácqua.

Bevilácqua é uma pequena comunidade rural, formada por cerca de 120 famílias, situada no interior da região administrativa de Ana Rech⁴⁰, pertencente ao município de Caxias do Sul. Segundo Smith (1971), uma comunidade rural deve possuir uma vila como centro e, ao seu redor, uma zona de campo aberto onde as pessoas moram e cultivam a terra. Encontramos em Bevilácqua exatamente essa configuração, qual seja, a localidade tem ao centro uma pequena vila – que os habitantes denominam de “Sociedade” ou “Bevi” - onde são realizadas atividades coletivas variadas, uma vez que nela estão situados o salão (centro social e esportivo), a igreja, a escola (ensino fundamental incompleto), o Clube de Mães e a bodega. A economia da comunidade baseia-se na agricultura, principalmente no plantio de pêssego, ameixa e maçã.

Os critérios de seleção de informantes observados pelo BDSer para compor seu banco de dados foram os seguintes:

⁴⁰ Conforme dados extraídos do site www.caxias.rs.gov.br, Ana Rech é formada por oito comunidades e possui 4,30% de área total rural. Está localizada a 10 km do centro da cidade de Caxias do Sul, mais precisamente na Latitude 28°19'32 S e Longitude 51°05'47 W. Sua população é de 14.938 (IBGE 2000) e sua área é de 5445 ha.

1. Zona

1.1 - Rural

1.2 - Urbana

2. Sexo

2.1 - Masculino

2.2 - Feminino

3. Idade

3.1 - De 15 a 25 anos

3.2 - De 30 a 45 anos

3.3 - De 50 a 65 anos

3.4 - 70 anos ou mais

4. Escolaridade

4.1 - 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental

4.2 - 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental

4.3 - 1ª à 3ª série do Ensino Médio

4.4 - Ensino Superior (um ano ou mais)

Segundo esses critérios, os informantes⁴¹ da zona rural encontram-se assim dispostos:

QUADRO 1: Informantes da zona rural de Caxias do Sul

MULHER	IDADE	ESCOLARIDADE	ATIVIDADE	BILINGÜISMO
	15 - 25	Primário: LFB - n. 48	Dona de casa	
Fundamental: IB - n. 38		Agricultora		
Médio: CT - n. 12		Estudante		
Superior: FB - n. 53		Auxiliar geral		
30 - 45	Primário: SN - n. 03	Agricultora		
	Fundamental: VA - n. 30	Agricultora		
	Médio: SB - n. 31	Dona de casa		
	Superior: MB - n. 32	Professora		
50 - 65	Primário: LB - n. 33	Agricultora		
	Fundamental: ER - n. 51	Professora aposentada		
	Médio: IP - n. 01	Professora aposentada		
	Superior: IA - n. 40	Professora aposentada		
70 ou mais	Primário:EF-n.5(0escolaridade)	Dona de casa		
	Fundamental:			
	Médio:			
	Superior:			

HOMEM	IDADE	ESCOLARIDADE	ATIVIDADE	BILINGÜISMO
	15 - 25	Primário: MV - n. 39	Agricultor	
Fundamental: MR - n. 11		Agricultor		
Médio: AF - n. 47		Agricultor		
Superior: AB - n. 35		Metalúrgico		
30 - 45	Primário: JP - n. 02	Agricultor		
	Fundamental: JB - n. 41	Agricultor		
	Médio: RP - n. 45	Agricultor		
	Superior: RF - n. 46	Agricultor		
50 - 65	Primário: OB - n. 54	Agricultor		
	Fundamental: HT - n. 04	Agricultor		
	Médio:			
	Superior:			
70 ou mais	Primário:EB-n.6(0 escolaridade)	Agricultor		
	Fundamental:			
	Médio:			
	Superior:			

⁴¹ Após o grau de escolaridade, seguem-se as iniciais do nome do informante e o número atribuído pelo BDSer à entrevista.

Na coluna intitulada 'Bilingüismo', as células hachuradas de rosa assinalam os bilíngües irrestritos ou semi-restritos, isto é, praticantes do português e da fala dialetal italiana (RCI-RS), mesmo que apenas com familiares e amigos próximos ou em ocasiões especiais; as células hachuradas de azul correspondem aos bilíngües restritos, ou seja, são pessoas que compreendem a fala dialetal italiana, mas não a praticam.

As células sombreadas de cinza deveriam ter sido preenchidas por informantes com idades variando entre 50 e 70 anos (ou mais), portadores de graus de escolaridade superiores. Essa ausência justifica-se pela dificuldade de acesso à escolarização, vigente outrora na região. Observa-se que as células reservadas aos mais jovens encontram-se ocupadas, uma vez que o estudo tornou-se mais acessível e valorizado. Vê-se também que as mulheres estudam mais tempo e alcançam patamares superiores. Essa disparidade entre homens e mulheres, no tocante ao valor atribuído ao estudo, ainda subsiste no meio rural, provavelmente devido à necessidade do emprego de mão-de-obra masculina na lavoura desde muito cedo.

Foram 134 as unidades lexicais simples⁴² levantadas pela equipe BDSer-Lex e consideradas inicialmente nesta pesquisa. Desse total, 94 (ou 70,14%) são neologismos lexicais; 20 (ou 15,4%) são sintáticos e outros 20 (ou 15,4%) são semânticos. Como se verá no capítulo 5, essas 134 ULS foram reduzidas para 42, em função das práticas sociais observadas. Para recortar os dados – dentre a totalidade do *corpus* original – capazes de compor campos léxicos encadeados de forma a

⁴² O restante do *corpus* do BDSer-Lex levantado de entrevistas sociolinguísticas e correspondente a neologismos por empréstimo é constituído por 90 sintagmas fraseológicos, desconsiderados neste trabalho.

propiciar o vislumbre de aspectos culturais relevantes da comunidade de Bevilacqua - revelou-se de vital importância a observação das práticas sociais que sustentam a ampliação do léxico naquela comunidade.

Conforme já mencionado, foram aqui analisadas somente as ULS. Esse recorte justifica-se pelo que Alves (2001) afirma acerca das manifestações mais freqüentes na língua geral:

[...] observamos que, enquanto na língua geral predomina a formação de unidades lexicais simples, constituídas com um único elemento, nos tecnoletos são mais constantes as formações sintagmáticas, compostas por dois ou mais elementos que integram uma unidade complexa e correspondem a um único conceito. (ALVES, 2001, p. 28)

A esse preceito, é importante observar que as ULS levantadas pertencem, na sua maioria, a classes majoritárias (substantivos, verbos e adjetivos) e que, por essa razão, constituem neologismos por empréstimo lexicais (70,14%).

O quadro a seguir dispõe, esquematicamente, as ULS que compõem o *corpus*⁴³ do BDSer-Lex extraído de entrevistas sociolingüísticas:

QUADRO 2: Totalidade de ULS que compõem o *corpus* do BDSer-Lex

A (prep.)	Di	Inamorar	Moto	Sentir
Açuquereiro	Digue	Inamoro	Mufa	Ser
Adés	Dividida	Indove	Nó (adv.)	Setcher
Amarrar	Enfinal	Infinal	Nona	Si
Anholíni	Engrespar	Intrá	Nono	Solada
Baselicó	Ereditar	Invés	Paleta	Sotospina
Bígoli	Escarpote	Isabel	Palmonia	Suquete
Bora	Escodeguim	La (pron.)	Parquê	Tchó
Bordô	Escuro	Larim	Passionado	Taiadele
Bordalesa	Esfoi	Lesso	Pastarei	Tchuco
Bordelesa	Esfredar	Levar	Pedir	Terribile
Bordolesa	Eslisar	Li	Pena	Tchartim
Bragote	Espetchera	Lora	Peta	Tinaz
Brasileiro	Espigolar	Madona	Piem	Tirar
Brespa	Esquarar	Maestro	Pó	Tortéi
Brodo	Esquase	Mah	Pompar	Tortelada
Caixa	Estchareto	Mama	Poreto	Travasar
Calcina	Estrucar	Mandolato	Puína	Trissete
Champanhe	Fidelíni	Masta	Qualquedum	Tuda
Cobertar	Filó	Mastela	Quatrilho	Tudo
Codeguim	Fogolar	Me (pron.)	Radítchi	Velha
Colaciom	Fogolare	Mea (pron.)	Ralhar	Vena
Come	Fogoler	Mia (pron.)	Ruga	Verderame
Compare	Fora	Mia (adv.)	Sacramantua	Vetcho
Cônti	Grôstoli	Mila	Sacramenha	Vir
Coroa	Herbemonte	Molinho	Sacramento	Viúve
De (prep.)	Impirar	Mostarola	Sêibel	

O estudo etnográfico, cujos resultados encontram-se minuciosamente dispostos no capítulo 6, motivou a escolha de 42 ULS, bem como determinou suas

⁴³ Todos os neologismos por empréstimo foram aportuguesados, isto é, foram registrados graficamente conforme o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.

inclusões em determinados CL em detrimento de outros. Os procedimentos adotados a estruturação dos campos léxicos serão explicados na seção seguinte.

4.1 Análise das unidades em redes semânticas

As redes semânticas⁴⁴ serão compostas pela integração sistematizada de vários campos léxicos, conforme Biderman (1981). A associação entre os signos será estabelecida por similaridade paradigmática, ou seja, as ULS serão consideradas em sua totalidade (face significante e significado) e derivam do domínio da cultura. Os CL, conseqüentemente, serão constituídos a partir das ULS neológicas observadas na fala de bilíngües português-fala dialetal italiana (RCI-RS), habitantes da zona rural de Caxias do Sul, mais precisamente das comunidades de Bevilácqua, Santo Homobom e São Braz.

Nas figuras 4 e 5 - dispostas na seção 6.2 - vê-se que todo campo léxico apresenta um núcleo de significação colocado dentro de uma elipse. Ao vocábulo que contém o significado global do campo e representa a base semântica de todos os membros do mesmo denomina-se *arquilexema*. Os membros que funcionam dentro dos campos léxicos são os *lexemas*, aqui denominados *unidades lexicais simples*. Os vetores são empregados para demonstrar a comunicação existente entre os campos léxicos no interior da rede semântica. Esses vetores comunicam-se por meio de nós sêmicos (aqui representados por pequenos círculos vazados), que são os núcleos de significação que unem dois ou mais vocábulos ou campos léxicos.

⁴⁴ Um 'campo' semântico é determinado por um CL, esse formado segundo critérios semânticos.

4.2 Estudo etnográfico

Consoante explicitado no capítulo 3, a antropologia lingüística, disciplina aqui utilizada em seus fundamentos teóricos, concebe a fala como uma prática cultural. A partir do entendimento que a AL possui das formas lingüísticas enquanto elementos constitutivos da vida social, cabe ao investigador encontrar a maneira apropriada de conectar aquelas com as práticas culturais. Para que essa ligação seja concretizada, a integração de métodos etnográficos, entre os quais destaca-se a observação participante⁴⁵, são empregados com a finalidade de descrever e analisar as práticas interpretativas que caracterizam um grupo particular de indivíduos. Segundo Duranti (2000), uma descrição etnográfica, por ser produto da participação direta e prolongada do investigador na vida social de uma comunidade⁴⁶, implica duas qualidades aparentemente contraditórias: (i) uma capacidade para retroceder e distanciar-se da realidade cultural observada, almejando alcançar um grau aceitável de 'objetividade'⁴⁷, e (ii) a intenção de alcançar uma identificação suficiente com os membros do grupo, a fim de poder obter uma 'perspectiva interna', a que os

⁴⁵ Sobre a observação participante, aduz Flick (2004, p.147): "[...] as práticas somente podem ser acessadas através da observação, [...] as entrevistas e as narrativas tornam acessíveis apenas os relatos das práticas e não as próprias práticas. O que normalmente se pede é a observação, que permite ao pesquisador descobrir como algo efetivamente funciona ou ocorre".

⁴⁶ O conceito de comunidade foi introduzido por autores alemães - entre os quais destaca-se Ferdinand Tönnies - apresentando-se sempre como um dos pólos de uma dicotomia, em oposição ao conceito de sociedade. Para Tönnies (1947), a comunidade é um tipo de relação entre vontades humanas caracterizada por uma vontade social baseada na concordância, nas regras sociais comumente aceitas e na religião. A sociedade, por sua vez, caracteriza-se por uma vontade social baseada na convenção, na legislação e na opinião pública.

⁴⁷ O termo 'objetividade' **não** é aqui empregado de acordo com a visão positivista, ou seja, com a intenção de eliminar a subjetividade inerente à posição do observador. Uma pesquisa etnográfica totalmente objetiva e imparcial resultaria em um reflexo pobre da experiência do etnógrafo. O importante é que o investigador afaste seu próprio juízo de valor ao interpretar experiências. É nesse sentido que o conceito de 'objetividade' é aqui utilizado.

antropólogos lingüistas chamam de 'o ponto de vista êmico'⁴⁸. Uma etnografia bem sucedida, além de conjugar esses requisitos, é aquela em que o observador compreende diversos pontos de vista, incluindo o seu e o do observado, estabelecendo um diálogo entre eles, atentando para o que pensam as pessoas estudadas. Acatados esses pressupostos, o etnógrafo deve direcionar sua pesquisa para a análise de determinadas características da comunidade. Nesse momento, é de vital importância a noção de cultura adotada⁴⁹. Tenciona-se, portanto, por meio de um estudo etnográfico, proceder à interpretação de interações comunicativas de determinação ontogenética próprias da comunidade observada (por meio de suas práticas sociais), buscando-se com isso as invariâncias na história do grupo, e não a história particular dos indivíduos.

A observação participante empreendida foi realizada na comunidade rural de Bevilacqua. Essa comunidade foi escolhida pelo fato de abarcar a maioria dos informantes do banco de dados (BDSer) para Caxias do Sul, zona rural, e também por ser a localidade mais acessível, uma vez que, conforme já aludido, as entrevistas foram empreendidas por uma moradora da comunidade. O estudo etnográfico observou os seguintes critérios: (i) a observação realizada foi pública, isto é, as pessoas foram informadas de que seriam objetos de estudo. Entretanto, para garantir a espontaneidade da fala, não lhes foi revelado que o objetivo da pesquisa era

⁴⁸ Segundo Pike (1971, p.37 apud DURANTI, 2000, p. 238) o ponto de vista êmico é consequência do estudo dos comportamentos feitos no interior do sistema. A perspectiva êmica é aquela que favorece o ponto de vista dos membros da comunidade que se estuda e, portanto, trata de descrever como o grupo outorga significado a um determinado ato ou à diferença entre dois atos distintos.

⁴⁹ Este estudo, por adotar o conceito de cultura como um sistema de práticas (conforme item 3.2), assume que a cultura é o domínio de práticas transgeracionais através das quais os seres humanos relacionam-se uns com os outros.

analisar o léxico. Fui apresentada como uma estudante de pós-graduação da UCS interessada nos hábitos culturais da comunidade; (ii) a observação foi empreendida em situações naturais, ou seja, em eventos sociais ocorridos na comunidade de Bevilácqua e (iii) a observação foi do tipo participante. Isso significa que observei as práticas sociais da comunidade como componente ativa das mesmas. Procurando definir 'observação participante', Denzin (apud FLICK, 2004, p. 152) afirma que: "a observação participante é definida como uma estratégia de campo que combina, simultaneamente, a análise de documentos, a entrevista de respondentes e informantes, a participação e a observação diretas, e a introspecção".

Para acessar o campo contei com o auxílio de uma pessoa-chave na comunidade, que se encarregou de apresentar-me e introduzir-me em atividades coletivas. Essa pessoa ocupa uma condição social importante em Bevilácqua por estar diretamente envolvida, juntamente com sua família, na organização e participação de diversas atividades muito valorizadas, como por exemplo organização de missas, coro da igreja, aulas de catequese, time feminino de futebol, Clube de Mães, organização de almoços de colônia e de jantares de casamento, entre outros. Segundo Friedrichs e Lüdtke (apud FLICK, 2004, p. 154), a aceitação social da pessoa-chave constitui um ótimo auxílio para o pesquisador, principalmente se os motivos que fazem com que essa pessoa ocupe uma posição forem estimados pelo grupo. Contando com a ajuda da moradora de Bevilácqua M.T. (27 anos), procedeu-se à escolha de eventos relevantes para a pesquisa. Assim sendo, procurei selecionar situações observacionais diversas, entre as quais destaco:

- (a) Missa no Dia de Finados;
- (b) Confraternização dos moradores na bodega da localidade, após a missa;
- (c) Engarrafamento de vinho;
- (d) Organização de um jantar de casamento;
- (e) Colheita de ameixa;
- (f) Almoço de colônia.

Ao participar desses eventos, não só observei, colaborei para a realização dos mesmos, respeitando sempre os limites impostos pelas pessoas envolvidas. Após cada observação, fiz anotações sobre tudo o que lembrava, incluindo exemplos e frases proferidas pelas pessoas. Sempre que necessário, a fim de esclarecer dúvidas, retornei à comunidade e conversei com pessoas que pudessem me ajudar. Tive imenso cuidado para não atribuir juízos de valor às percepções que transcrevi, bem como para não comparar situações que vivenciei com as que costumo conviver. Para a realização de tudo isso foi muito importante o meu relacionamento com a pessoa que me conduziu, assim como minha descendência italiana, embora meus antepassados não fossem agricultores, e sim pequenos comerciantes. Refiro essa condição porque foi muito recorrente a pergunta, por parte das mulheres, sobre minha origem. Pude perceber que o fato de ser descendente de italianos foi um elo importante que deixou as mulheres com quem tive contato mais à vontade enquanto conversavam comigo. Quando, por exemplo, falavam sobre seus afazeres domésticos, as mulheres diziam-me ao final: “Bom, Janaina, tu sabe bem como é isso, né, porque tu também é de família italiana.”

A porção lingüística desta pesquisa consistirá na estruturação de campos léxicos organizados em formato de rede, o que permitirá a comunicação entre os mesmos, bem como a visualização de aspectos culturais peculiares. A montagem dos campos será embasada na proposta apresentada por Biderman (1981), transcrita no item 3.8. O próximo capítulo mostrará a primeira tentativa de estruturação dos campos - conforme modelo de Biderman (1981) - feita antes da realização do estudo etnográfico.

5 ANÁLISE EM CAMPOS: ESTRUTURA LINGÜÍSTICA

Este trabalho, até o momento, procurou caracterizar a região estudada mostrando, entre outras coisas, algumas de suas peculiaridades. Viu-se, por exemplo, que os informantes de zona rural selecionados pelo BDSer – que são os mesmos deste estudo – são todos bilíngües português-fala dialetal italiana (RCI-RS) e descendentes de italianos. Essa informação é de suma importância para uma investigação que correlaciona dados lingüísticos a aspectos culturais. Uma vez que cultura é aqui entendida como um domínio de práticas (ver seção 3.2), foi preciso delimitar a região em que tem lugar essas práticas, situando os dados levantados dentro do panorama de uma cultura específica, qual seja, a de habitantes de uma zona rural de Caxias do Sul, mais especificamente da comunidade de Bevilacqua. Para identificar alguns traços culturais dessa comunidade – supostamente motivadores das mudanças lingüísticas observadas - realizou-se um estudo etnográfico (ver seção 6.1) que teve como objetivo principal a distribuição das ULS neológicas por empréstimo em campos léxicos. A necessidade do empreendimento de tal estudo mostrou-se fundamental ainda quando os pesquisadores do BDSer-Lex tentaram estruturar seu *corpus* em campos, para a diagramação do DI. Nesse momento, percebeu-se que isso só seria possível após um trabalho de observação junto à comunidade. Esse trabalho foi realizado por esta pesquisa e encontra-se relatado no item 6.2.

O objetivo deste capítulo é o de apresentar as etapas percorridas até a estruturação final dos campos léxicos, conforme modelo idealizado por Biderman (1981), disposto na seção 3.8. É importante salientar que esse modelo foi empregado

em parte, uma vez que aqui os campos léxicos são constituídos somente por associações que derivam do domínio da cultura. A estruturação proposta por Biderman (1981) para a rede semântica e campo léxico de 'luz', abarca dados estranhos ao universo puramente lingüístico. Isso é visível, por exemplo, quando a autora direciona para o seu CL1 unidades como 'vagalume' e 'abajur'. Muito embora Biderman tenha apontado a existência de associações motivadas por fatores extralingüísticos, mais especificamente por fatores culturais, não foram informados os processos empregados para alcançar tal intento. Esta pesquisa utilizou a observação participante como um meio para estabelecer a comunicação entre as ULS e as práticas culturais capazes de formar campos léxicos. A seguir serão relatadas as tentativas realizadas no intuito de estruturar os campos léxicos conforme dispostos no item 6.2.

Primeiramente, os neologismos por empréstimo⁵⁰ do BDSer-Lex foram distribuídos, de forma intuitiva, em nove grandes campos léxicos: **(1)** Expressões - ex.: *madona, vetcho*; **(2)** Homem e sociedade - ex.: *estrucar, esfredar*; **(3)** Família e parentesco - ex.: *mama, compare, nona*; **(4)** Trabalho - ex.: *espigolar, ralhar, tirar, bragote*; **(5)** Utensílios - ex.: *fogolar, masta, paleta*; **(6)** Culinária - ex.: *anolíni, brodo, tortéi, lessa, colaciom*; **(7)** Cultura da uva e do vinho - ex.: *bordô, sêibel, sotospina, tinaz, verderame*; **(8)** Entretenimento - ex.: *filó, quatrilho, trissete* e **(9)** Unidades abstratas - ex.: *mah, pó, dí*. Essa proposta de organização do *corpus* em campos léxicos foi empreendida com vistas à constituição do DI. A equipe BDSer-Lex tencionava apresentar as unidades conforme suas identidades temáticas. Entretanto, a

⁵⁰ Os neologismos por empréstimo do BDSer-Lex incluem ULS e sintagmas fraseológicos.

distribuição dos dados nos nove campos sugeridos suscitou para os pesquisadores inúmeras dúvidas. Questionava-se, por exemplo, se as ULS *calcina*, *colaciom*, *herbemonte* e *fogolar* deveriam integrar o CL do trabalho ou o da culinária. Por essa razão e após inúmeras tentativas, a equipe do BDSer-Lex abandonou a idéia da organização do *corpus* em campos e optou por estruturar o DI em ordem alfabética, uma vez que as dificuldades que se apresentaram, tais como as sobreposições acima referidas, não encontraram respostas definitivas. Restou em aberto, portanto, a questão dos campos, que o presente trabalho procura responder.

Um outro recorte do *corpus* do BDSer-Lex, agora no que tange somente às ULS neológicas e por empréstimo, foi feito por ocasião do projeto desta dissertação. Seguindo-se o preceito de que é entre as classes majoritárias, especialmente entre os substantivos, que se verifica o maior número de empréstimos, reduziu-se o conjunto de dados a serem estudados para 93 ULS. Efetivamente, das 134 ULS neológicas que integram o *corpus* do BDSer-Lex, vê-se que 93 (ou 69,5%) ocorreram na classe dos substantivos e dos verbos⁵¹. Confirma-se, portanto, que os empréstimos são realmente mais freqüentes (78,5%) na classe dos substantivos.

O quadro disposto a seguir apresenta, esquematicamente, as 93 ULS obtidas a partir da exclusão de adjetivos, advérbios, interjeições, numerais, preposições e pronomes.

⁵¹ Das 93 ULS consideradas, 73 integram a classe dos substantivos e 20 a classe dos verbos.

QUADRO 3: ULS em substantivos e verbos

Açuquereiro	Compare	Fogolare (?)	Mufa	Solada
Amarrar	Cônti	Fogoler (?)	Nona	Sotospina
Anholíni	Coroa	Grôstoli	Nono	Saquete
Baselicó	Di	Herbemonte(?)	Paleta (?)	Taiadele
Bígoli	Engrespar	Impirar	Palmonia	Tcharetim
Bora	Ereditar	Inamorar	Pastarei	Tinaz
Bordalesa	Escarpote	Inamoro	Pedir	Tirar
Bordelesa	Escodeguim	Isabel (?)	Peta	Tortéi
Bordolesa	Esfoi	Larim (?)	Piem	Tortelada
Bordô (?)	Esfredar	Lesso	Pompar	Travasar
Bragote	Eslisar	Levar	Puína	Trissete
Brespa	Espetchera	Maestro	Quatrilho	Velha
Brodo	Espigolar	Mama	Radítchi	Vena
Caixa	Esquarar	Mandolato	Ralhar	Vetcho
Calcina (?)	Estchareto	Masta	Ruga	Verderame
Champanhe	Estrucar	Mastela	Séibel (?)	Vir
Cobertar	Fidelíni	Molinho	Sentir	Viúve
Codeguim	Filó	Mostarola	Ser	
Colaciom (?)	Fogolar (?)	Moto	Setcher	

Mesmo após esse recorte, as dificuldades encontradas na primeira distribuição do *corpus* perduraram. Os pontos de interrogação colocados ao lado de algumas ULS servem para indicar que restaram dúvidas sobre o seu posicionamento nos CL. Por exemplo, unidades como *bordô* e *fogolar* continuaram sem colocação definitiva, uma vez que poderiam integrar tanto o CL do trabalho quanto o CL da culinária. Percebeu-se que é novamente sobre os campos do trabalho e da culinária que permanece a indefinição. Parece que esses campos contém valores culturais relevantes para a comunidade. Partiu-se então para a aplicação do modelo de Biderman (explicitado na seção 3.8) às ULS dispostas no quadro 3. Os impasses com que se deparou foram os mesmos encontrados na primeira tentativa de organização

do *corpus* do BDSer-Lex em nove CL, uma vez que a análise continuava sendo feita sob uma perspectiva estritamente lingüística. Nesse momento, viu-se que a realização de um estudo etnográfico junto à comunidade de Bevilácqua poderia dirimir as dúvidas encontradas, embasando e justificando a organização dos campos léxicos. A observação participante motivou, portanto, a escolha das 42 ULS que constituem o *corpus* desta pesquisa. O próximo capítulo apresentará em quadro esse *corpus* e mostrará os procedimentos adotados para a realização do estudo etnográfico que motivou a escolha das ULS analisadas.

6 ANÁLISE EM CAMPOS: LÍNGUA E PRÁTICAS SOCIAIS

Conforme aludido no capítulo anterior, após realização de uma primeira aplicação do modelo de Biderman (1981) aos dados, tornou-se vital para a continuidade deste estudo o empreendimento de um trabalho de aproximação e observação da comunidade da qual se originaram a maioria dos dados aqui utilizados e que integram o *corpus* do BDSer-Lex. O recorte definitivo do *corpus* foi feito, portanto, somente após a realização de estudo etnográfico junto à comunidade de Bevilacqua. Esse estudo foi muito importante para a estruturação dos campos, pois evidenciou o estreito vínculo que se estabelece naturalmente entre a porção lingüística e extralingüística que constituem objeto deste estudo. Na verdade, essas porções são absolutamente indissociáveis, visto a impossibilidade da formação dos campos léxicos antes da realização do trabalho de campo. Como se viu no item 3.4 - que apresentou um breve relato histórico sobre as diversas teorias até então elaboradas sobre campos - a ausência de respostas definitivas sobre o tema induz-nos à formulação da hipótese de que as unidades, bem como seu significado e sua pertença a determinados campos, não possuem limites definitivos. Partindo dessa constatação, acredita-se que tais campos serão visualizados, não só pelo analista - mas também pelo usuário - somente quando confrontados com sua realidade de uso, ou seja, com as práticas lingüísticas em que se constituem. Busca-se, portanto, com a observação participante, uma maneira de preencher algumas lacunas deixadas pela teoria. O item 6.1, disposto logo a seguir, mostrará os procedimentos adotados para a realização do estudo etnográfico.

À guisa de esclarecimento, segue listagem das 42 ULS escolhidas após a observação participante:

QUADRO 4: Corpus

Anholíni	Colaciom	Lesso	Sotospina
Bígoli	Escarpote	Masta	Taiadele
Bordalesa	*Escodeguim	Mufa	Tinaz
*Bordelesa	Espigolar	Paleta	Tirar
*Bordolesa	Fidelíni	Pastarei	Tortéi
Bordô	Fogolar	Piem	Tortelada
Bragote	*Fogolare	Pompar	Travasar
Brodo	*Fogoler	Quatrilho	Trissete
Calcina	Herbemonte	Radítchi	Verderame
Champanhe	Isabel	Ralhar	
Codeguim	*Larim	Sêibel	

Os termos que se encontram precedidos pelo símbolo * no quadro acima são variantes de outras ULS. Explicitando, *bordelesa* e *bordolesa* são variantes de **bordalesa**; *champanhe* é variante de **herbemonte** e *fogolare*, *fogoler* e *larim* são variantes de **fogolar**. Dentro da figura de número 4 (ver item 6.2) verifica-se que essas unidades são antecedidas pelo sinal =, que serve para demonstrar a equivalência entre as mesmas.

6.1 O trabalho de campo

A observação de algumas práticas sociais da comunidade de Bevilacqua - local onde habitam a maioria dos informantes da zona rural de Caxias do Sul - teve início nos primeiros dias de novembro de 2004, quando travei contato inicial com os moradores da localidade. Participei de atividades coletivas organizadas por seus membros, colaborando ativamente para a concretização das mesmas. Por exemplo,

em uma missa, ajudei a distribuir santinhos, livretos de cantos e orações; na organização de um jantar de casamento, participei de todas as etapas, iniciando pela guarnição das mesas do salão - o que implica forrar as mesas com papel branco, limpar com álcool talheres e pratos, embalar talheres em sacos plásticos, etc. - passando, em seguida, a auxiliar as cozinheiras no preparo dos alimentos⁵² que seriam servidos, culminando com o atendimento às mesas e limpeza da cozinha.

Do meu relacionamento com as pessoas e da minha participação em alguns eventos coletivos, pude comprovar uma hipótese que já havia tecido quando da leitura das entrevistas sociolinguísticas, qual seja, o caráter extremamente tradicional da organização do trabalho e das condições de vida dessa comunidade rural. Esse fato evidencia-se quando se percebe uma grande uniformidade nos depoimentos acerca das condições de vida na zona rural. Quando perguntados, por exemplo, se gostam de viver em Bevilácqua, os informantes respondem unanimemente que não gostariam de viver em outro local, que a localidade é muito bonita, tranqüila, distante da agitação característica do centro⁵³, que o centro é bom só para fazer umas comprinhas e voltar correndo, que, embora não haja riqueza, todos vivem bem, não faltando comida, etc. Verificou-se, também de forma predominante, que a vida comunitária e a atividade produtiva têm como base o grupo doméstico, formado por uma família. No tocante a esse aspecto, observou-se que o cultivo da terra é um

⁵² Durante o dia que antecede a festividade, nesse caso um jantar de casamento, as mulheres responsáveis pela cozinha adiantam o preparo dos alimentos que serão servidos. Elas cozinham e descascam as batatas para a salada de maionese, lavam radíchi ou alface, fatiam tomates, temperam o galeto, preparam o brodo, moem os ingredientes para o piem, fecham os anholínis, etc.

⁵³ Ao usar o substantivo masculino 'centro', os informantes referem-se à zona urbana da cidade de Caxias do Sul.

empreendimento realizado pela família, com marcada distribuição de tarefas de acordo com o sexo.

A partir dessas constatações, pode-se afirmar que a localidade de Bevilácqua constitui efetivamente uma comunidade, uma vez que as pessoas - além de habitarem em um mesmo espaço - compartilham linguagem, costumes, atividades sociais, formas de interação e de interpretação dos fatos sociais. Enfim, vivenciam os mesmos valores, constituem - por suas práticas - uma cultura. Acerca do tema, Durham afirma o que segue:

Se “comunidade” significa viver num mesmo mundo, isso quer dizer que esse mundo está integralmente presente em cada um: o elemento essencial da estrutura comunitária é a participação de todos numa mesma cultura, cujo conteúdo total é abarcado por cada indivíduo. Todos acreditam nos mesmos mitos, praticam os mesmos cultos, conhecem as mesmas técnicas, manejam instrumentos idênticos, obedecem às mesmas normas. Não se trata de harmonia, pois numa comunidade, como em qualquer agregado humano, existem conflitos e paixões: porém esses conflitos se desenrolam num universo comum. (DURHAM, 2004, p. 223)

Para reforçar esse conceito, pode-se ainda afirmar que os moradores de Bevilácqua possuem um forte sentimento de pertencimento ao espaço que habitam, que se manifesta de forma específica na maneira como sustentam instituições coletivas comuns - tais como escola, igreja, bodega e Clube de Mães - por meio de atitudes e práticas de colaboração e cooperação.

Ao escrever ensaio com base em sua tese de doutorado - *A caminho da cidade* - sobre a migração rural-urbana, Durham (2004) observou uma grande uniformidade nas informações prestadas por habitantes da zona rural de diferentes áreas do Brasil, o que a conduziu à seguinte conclusão:

Apesar das variações de tempo de permanência na capital, de camada de origem e de zona de proveniência, é surpreendente a uniformidade das informações sobre as condições de vida anteriores à migração, refletindo a universalidade e permanência de elementos tradicionais na sociedade rural brasileira. Essa uniformidade se deve, sobretudo, à semelhança fundamental na constituição da unidade produtiva, que é a família conjugal, no modo de organização dessa unidade em grupos de vizinhança, nos padrões e técnicas de trabalho e na possibilidade de acesso ao meio de produção essencial, a terra. (DURHAM, 2004, p. 135)

Embora de natureza diversa, as informações obtidas por este estudo mostraram-se uniformes, à semelhança do ocorrido na pesquisa empreendida por Durham. A autora constatou que o deslocamento da população rural se dá das regiões economicamente mais atrasadas para as mais prósperas. Em Bevilacqua, no momento, a população não manifesta desejo de migrar, o que nos permite supor que a comunidade vive com dignidade, conseguindo satisfazer suas necessidades básicas com a comercialização dos produtos⁵⁴ obtidos do cultivo da terra.

Ante a uniformidade dos dados coletados, parece que são as relações de trabalho e a organização da vida social os constituintes predominantes do equipamento cultural de grande parte dos moradores da comunidade de Bevilacqua. A partir dessa relevante divisão verificada na ordem social vigente, parece oportuno organizar o relato do estudo etnográfico em duas grandes áreas, que possivelmente constituirão dois campos semânticos: trabalho e vida social.

O campo semântico denominado 'trabalho', bem como o da 'vida social', são compostos por sete campos léxicos cada um. Em ambos os campos, os CL são interligados, assumindo o formato de uma cadeia ou rede. Na medida em que os

⁵⁴ A comunidade de Bevilacqua dedica-se, principalmente, ao cultivo de frutas (maçãs, ameixas e pêssegos)

resultados do estudo etnográfico forem relatados nos itens que seguem (6.1.1 e 6.1.2), os campos, bem como a relação entre eles, configurar-se-ão com clareza.

Antes de passar ao relato, propriamente dito, da composição das redes semânticas, é importante salientar que as definições das ULS neológicas utilizadas foram extraídas do DI (Battisti et al, em finalização) resultante da pesquisa BDSer-Lex.

6.1.1 Rede semântica e campo léxico do 'trabalho'

O trabalho agrícola na zona rural é realizado, essencialmente, pela organização familiar. Durham (2004, p. 148), quando discorre sobre a organização e estrutura da família rural, observa que os padrões ideais da cultura rural tradicional estabelecem uma rígida divisão sexual do trabalho. Os homens executam somente tarefas fora da unidade doméstica, o que os circunscreve basicamente às lides do campo. Às mulheres, por sua vez, cabem os cuidados relativos à casa, o que engloba o preparo das refeições para a família, a limpeza da casa, a confecção de roupas, a manutenção da horta, o tratamentos dos animais domésticos, entre outras.

Na comunidade de Bevilácqua essa divisão sexual do trabalho diverge dos padrões ideais observados por Durham, pelo menos no que se refere às atividades femininas. Lá, a mulher só é desligada da roça quando as necessidades de trabalho são menores, quando o grupo masculino é muito numeroso, ou quando é possível pagar assalariados. A mulher, na verdade, é mão-de-obra de reserva, restrita aos afazeres domésticos somente quando há diversos filhos do sexo masculino para dar

conta das lides da roça. A realização plena do tipo de vida socialmente preconizado é obtida por famílias numerosas e, mesmo assim, apenas em certa fase do seu ciclo de existência, ou seja, quando os filhos homens atingem a maturidade e ainda não constituíram nova unidade familiar. Apesar de referir-se à sua juventude, uma informante de 75 anos atesta o que foi acima afirmado:

Eu era grávida, no prime(i)ro dia, no último dia eu sempre acompanhei. Era dar verdere, tratamento, leva(r) nas costa(s), pompa(r) aquela carroça, de tudo! [...] faze(r) roça, planta(r), vende(r) [...] Era só na roça. Tu não via uma mulhe(r) em casa. (BDSer, inf. 05, p. 104, l. 1030)

A exploração agrícola é tarefa idealmente incumbida aos homens da família, sempre sob a chefia do pai, que é quem organiza o trabalho, distribui deveres e efetua o pagamento, repassando a quantia que julgar necessária aos seus colaboradores⁵⁵, que normalmente são seus filhos. As crianças começam a ajudar os pais desde pequenas. Os filhos homens costumam auxiliar o progenitor executando pequenas tarefas, tais como reunir cereais esquecidos na roça após a colheita. Esse trabalho é denominado *espigolar*⁵⁶ e corresponde, em português, ao verbo recolher:

[...] tinha que roça(r), queima(r), planta(r) e depois limpa(r) [...] depois quando que (es)tava tudo pronto o pai e a mãe cortavam, ajuntavam, os irmão(s) ajudava(m), os mais pequeninho(s) então iam **espigola(r)**, que **espigola(r)** era ajunta(r) as espiga(s) de, de trigo que ficava(m) na roça perdido. (BDSer, inf. 04, p. 25, linhas 243, 247 e 248)

⁵⁵ Enquanto não formam uma nova unidade doméstica, os filhos participam do trabalho coletivo, pelo qual recebem a paga que o pai julgar justa. Após o casamento os filhos homens normalmente continuam a auxiliar o pai, podendo, porém, cultivar separadamente parcelas individuais do terreno. É tradicional na zona rural a doação de uma porção de terra junto à casa paterna, por ocasião do casamento dos filhos homens. Já as mulheres, ao casarem-se, usualmente mudam-se para a propriedade dos pais de seus maridos.

⁵⁶ Lancerini (1993) e Boerio (1993) registram *spigolàr* com essa mesma acepção nos dialetos belunês e vêneto (It.).

As filhas mulheres, por sua vez, são introduzidas cedo nas lides domésticas para suavizar o trabalho de suas mães. Por isso, é comum encontrar na zona rural meninas entre sete e dez anos que auxiliam na limpeza da casa, lavam roupa, recolhem os ovos das galinhas, fazem pão, etc.: “Ah, eu acho que com oito, nove, nove anos eu já fazia pão, sim. Nove, dez anos, eu me fazia no forno também, porque naquela época, imagine no fogão a gás não tinha, né?” (BDSer, inf. 51, p. 169, l. 177).

Ao relatar como faziam o pão, as mulheres contam que o mesmo costumava ser amassado dentro de uma espécie de caixa de madeira a que denominavam *masta*⁵⁷. Conforme consta no DI, essa caixa era construída com tábuas de madeira de aproximadamente um metro de comprimento, trinta centímetros de largura e vinte centímetros de altura. Quando a massa do pão já havia crescido e estava pronta para ser assada, era utilizada uma *paleta*⁵⁸ -pá de madeira arredondada, de espessura fina e cabo longo - para colocar o pão dentro do forno de barro:

[...] o pão fazia dentro d’uma ca(i)xa grande de made(i)ra, chamavam de **masta**. (BDSer-Lex, inf. 33, p. 33, l. 328) [...] e tinha uma **paleta** pra bota(r) dentro os pão tudo no forno, tudo ao redor , tinha essa **paleta**, né? (BDSer, inf. 33, p. 43, l. 419)

O fogão antigamente utilizado era denominado *fogolar*⁵⁹, *fogolare*, *fogoler* ou *larim*⁶⁰. De acordo com o DI, era uma estrutura retangular - formada de pedras ou tijolos e preenchida com terra batida - construída no chão da cozinha, no centro do qual era feito o fogo para cozinhar os alimentos e aquecer o ambiente:

⁵⁷ Boerio (1993) registra como equivalente o termo *mastra* no dialeto vênето (It.).

⁵⁸ Houaiss (2001) registra ‘paleta’ com a seguinte acepção: chapa, geralmente ovalada e de madeira, com um orifício para o polegar, sobre o qual os pintores colocam e misturam as tintas. Boerio (1993) registra, no dialeto vênето (It.), *palèta* ou *palleta* como pequena pá de ferro utilizada para colocar o pão no forno de barro.

⁵⁹ Foi empregado até o surgimento do fogão a gás.

⁶⁰ Tamburin (1973) registra *larim* como equivalente de *fogolar*. *Fogolare* e *fogoler* são variantes de *fogolar*.

[...] existiam fogões a lenha, mas eu acho que, não sei, de, de repente a dificuldade de adquiri(r), então existia o tal do **fogoler** [...] (BDSer, inf. 40, p. 18, l. 178)

Então as guria(s) é, fazia(m) comida em cima, né, do **fogolar**, sabe? Era um tipo, é, um tipo de um fogão feito de pedra, né? (BDSer, inf. 06, p. 30, l. 294)

[...] mas era normal, nunca teve fogão, sabe, daqueles fogão, aqueles **larim** que eles chamavam, no chão, sabe, de tijolos, nunca teve no meu pai. (BDSer, inf. 33, p. 33, l. 325)

Na época da colheita, devido ao trabalho excedente, o chefe da família vê-se, por vezes, obrigado a contratar mão-de-obra extra. Como não há mão-de-obra ociosa na comunidade, normalmente são requisitadas pessoas 'de fora' para empreender o serviço. A inclusão de pessoas que não moram na comunidade, mesmo que esporádica, desagrada aos habitantes, principalmente aos homens, pois, segundo eles, "além de não realizarem bem as tarefas, precisam receber ordens a todo instante" (O.T., 54 anos), até mesmo para o cumprimento de ações corriqueiras, consideradas simples e óbvias. Além disso, os moradores costumam dizer que são as pessoas 'de fora' que ocasionam problemas para a comunidade, tais como furtos. Afora essas justificativas, o contato de estranhos com as mulheres da comunidade não é bem visto. Assim sendo, sempre que possível, antes de optar pelo emprego de mão-de-obra extrafamiliar, o chefe de família pede auxílio aos vizinhos⁶¹ e às mulheres. Essas, por sua vez, passam então a acumular funções, uma vez que não deixam de realizar o serviço da casa, que compreende a limpeza da mesma, o preparo dos alimentos, a lavagem das roupas, a manutenção da horta, o manejo de galinhas e porcos, entre outros.

⁶¹ Essa prática é muito comum na zona rural.

Quando auxiliam na lavoura, as mulheres costumam, entre outras coisas, *ralhar* as árvores frutíferas e auxiliar na colheita. Segundo o DI, *ralhar* é uma adaptação do verbo italiano *ragliar* (com as variantes dialetais *ragiare*, *rajare* e *raguare*) e consiste em retirar alguns frutos - uvas, maçãs, ameixas ou pêssegos, por ex. - ainda verdes do galho em que estão agrupados, possibilitando que os demais tenham condições de se desenvolver adequadamente. É uma tarefa apreciada por algumas mulheres: “É bom pela companhia, pelo trabalho, assim, **ralha(r)** maçã eu adoro, tenho paixão, **ralha(r)** maçã e colhe(r) é muito bom pra mim”. (BDSer - inf. 33, p. 2, linhas 17-18)

Para empreender as tarefas da roça que lhes competiam, as mulheres contam que antigamente faziam uso de vestimentas específicas, que eram as *bragote* e os *escarpote*: “[...] pega(r) os meus apetrecho(s) da, chapéu, as **bragote**, os **escarpote** nos pé(s) e [...] ia lá pra roça c’o meu pai”. (BDSer, inf. 33, p. 59, linhas 587 e 588). *Bragote*, conforme informa o DI, é uma espécie de proteção para as pernas, correspondente à parte inferior da perna de uma calça, fixada na altura do joelho por meio de um elástico ou cordão, usada sob a saia, com a finalidade de proteger as pernas do frio, do sol e da resteva. A unidade deriva de *braghe* (calças). *Escarpote*, por sua vez são sapatos velhos e bastante usados. O termo deriva de *scarpe* (sapatos). As duas unidades lexicais receberam o acréscimo do sufixo diminutivo *-ote*.

Embora um tanto submissas, as mulheres da comunidade, devido provavelmente à nítida divisão sexual do trabalho, gozam de relativa iniciativa e autonomia na execução das tarefas domésticas, bem como na organização de atividades coletivas (festas religiosas, eventos promovidos pelo Clube de Mães,

missas, jardinagem da igreja, jantares de casamento e formatura, almoço de final de ano para os sócios da comunidade, etc.). Segundo o relato de uma moradora de Bevilacqua e de uma informante do BDSer:

[...] os homens não fazem nada, não sabem de nada. É a mulher que organiza todos os pagamentos, é ela quem controla as finanças da casa, ela é que sabe quantas caixas de frutas foram colhidas [...] eles só fazem o trabalho de força [...] enquanto eles descansam depois do almoço eu aproveito pra lavar a roupa, eu nunca paro [...] se eu reclamo que estou cansada de noite os filhos perguntam ‘mah por que que tu tá cansada se tu não fez nada?’ (J.T., 53 anos).

[...] enquanto que o pai dormia de meio-dia, que ele descansava, nós ia pranta(r) ervilha [...] (BDSer, inf. 05, p. 14, l. 131)

Pude perceber que as mulheres trabalham em demasia e fazem absoluta questão de afirmar que gostam do que fazem e que, embora às vezes sintam cansaço, não adianta reclamar, porque o serviço tem que ser feito de qualquer forma, que trabalham para o bem da família e da comunidade, etc. As mulheres iniciam seu trabalho por volta das 6:00h, quando servem o café da manhã para a família e preparam a *colaciom*, que será servida na roça, no meio da manhã:

“[...] nesse intervalo eu tinha que tira(r) leite... trata(r) as vaca(s)... e depois i(r) na cozinha, pegar a **colaciom**... e ia lá pra roça c’o meu pai ... que a **colaciom** dele era ovo frito, salame frito, pão e vinho, um copo de vinho.” (BDSer, inf. 33, p. 58, linha 577; p. 59, linha 579)

De acordo com o DI, a *colaciom*⁶² é uma refeição matinal que geralmente é composta por pão, queijo, salame, ovos e, muitas vezes - no lugar do café - vinho. O termo nos dialetos italianos vêneto, lombardo e trentino é o mesmo, *colaziòn*. Conforme Boerio (1993), *colaciom* é uma refeição matinal, realizada após o desjejum.

⁶² Houaiss registra o substantivo ‘colação’ com a acepção de refeição ligeira ou ‘consoada’ que, por sua vez é descrita como uma leve refeição noturna, sem carne, que se toma em dia de jejum.

Depois disso as mulheres saem para trabalhar na lavoura ou, caso sua ajuda não seja necessária, iniciam a execução das tarefas domésticas. O seu trabalho normalmente termina quando lavam a louça do jantar, que costuma ser servido somente depois que o sol se põe e já não é mais possível trabalhar na roça devido à falta de iluminação.

Para tentar compreender essa necessidade feminina de exaltar o trabalho que realizam incansavelmente e sem trégua, novamente retorno à questão da divisão sexual do mesmo, pois parece que essas mulheres utilizam, inconscientemente, o trabalho como um instrumento para construir e destacar suas identidades dentro de uma sociedade predominantemente patriarcal. O trabalho para as mulheres da comunidade é motivo de orgulho, elas afirmam incessantemente o prazer que isso lhes proporciona, e reclamam das mulheres que nunca ou pouco ajudam na realização de atividades em prol da comunidade, bem como dos homens que não auxiliam em praticamente nada e que “vêm só para come(r) e ainda incomodam” (M.T., 27 anos). Fica evidente, a partir da formulação dessa hipótese, a relevância que o trabalho tem para a saudável constituição dessas mulheres como seres dignos de admiração, portadoras de um papel destacado, principalmente dos homens, na comunidade da qual fazem parte.

Aos homens, como já foi dito, cabe exclusivamente o cultivo da lavoura, o que compreende entre outras coisas a roçada da terra, a aplicação de inseticidas nos frutos e a colheita. Quando surgem os primeiros frutos, a fim de evitar pragas e a formação de *mufa*⁶³ (mofo), é comum a aplicação rotineira de um preparado químico

⁶³ Boerio (1993) registra *mufa* no dialeto vênето (It.) com a mesma acepção.

por eles denominado *verderame*⁶⁴. Segundo o DI, trata-se de uma solução à base de sulfato e cal hidratada (*calcina*⁶⁵) usada no tratamento dos parreirais. Depois de pronta, essa mistura é borrifada – sulfatada ou pulverizada – sobre os frutos da parreira. Esse ato é denominado *pompar*. A unidade correspondente no dialeto vêneto (It.), segundo Boerio (1993) e Lancerini (1993) é *pòmpar*. É elucidativa a citação de alguns trechos extraídos de entrevistas:

[...] Era da(r) **verderame**, tratamento, leva(r) nas costa(s), **pompa(r)** (a)quela carroça, puxa(r) co’ a mula, de tudo! [...] (BDSer - inf. 5, p. 104, linha 1031)

[...] Bom, o pai se fazia faze(r) tudo, ma(s)/ Tudo que era serviço. Quando que as parre(i)ra(s), magari... ele ia ve(r) que tinha **mufa**, então ele queria da(r) **verderame** de noite. [...] (BDSer - inf. 5, p. 45, linha 446)

Os habitantes de Bevilacqua substituíram, em grande parte, o plantio da uva por outras frutas, principalmente por ameixas, pêssegos e maçãs: “Agora os parre(i)ral termino(u), porque o preço era barato anos atrás e foi cortado fora” (BDSer, inf. 04, p. 27, l. 265). Os agricultores ainda cultivam uva, mas, na sua maioria, somente para o próprio consumo e para a vinificação. Quando a uva ainda era amplamente comercializada pelos agricultores, costumavam ser cultivadas as seguintes espécies: *bordô*⁶⁶, *champanhe*⁶⁷ ou *herbemonte*, *isabel*⁶⁸ e *sêibel*. O DI traz informação detalhada acerca dessas espécies. Camargo e Dias (1986) afirmam que bordô é um tipo de uva de cacho pequeno, com bagas pretas relativamente miúdas. É

⁶⁴ Boerio (1993) registra *verderàme* no dialeto vêneto (It.) com a mesma aceção.

⁶⁵ A calcina era utilizada para diversos fins, entre eles a preparação de alguns doces e a conservação de ovos crus. Nesses casos é utilizada pura, sem o acréscimo de outros elementos químicos.

⁶⁶ Houaiss (2001) descreve bordô como uma espécie de vinho, geralmente tinto, produzido na região de Bordelais, nos arredores de Bordeaux (Bordéus), na França.

⁶⁷ Houaiss (2001) registra champanhe como um vinho espumante, geralmente branco, produzido em Champagne, na França; ou vinho semelhante ao produzido em Champagne, mas oriundo de outras regiões vinícolas.

⁶⁸ Segundo Houaiss (2001) é uma variedade de videira comum no Brasil (RS) e nos Açores.

comumente utilizada para a fabricação de vinho tinto e sucos. Herbemonte ou champanhe é uma variedade de uva de cor tinta, cachos médios e alongados, constituídos por bagas pequenas. É empregada na fabricação de vinho branco, vinho espumante e destilados (Cadastro Vitícola do Rio Grande do Sul, 2001). Isabel, segundo Matos et al (1981), é uma espécie de uva que possui cacho médio e bagas pretas. Costuma ser usada na fabricação de vinho tinto, vinho rosado, vinho branco, sucos, destilados, vinagre, doces e geléias. Sêibel é uma qualidade de uva que possui cacho de tamanho médio, baga pequena e sabor ácido (Camargo e Dias, 1986). É utilizada para corrigir a deficiência de cor dos vinhos de mesa e dos sucos. Eis a seguir alguns excertos de relatos:

Eu tinha dois aninho(s), fomo(s) no mato lá no Gino... lá onde que tem aquele parre(i)ral de **bordô**. (BDSer, inf. 05, p. 40, linha 389)

E que tipo de uva tinha nos parre(i)rais? Era **isabel** e **herbemonte**, **sêibel**. (BDSer, inf. 04, p. 27, linha 268)

[...] e uma parre(i)ral de uva **champanhe** o pai tinha, né. (BDSer, inf. 51, p. 06, linha 52)

A vinificação é tarefa exclusivamente masculina que tem início quando as uvas são *tiradas* da parreira. Segundo o DI, 'tirar' é um verbo usado na fala dialetal italiana em combinação com substantivos diversos - p.ex.: uva, milho e ovos - com o sentido de 'colher' em português:

[...] na época, na época da uva, **tirava** a uva quando que era pra, pra faze(r) o vinho... BDSer, inf. 33, p. 55, linha 543).

[...] nós tinha a terra lá pra dentro, sabe com'ê, eu ficava trabalhando aqui [...] vinha pra cá só colhe(r) a uva... depois de **tira(r)** uva, então eu ia pra lá [...] **tirar** o milho. (BDSer, inf. 06, p. 13, linha 124)

Depois de colhidas, as uvas são esmagadas. Seu sumo (ou mosto), de acordo com o DI, é depositado em um *tinaz* para fermentar: “[...] então um tocava e o o(u)tro

despejava dentro e caía dentro do **tinaz**, direto ali onde ela fermentava” (BDSer, inf. 33, p. 55, linha 546). Boerio (1993) registra *tinazzo* no dialeto vêneto (It.) com o mesmo significado, ou seja, recipiente em que o mosto é armazenado para que fermente. Após fermentado, o vinho é transferido para uma *bordalesa*⁶⁹, *bordelesas* ou *bordolesa*⁷⁰. O DI define esse utensílio como uma pipa bojuda, provida de torneirinha – com capacidade que pode variar entre 200 e 400 litros - feita de aduelas de madeira, própria para armazenar qualquer tipo de vinho. É estocada horizontalmente nos porões das residências. Abaixo da torneira da *bordalesa*, coloca-se um recipiente para despejar o vinho que é denominado *sotospina*⁷¹: “E o pai boto(u) o bissulfito dentro e eu fui por cima, assim, da **sotospina**, diz aquele pedaço que ele virava o vinho [...]” (BDSer, inf. 05, p. 78, linha 778).

Quando o vinho está pronto para consumo é então *travasado* para garrafões de cinco litros. Stawinski (1987) informa que o verbo italiano *travazáre* corresponde, em português, a engarrafar, trasfegar, transvasar ou extravazar (vocábulos registrados por Houaiss, 2001).

6.1.2 Rede semântica e campo léxico da ‘vida social’

A base da organização da vida social parece ser – assim como a do trabalho – novamente a família. Partindo-se desse ponto de vista, pode-se afirmar, juntamente com Durham (2004, p. 147) que “o grupo local consiste no agrupamento de um certo

⁶⁹ Houaiss (2001) registra a unidade *bordalesa* com a acepção de barril em que se armazena vinho originário de Bordéus (França), ou a garrafa contendo esse vinho.

⁷⁰ Variantes de *bordalesa*.

⁷¹ Na língua italiana (Mea, 1980), *soto* significa debaixo, e *spina*, torneira da pipa.

número de famílias e as relações comunitárias se apresentam como relações interfamiliares”. Analisando-se o conjunto de entrevistas sociolinguísticas do BDSer realizadas na zona rural de Caxias do Sul, fica evidente a existência de fortes laços de solidariedade, bem como de cooperação e auxílio mútuos vigentes nas relações comunitárias. Constata-se esse sentimento de congregação quando, por exemplo, durante os relatos sobre a edificação da Sociedade, os informantes contam que toda a comunidade ajudou na construção do salão. Esse fato é motivo de grande orgulho, sendo citado por quase todos os entrevistados. Quando indagados sobre qual é o lugar mais bonito de Beviláqua, todos apontam a Sociedade - que é composta pela igreja, pelo salão e pelo campo de futebol - como o lugar mais apreciado. Alguns dizem que o fato de os três estarem juntos é o que torna o local atraente.

A Sociedade é o local onde acontece a maior parte dos eventos comunitários. O salão abriga a realização de diversas atividades. Nele, homens e mulheres de todas as idades jogam futebol, as mulheres fazem ginástica, são promovidas festas religiosas, festas de casamento e de formatura. Além disso, duas instituições sociais importantes - que são a Bodega e o Clube de Mães - estão sediadas no salão. O Clube de Mães é composto por aproximadamente trinta mulheres de diferentes idades, solteiras ou casadas que, pelo que pude perceber, são responsáveis pela organização dos eventos comunitários e pela manutenção geral da Sociedade. Ao contrário dos Clubes de Mães urbanos, o da localidade não é unicamente filantrópico, uma vez que lá não há pessoas carentes a quem encaminhar doações⁷².

⁷² O Clube de Mães, uma vez por ano, escolhe uma família necessitada de um bairro de Caxias do Sul, para quem oferecem uma cesta básica ou outro tipo de ajuda que precisem, como por exemplo medicamentos e roupas.

Esse grupo de mulheres ocupa-se com a manutenção dos bens comuns da Sociedade, o que inclui, por exemplo, o ajardinamento da entrada da igreja e a limpeza do salão, entre outros; e a organização de eventos comunitários, tais como missas, festas, jantares, etc. A equipe trabalha sem obter qualquer tipo de remuneração, revertendo os lucros para a feitura de melhorias na Sociedade⁷³. Na primeira visita que fiz à comunidade, a moradora J.T. (53 anos) - presidente do Clube de Mães - ao mostrar-me a igreja, relatou-me, orgulhosamente, que quase todos os objetos que decoravam a mesma - tais como a toalha do altar e os quadros de santos que adornam as paredes - e até mesmo as vestimentas usadas pelo padre haviam sido comprados e doados pelo Clube. O Clube de Mães parece ser a entidade responsável pela congregação dos membros da comunidade.

A Bodega, contrariamente ao Clube de Mães, é um local mantido e freqüentado basicamente por homens⁷⁴. Existe um responsável pela sua manutenção - o bodegueiro - escolhido pelos fabriqueiros. Mais uma vez verifica-se a divisão sexual de tarefas. É na bodega que os homens se reúnem, principalmente nos sábados à tarde, para jogar cartas, beber cerveja ou vinho e conversar em dialeto com os amigos:

⁷³ Parte do dinheiro arrecadado pelo Clube de Mães é utilizado para financiar um passeio no final do ano para as sócias do clube.

⁷⁴ As mulheres e crianças costumam freqüentar a bodega após algum evento comunitário, por exemplo, uma missa, na companhia de seus maridos, que jogam cartas, e das crianças, que tomam sorvete.

[...] o jogo de baralho é mais no sábado [...] tem o sessenta e seis, o **quadrilho** e a canastra [...] o **quadrilho** também é um jogo bom, é que nem o **trissete**, né, a gente dá seis carta(s) de cada um, uma por vez e daí chama, chama um três, um ás, um dois, e daí o parce(i)ro dele, né, não pode refuga(r) (BDSer, inf. 04, p. 20, l. 191)

Olha, por exemplo, quando joga, a nossa região aí joga(m) muito baralho, por exemplo, na comunidade, quando jogam **quadrilho**, **trissete**, [...] praticamente a conversa só sai em italiano, né, só sai em dialeto. (BDSer, inf. 04, p. 39, l. 384)

Os jogos de cartas mais comuns são o *quadrilho*, o *trissete*, a canastra e o sessenta e seis. O quadrilho é um jogo de cartas com quatro participantes, cuja principal característica é a mudança dos parceiros a cada rodada. O trissete também é um jogo para no máximo quatro participantes, em que a carta de maior valor é sempre o número três de cada naipe. Segundo o DI, o substantivo compõe-se de *tre* e *sette* (três e sete) da língua italiana. Zanette (1980) levanta a hipótese de que esse jogo tenha sido inventado por três mudos, talvez sendo essa a razão pela qual não se converse durante a partida.

As festas promovidas pela Sociedade são organizadas conjuntamente pelo presidente da mesma, pelos fabriqueiros, pelos festeiros e por membros da comunidade. Segundo um informante, “a comunidade é convocada para fazer a limpeza do salão, fecha(r) anholíni, trabalha(r) o dia da festa, da(r) alguma oferta, aí então o pessoal se reúne e todos dão sua contribuição” (BDSer, inf. 04, p. 41, linha 402). Essas festas, ou ‘almoços de colônia’, ocorrem aos domingos e homenageiam o santo padroeiro da comunidade: “[...] a parte principal da festa é sempre a missa, né, então ali por uma(s) dez e meia, onze horas, existe uma missa, em honra ao santo festejado [...] depois vem o almoço tradicional [...]”. Os preparativos iniciam

aproximadamente um mês antes da data marcada, quando são impressos os ingressos para o almoço e distribuídas as tarefas entre os membros da comunidade:

[...] ultimamente organizo os ingressos, aí já tem que manda(r) imprimi(r) os ingresso(s), faze(r) a publicidade da festa, tu organiza, por exemplo, junto co's feste(i)ro(s), é que toda(s) as festas, por exemplo, de paróquia [...] existe(m) os feste(i)ros(s), né, então a gente antes de começa(r) organizar a festa, se faz uma reunião com a equipe administrativa, mais os feste(i)ro(s) e a gente começa organiza(r) essa festa, o próprio feste(i)ro da festa é quem dá as regras um po(u)co da festa, né, [...] tem o responsável por cada tarefa, desde assa(r) a carne, o responsável então convida os churrasque(i)ro(s) pra trabalha(r) junto, pra assa(r), tem o responsável pelos garçom(ns), o responsável pela cozinha, o responsável pelo(s) ingresso(s), [...] (BDSer, inf. 04, p. 22, linha 209).

Nos dias que antecedem a festa, as mesas do salão são arrumadas e são preparadas as comidas que serão servidas. As mulheres fazem os pães, os *anolínis*, temperam o galeto, entre outras coisas. Uma informante assim descreve o evento:

No domingo de manhã tem a missa com o santo festejado, algumas vezes fazem procissão. Depois da missa, dirigem-se para o salão de festas para almoçar, depois que é servida a sopa são vendidos os números para o rifão, lá fora tem o jogo dos cavalinhos, depois que termina o almoço sorteiam a rifa e o pessoal fica conversando e bebendo" (BDSer, inf. 04, p. 44, linha 434)

A sopa de anholíni⁷⁵ costuma ser servida como prato principal em festividades e ocasiões especiais. Conforme definido pelo DI, o anholíni é um invólucro de massa (feita de farinha de trigo e ovos) recheado com uma pasta composta por carne de frango e de gado cozidas, pão torrado, noz moscada e queijo parmesão ralado. Em italiano a unidade correspondente, conforme Cortelazzo e Zolli (1983) é *agnolini*. Essa massa recheada é acrescentada ao *brodo*, que é um caldo obtido a partir da fervura de carne de gado, carne de frango e temperos, formando então a sopa de anholíni. A carne fervida que originou o brodo é servida logo após a sopa e recebe o

⁷⁵ O dicionário Michaelis (1998) registra a unidade *capelete* designando o mesmo alimento.

nome de *lesso*⁷⁶: “Geralmente no almoço tem sopa de **anholíni**, né, **lesso**, galetto, churrasco, **piem**, salada e vinho” (BDSer, inf. 11, p. 59, linha 579).

A salada verde servida nos almoços normalmente é a de *radítchi*⁷⁷ com bacon ou de alface com tomates. O DI explica que, naquela salada, os radítchis são temperados com uma mistura de bacon frito em azeite - antigamente banha - e vinagre de vinho tinto: “Pra tempera(r) o **radítchi**, no caso, usava era banha de porco também, né, derretia numa frigide(i)ra, né, e com vinagre, um po(u)quinho de sal, depois temperava **radítchi**, [...]” (BDSer, inf. 51, p. 199, l. 200).

O *piem*, conforme o DI, é um embutido de carnes, ovos, queijo e pão ralado. A mistura pastosa obtida da junção desses ingredientes ainda crus é colocada dentro da pele do pescoço de uma galinha ou, na sua falta, é envolta em um pedaço de tecido de saco de farinha, palha de milho ou papel alumínio, assumindo formato arredondado, semelhante a um salame. Esse embutido costuma ser cozido no brodo, sendo servido fatiado juntamente com o *lesso*. O *piem* também pode ser utilizado para rechear aves. Outro embutido bastante comum é o *codeguim* ou *escodeguim*, feito exclusivamente com carne de porco:

A gente matava o porco e aproveitava tudo, só não aproveitava do porco, eu acho que o esterco do porco [...] as tripa(s) a gente lavava, a mãe aproveitava, fazia o sabão [...] a carne era feito o salame, né, a pelanca do porco, a pele, né, e um po(u)co da carne da cabeça fazia o **escodeguim**, fazia o queijo do porco também, fazia a morcilha [...] o **codeguim** era feito com a, com o co(u)ro do porco, e a carne da cabeça, uma parte da cabeça, né, então era cozido, depois moia na máquina e temperava, botava, ã, pimenta, botava sal, tempero verde [...] depois ensacava que nem ensaca(r) salame, e depois então, quando queria consumi(r), então, era cozido na água ou fritavam [...] (BDSer, inf. 51, p. 429, l. 435)

⁷⁶ Segundo Boerio (1993), no dialeto vênето (It.), *lesso* designa qualquer alimento cozido em água.

⁷⁷ Os *radítchi* comidos em salada na região são do tipo almeirão (ou chicória), de folhas pequenas, verdes e amargas. Houaiss (2001) registra *radicchio* como uma variedade de chicória de folhas vermelho-purpúreas com veios brancos.

Consta no DI que, no dialeto vêneto (It.), segundo Boerio (1993), *codeghin* designa uma pequena salsicha feita de cozido de porco.

Os pratos acima descritos, com exceção da salada de radíchi com bacon e do codeguim, são preparados quase que exclusivamente em datas especiais, devido ao tempo excessivo demandado na execução dos mesmos. O cardápio tipicamente adotado pelos habitantes da região no restante dos dias é composto pela combinação de massas - servidas com molhos diversos ou cozidas em caldos - polenta com codeguim, pão caseiro, salame, carne de porco ou de frango⁷⁸, saladas e vinho. A maioria dos ingredientes utilizados na alimentação é produzido pela própria família, visto que não existe nenhuma espécie de comércio de víveres na vila. O motivo para a inexistência de tal espécie de estabelecimento, segundo J.T. (53 anos), é a inexistência de pessoas com tempo disponível para empreender o negócio, já que é impossível, para uma mesma pessoa, conciliar a agricultura com a atividade comercial. Os habitantes costumam dizer que não gostariam de viver na cidade porque lá é necessário comprar tudo, ao contrário da zona rural, onde a maioria dos alimentos é ali produzida. Os alimentos que não são produzidos são adquiridos em compras realizadas em um bairro próximo ou no centro da cidade de Caxias do Sul, normalmente uma vez ao mês, hábito que reproduz a vida dos antepassados: “[...] no mercado se comprava o café e o açúcar [...] que não dava pra fazer” (BDSer, inf. 66, l. 654).

⁷⁸ As carnes de frango e de porco são as mais consumidas porque esses animais são criados pelas famílias.

Durante as entrevistas, os informantes relataram que o anholíni costumava ser preparado, em média, três vezes ao ano. No cardápio diário, devido à dificuldade do preparo do anholíni, era bastante comum o consumo do *pastarei*, que, consoante o DI, são pequenas bolinhas de massa, feitas de farinha de trigo e ovos, cozidas na sopa de feijão:

[...] nós nos criamos com sopa e feijão, a mãe sempre fazia um dia de massa, ah, um dia ela fazia sopa de feijão [...] com preguiça de mulher, [...] **pastarei** a mãe dizia, que botava, pegava a farinha de trigo e botava ela nos ovos, né, e depois ia amassando, parecia tipo cuscuz, sabe? E esfregava, esfregava aquela farinha meia socadinha, e depois botava na, na, no caldo de feijão e a **pastarei**, a mãe dizia, né. (BDSer, inf. 51, p. 29, linha 282)

O DI informa que no dialeto vêneto (It.) o termo equivalente é *preguizia delle donne* (preguiça de mulher). Esse prato costumava ser servido como jantar.

Quando indagados sobre seus hábitos alimentares cotidianos, os informantes, unanimemente, apontaram as massas caseiras como seus pratos favoritos. Dentre elas, foram citadas as seguintes espécies: *bígoli*, *fidelíni*, *taiadele* e *tortéi*.

De acordo com o DI, *bígoli* é uma variedade de espaguete feito à base de farinha de trigo, ovos e água, cortada em tiras de espessuras várias. Tradicionalmente é guarnecida com molho de tomates, podendo também ser adicionada ao caldo - no lugar do *pastarei*, por exemplo - para o preparo de sopas.

Fidelíni⁷⁹ é definido pelo DI como uma espécie de massa, em fios muito delgados, que costuma ser acrescentada à sopa: “[...] então a sopa com arroz ou com fidelíni, a mãe costumava muito faze(r) fidelíni, né” (BDSer, inf. 33, p. 54, linha 535). Turato e Durante (1992), registram *fedelíni* ou *fidelíni* como sendo sinônimo de *capelli d’angelo* (cabelo de anjo).

Já taiadele⁸⁰, também conforme o DI, é uma pasta alimentar feita de farinha de trigo e ovos, cortada em tiras, servida com grande variedade de molhos. No dialeto vêneto (It.), a forma é *tajadela*, *tajadele*, *tagiadèla* ou *tagiadèle*.

Outra espécie de massa muito apreciada é o *tortéi*. Trata-se, segundo o DI, de pequenos quadrados de massa recheados com uma pasta de moranga refogada, temperada com sal, noz moscada, canela, queijo parmesão e farinha de rosca. Essa massa recheada é cozida em água fervente e depois servida normalmente com molho de tomates e frango desfiado: “[...] um prato que eu gosto muito também é **tortéi** [...]” (BDSer, inf. 33, p. 05, linha 47) “[...] Eu ainda uma boa **tortelada**, eu ainda de(i)xo um churrasco até” (BDSer, inf. 31, p. 05, l. 48). O vocábulo *tortéi*, empregado na fala dialetal italiana (RCI-RS), corresponde a *tortelli* na língua italiana, plural de *tortello*, definido por Devoto e Oli (1990) como invólucro de massa, recheado com uma pasta de ingredientes diversos, dependendo da região da Itália, e similar ao ravióli. Por Mantova e Tavola (1981), os *tortelli di zucca* (*tortéi* de moranga) são apontados como um prato tradicionalmente servido na véspera do Natal.

Todas essas massas são preparadas à base de farinha de trigo, ovos e água. O que as diferencia é - depois de espichadas sobre uma mesa - o formato que assumem ou o sabor do recheio.

⁷⁹ Houaiss (2001) registra com o mesmo significado as unidades ‘fidelinho’, ‘cabelo-de-anjo’ e ‘aletria’.

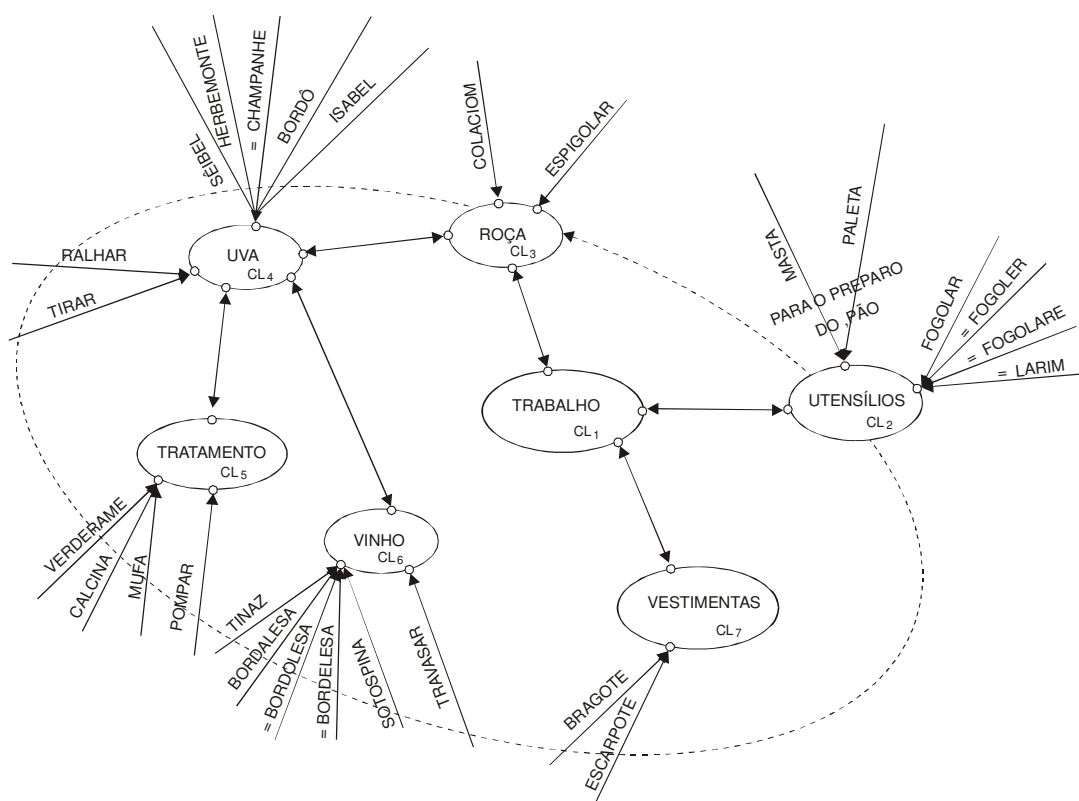
6.2 Revisão dos campos

Os campos léxicos foram estruturados a partir do modelo proposto por Biderman (1981), descrito no item 3.8. A associação entre os signos foi estabelecida por similaridade paradigmática, ou seja, as ULS foram consideradas em sua totalidade (face significante e significado) e derivam do domínio da cultura.

Proponho, a seguir, duas estruturações de redes semânticas – compostas por ULS neológicas ocorridas na fala de habitantes da zona rural de Caxias do Sul, bilíngües e descendentes de italianos – integrados em cadeia. Esses modelos, uma vez que foram constituídos após observação das práticas sociais que motivaram o surgimento das ULS, permitem que se vislumbrem aspectos culturais peculiares às comunidades das quais se originaram os dados.

⁸⁰ Houas (2001) registra talharim com o mesmo significado.

FIGURA 4: Rede semântica e campo léxico do ‘trabalho’



Nesse primeiro gráfico situa-se o campo léxico do ‘trabalho’ (CL1) que nomeia a rede semântica. Vê-se a unidade ‘trabalho’ no centro de uma elipse por representar a unidade lexical âncora, ou arquilexema, do CL1. Os demais campos que se associam ao CL1 receberam numeração progressiva. Esse modelo é composto por sete campos léxicos que são: trabalho, utensílios, roça, uva, tratamento, vinho e vestimentas. Tais campos estão interligados paradigmaticamente. Os vetores comunicam os campos no interior da rede, conectando partes da rede entre si. É necessário observar que os campos dispostos não estão completos, uma vez que foram utilizadas, para a composição da rede semântica, somente as ULS neológicas proferidas pelos informantes. De qualquer forma, mesmo que fossem empregados

dados estranhos ao *corpus*, na tentativa de explorar totalmente o CL1, tal intento não lograria êxito, pois é sabido que o léxico de qualquer língua viva constitui um sistema aberto, sujeito a sofrer modificações, podendo ser retraído ou ampliado em decorrência de alterações verificadas na sociedade como um todo que remodelam, por sua vez, hábitos culturais até então vigentes. As bolinhas representam os nós sêmicos, ou seja, os núcleos de significação que comunicam os campos léxicos ou as ULS que confluem para um CL.

Dando continuidade à exposição da rede semântica do 'trabalho', observa-se que o CL1 une-se ao CL2 por meio de um nó sêmico, que estabelece a associação sintagmática entre 'utensílios' e 'trabalho' (ex.: utensílios de trabalho). Isso acontece porque os informantes, quando falam sobre sua rotina de trabalho, mencionam os instrumentos utilizados para a realização do mesmo. Assim sendo, **masta** e **paleta** são ferramentas empregadas no preparo do pão, que convergem para um nó sêmico do CL2. Para outro nó sêmico de CL2 confluem os vetores contendo as ULS **fogolar**, **fogoler**, **fogolare** e **larim**. Diante das três últimas unidades, vê-se que foi adicionado o sinal =, usado para demonstrar a equivalência dessas unidades com **fogolar**. Pode-se, nesse ponto, questionar a colocação desse campo léxico dentro da rede semântica do 'trabalho', quando ele poderia muito bem integrar a rede semântica da 'vida social' que engloba o CL da culinária. Optou-se por inserir o CL2 na rede do 'trabalho' porque se observou, nas entrevistas sociolingüísticas e principalmente na observação participante, que os utensílios eram mencionados sempre que os informantes relatavam suas rotinas de trabalho, nunca quando falavam sobre seus hábitos alimentares.

O CL3 também aparece ligado, por meio de um nó sêmico, ao CL1. Justifica-se essa ligação pela relação estabelecida com o 'trabalho na roça'. Para dois nós sêmicos do CL3 convergem os vetores **colaciom** e **espigolar**. Aqui, novamente, pode-se indagar sobre a pertença da ULS **colaciom** à rede semântica do 'trabalho', uma vez que se trata de uma espécie de refeição. Essa refeição, entretanto, relaciona-se diretamente ao trabalho na roça, uma vez que é durante ele servido. Mais uma vez, é preciso que se verifique o contexto em que o termo aparece inserido nos relatos dos observados, que sempre o incluem em sua rotina de trabalho, e não, como pode parecer à primeira vista, no contexto da gastronomia.

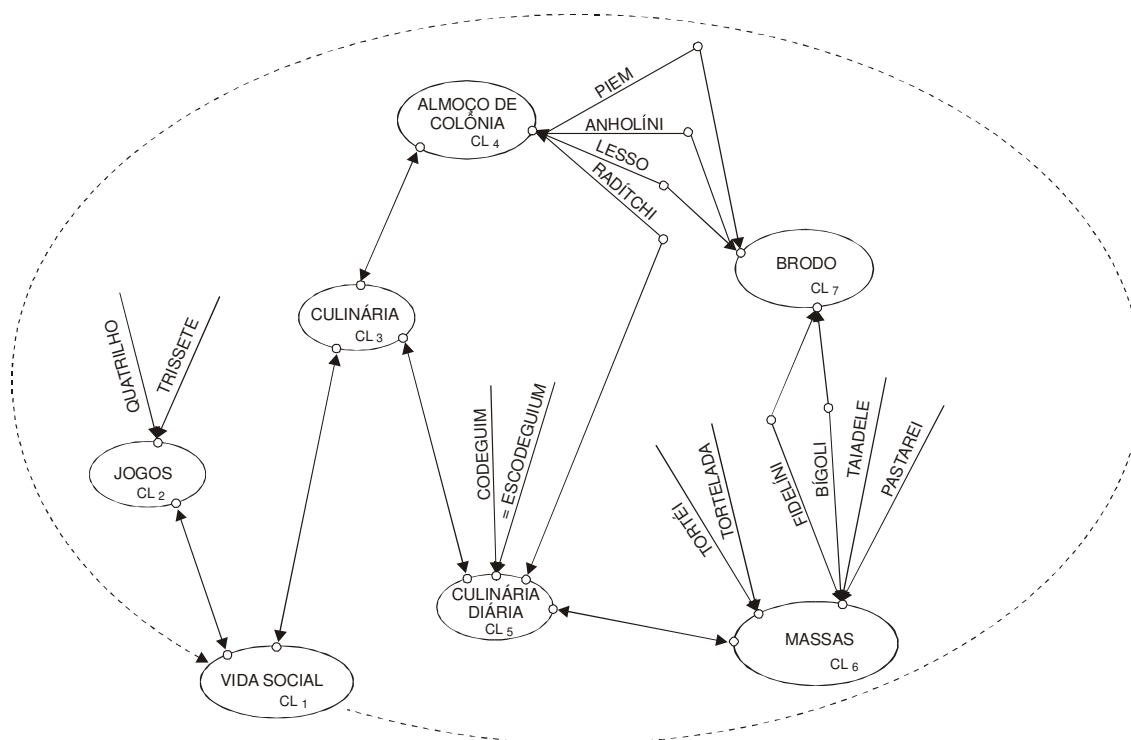
O CL4 liga-se - por meio de nós sêmicos distintos - ao CL3, ao CL5 e ao CL6. A união com o CL4 ocorre porque a roça é o local em que acontece o cultivo da uva. Para um nó sêmico do CL4 confluem, por sua vez, cinco vetores que correspondem às espécies de uva plantadas. Diante de **champanhe** vê-se o sinal = indicando que essa ULS é equivalente a **herbemonte**, que a antecede. Para esse campo cabem as mesmas questões e as mesmas respostas suscitadas para o CL3. Para outro nó sêmico do CL4 convergem dois vetores com as ULS **ralhar** e **tirar**, que correspondem a ações praticadas no cultivo de árvores frutíferas, nesse caso, parreirais. Sempre que discorrem sobre seu trabalho junto aos parreirais, os informantes descrevem os cuidados que devem ser tomados para que a produção vingue, ou seja, o 'tratamento' (CL5) dispensado à plantação. Vê-se que pra um mesmo nó sêmico de CL5 convergem os vetores com as ULS **verderame**, **calcina** e **mufa**. Para evitar a formação de **mufa** (mofo em português) na parreira, é aplicada sobre a mesma uma solução a base de sulfato e **calcina**, que se chama **verderame**. Ao ato de pulverizar essa mistura

sobre a parreira, os informantes denominam **pompar**, unidade essa que se dirige para outro nó sêmico de CL5, por tratar-se de uma ação produzida para a implementação do tratamento. Nesse campo, mais uma vez, encontra-se uma ULS - **calcina** - que poderia compor o CL da culinária, uma vez que essa mistura de água e cal foi outrora empregada para a conservação de alimentos. Isso acontecia antes do advento da luz elétrica e o conseqüente surgimento do refrigerador. Hoje, a **calcina** é utilizada somente como um componente do 'verderame', o que justifica a sua colocação na rede semântica do 'trabalho'. O CL6 é uma decorrência direta do CL4, por ser o vinho, atualmente, o produto que sustenta o cultivo da uva. Para um nó sêmico do CL6 direcionam-se cinco vetores contendo utensílios empregados na tarefa da vinificação: **tinaz**, **bordalesa** (e seus equivalentes **bordolesa** e **bordelesas**) e **sotospina**. Para um segundo nó sêmico de CL6 conflui um vetor contendo a ULS **travasar**, empregada sempre que o ato de engarrafar o vinho é mencionado.

Ligado ao CL1, por meio de um nó sêmico, encontra-se ainda o CL7, encabeçado pelo arquilexema 'vestimentas', o que permite que se estabeleça a relação 'vestimentas de trabalho'. Para um nó sêmico desse campo convergem dois vetores contendo as ULS **bragote** e **escarpote**, que integram o vestuário apropriado para o trabalho na roça.

Observando a figura 4, vê-se que os campos léxicos estão circulados por uma linha pontilhada, colocada com o intuito de realçar a vinculação existente entre os sete campos que compõem a rede semântica do 'trabalho'. Isso foi feito para demonstrar, também, que a ordem numérica atribuída aos campos foi feita como um recurso didático, que poderia, portanto, sofrer alterações.

FIGURA 5: Rede semântica e campo léxico da 'vida social'



A figura 5 representa a rede semântica da 'vida social'. Nela, vê-se o sintagma 'vida social' colocado no centro de uma elipse por representar o arquilexema do CL1. Os demais campos que a ele se associam receberam numeração progressiva. Essa rede é composta por sete campos léxicos, que são: vida social, jogos, culinária, almoço de colônia, culinária diária, massas e brodo. Os vetores, da mesma forma que nas figuras 3 e 4, comunicam os campos no interior da rede, conectando partes da rede entre si. Os pequenos círculos correspondem aos nós sêmicos, ou seja, os núcleos de significação que comunicam os CL ou as ULS que confluem para um CL.

Para um dos nós sêmicos do CL1 conflui o CL2. Tal campo tem como arquilexema a ULS 'jogos'. Sempre que questionados sobre seus momentos de lazer,

os informantes referem a bodega, que é o local onde os homens se reúnem, normalmente nos sábados à tarde, para tomar vinho, conversar em dialeto com os amigos e jogar cartas. O único nó sêmico do CL2 recebe os vetores com as ULS **quatrillo** e **trissete**, que são espécies de jogos de baralho muito apreciadas. O CL1 une-se, por meio de outro nó sêmico, ao CL3. Esse campo é representado pela ULS 'culinária'. Durante a etnografia pude observar que os eventos lúdicos da comunidade de Bevilacqua sempre envolvem a gastronomia. Além desse motivo, é interessante ressaltar que as mulheres não consideram o ato de preparar alimentos um trabalho. Sempre que falam sobre o assunto, a culinária é inserida dentro das atividades sociais. Por essas razões, optou-se por inserir o universo da culinária dentro da rede semântica da 'vida social'.

Da observação do CL3, pode-se ver que ele se ramifica, ligando-se ao CL4 - intitulado 'almoço de colônia' - e ao CL5 - que é o campo da 'culinária diária'. Isso ocorreu porque os informantes, quando indagados sobre a culinária da região, referem o cardápio servido nos almoços de colônia e, em contrapartida, mencionam seu cardápio rotineiro. É importante ressaltar que essa divisão foi feita porque o cardápio dos almoços de colônia é considerado próprio para ocasiões especiais. Dessa forma, os pratos servidos nas festas não guarnecem, pelo menos não freqüentemente, a mesa dos habitantes de Bevilacqua.

Para um nó sêmico do CL4 convergem vetores que representam o cardápio servido em um típico almoço de colônia: **piem**, **anolíni**, **lesso** e **raditchi**. As três primeiras unidades ligam-se, através de um nó sêmico, ao CL7, uma vez que são ingredientes cozidos no caldo ou **brodo**. Pode-se ainda observar, quanto ao CL4, que

a ULS **radítchi** converge para um nó sêmico do CL5. Essa ocorrência deve-se ao fato de a salada de radítchi com bacon ser servida também no dia-a-dia.

O CL5 liga-se, por um nó sêmico, diretamente ao CL6, representado pelo arquilexema 'massas'. Isso se deve ao fato de a grande maioria dos habitantes de Bevilacqua - quando indagados sobre seus hábitos alimentares rotineiros - apontarem diversos tipos de massa, afirmando que elas constituem seus pratos prediletos. Para um nó sêmico de CL6 convergem quatro vetores contendo ULS que representam variadas espécies de massa: **fidelíni**, **bígoli**, **taiadele** e **pastarei**. As unidades 'fidelíni' e 'bígoli', além de serem servidas com molhos, costumam também ser acrescentados ao brodo, formando então uma sopa. Isso explica porque essas unidades compõem, também, o CL7. O último vetor, contendo a ULS 'pastarei', é um tipo de massa cozida em caldo de feijão, tratando-se de uma sopa muito consumida no jantar.

Para outro nó sêmico de CL6 une-se a ULS **tortéi**. Essa unidade não foi disposta junto com as outras massas por tratar-se de uma espécie recheada, o que as difere das outras. Por meio de um nó sêmico, a ULS 'tortéi' liga-se a **tortelada** . - substantivo que, a exemplo de 'macarronada' registrada em Houaiss, 2001 - é um prato a base de 'tortéis'.

Para um nó sêmico do CL5 convergem dois vetores que contêm as ULS **codeguim** e **escodeguim**. Vê-se que diante de **escodeguim** encontra-se um sinal de =, para demonstrar a equivalência entre os termos. Essa espécie de embutido de carne de porco costuma ser consumida juntamente com a polenta.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho procurou-se explorar a relação sabidamente existente entre léxico e cultura. Muito embora diversos estudiosos da lexicologia já tenham assinalado essa correlação, raros são os trabalhos - ao menos no que se refere a dados extraídos de língua falada - que efetivamente apontam a forma como determinadas práticas culturais são capazes de peculiarizar o léxico de uma dada comunidade, evidenciando, por vezes, sua identidade. Talvez estudos dessa ordem não sejam empreendidos por envolverem dados imprecisos e dinâmicos, uma vez que a língua falada está sempre sofrendo alterações.

Esta investigação, de forma inovadora, procurou explorar a relação de fatores culturais - vinculados, provavelmente, ao histórico da emigração italiana para o nordeste do estado do Rio Grande do Sul, que teve início no final do século XIX - com a criação de neologismos na língua portuguesa, em decorrência do contato da mesma com a fala dialetal italiana (RCI-RS). Vê-se, portanto, que a pesquisa conjugou fatores extralingüísticos à análise lingüística, o que denota sua natureza interdisciplinar. Justifica-se essa característica ante a necessidade que se impôs de recorrer a outras áreas do conhecimento - tais como a geografia, a história e a antropologia lingüística - para alcançar o objetivo primordial da investigação, qual seja, estruturar campos léxicos capazes de correlacionar alguns aspectos culturais importantes a ampliações ocorridas no acervo lexical da comunidade estudada. Assim sendo, partiu-se do pressuposto de que por originar-se da nomeação de realidades do mundo, o léxico define fatos culturais próprios de seus falantes. É

oportuno lembrar que os informantes do BDSer da zona rural de Caxias do Sul são todos bilíngües português-fala dialetal italiana (RCI-RS). O bilingüismo instalou-se, provavelmente, em decorrência da necessidade, vivenciada pelos emigrantes, de integração aos costumes culturais da nova terra. Segundo padrões ideais, o conhecimento da nova língua é um fator relevante para o sucesso do processo de integração. Por outro lado, a conservação das ligações com a própria origem cultural, além de sustentar o uso do bilingüismo, evidencia a vontade de manutenção e transmissão dessa origem à família e à comunidade do povoado.

A fim de operacionalizar a organização das ULS em campos léxicos foi preciso, primeiramente, identificar o quadro das práticas culturais de que faz parte o emprego das unidades analisadas. Para tanto, foi realizado estudo etnográfico junto à comunidade de Bevilacqua, que foi relatado no capítulo 6. Esse estudo evidenciou o fato de que a organização do trabalho e as condições da vida social dessa comunidade rural são estruturadas sob um caráter extremamente conservador. Esse fato foi ratificado quando se verificou uma grande uniformidade nos depoimentos acerca das condições de vida na zona rural. A partir dessa constatação e do estudo empreendido, constituíram-se duas redes semânticas, que são, respectivamente, a rede do 'trabalho' e a rede da 'vida social'. Viu-se que esses dois segmentos do equipamento cultural da comunidade são organizados tendo ambos como alicerce uma família de origem forte, freqüentemente numerosa. Scidà (2005), em estudo realizado sobre a estrutura familiar em um contexto imigratório, assim expressa sua opinião:

A centralidade do papel da família no interior dos processos socioculturais [...] é coisa conhecida e comprovada por numerosas pesquisas. Isso vale para qualquer contexto, mas talvez um papel particularmente estratégico o jogue na realidade da imigração italiana onde o indivíduo, desarraigado do próprio mundo de origem, encontra, em boa substância, especificamente na família, o ponto maior de consistência que lhe consinta reapropriar-se ou reconstruir uma identidade às vezes ofuscada. (SCIDÀ, 2005, p. 131)

Outra característica cultural que se observou, de maneira uniforme, foi a participação associativa. Os dados evidenciaram uma boa vitalidade associativa, que se coaduna de modo relevante em torno da pertença e dos valores religiosos, uma forte centralidade da família e da Sociedade, no uso do tempo livre. Segundo Gubert (2005, p. 108) essa é uma característica que, na Itália, tende a manifestar-se mais nas zonas rurais.

Esse tipo de consideração foi fundamental para que fosse possível certificar-se das relações em rede dos campos léxicos, a fim de que se pudesse integrar a análise lexicológica à análise de uma cultura regional. Certamente a pesquisa em comunidade, pelas características que apresenta uma microanálise, não pode sustentar afirmações generalizantes. Ou seja, a configuração estrutural a que se chegou nesta pesquisa é válida para a comunidade em que a observação foi realizada. Uma investigação como essa, efetuada em outra comunidade rural brasileira de descendência italiana, pode chegar à distribuição diversa. No entanto, em se tratando de relação léxico e cultura, a análise é legítima, uma vez que os resultados obtidos são um registro de práticas que constituem a cultura local. Na busca sem fim pelo conhecimento que é a ciência, espera-se aqui ter deixado uma contribuição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: criação lexical**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

_____. Neologia e tecnoletos. In: OLIVEIRA, Ana M. P. P. de O.; ISQUERDO, Aparecida N. (Orgs.) **As ciências do léxico**. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001. p. 25-32.

BARBOSA, Maria Aparecida. **A dialética entre contrários e contraditórios na língua comum e nas linguagens de especialidade**. In: IV ENCONTRO INTERMEDIÁRIO DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ANPOLL, 2003, Uberlândia. [manuscrito]

BATTISTI, Elisa et al. **Dicionário de Italianismos**. Caxias do Sul: EDUCS, 2005. (em finalização)

BATTISTI & GIANNI. **Neologia lexical e línguas em contato**. Manuscrito, versão pré-final, 2003.

BIDERMAN, Maria Tereza C. **Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

_____. A estrutura mental do léxico. In: QUEIROZ, T.A. (editor). **Estudos de filologia e lingüística**. 2. vol. São Paulo: EDUSP, 1981. p. 131-145.

_____. A ciência da lexicografia. **Alfa** 28, 1984. p. 1-26.

_____. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana M. P. P. de O.; ISQUERDO, Aparecida N. (orgs.) **As ciências do léxico**. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001a. p. 13-31.

_____. **Teoria lingüística: leitura e crítica**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

BOERIO, Giuseppe. **Dizionario del dialeto veneziano**. Firenze: Giunti, 1993.

BOURDIEU, Pierre. **Outline of a theory of practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

_____. **The logic of practice**. 2. ed. Stanford University Press, 1990.

_____. **O poder simbólico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CADASTRO VITÍCOLA DO RIO GRANDE DO SUL - 1995 a 2000. Ibravin; Governo do Estado do Rio Grande do Sul; Ministério da agricultura, pecuária e abastecimento; Embrapa; Governo Federal. 2001.

CAMARGO, U.A. e DIAS, M.F. Identificação ampelográfica de videiras americanas e híbridas cultivadas na MRH 311. **Circular Técnica da EMBRAPA 12** - Identificação ampelográfica de videiras americanas e híbridas cultivadas na MRH 311. 1986.

CORTELAZZO, Manlio e ZOLLI, Paolo. **Dizionario etimologico della lingua italiana 1/ A-C**. Bologna: Zanichelli, 1983.

COSERIU, Eugenio. **Tradición y novedad em la ciencia del lenguaje**: estudios de la lingüística. Madrid: Gredos, 1977.

_____. **Principios de semántica estructural**. 2. ed. Madrid: Gredos, 1991.

DEVOTO, Giacomo di e OLI, Gian Carlo. **Il dizionario della lingua italiana**. Firenze: Le Monnier, 1990.

DURANTI, Alessandro. **Antropología lingüística**. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **A dinâmica da cultura**. São Paulo: Cosacnaify, 2004.

ECCLES, John C. **O conhecimento do cérebro**. São Paulo: Atheneu, 1979.

FERREIRA, Sandra Isabel Oliveira. Neologismo por empréstimo. **Cadernos do Instituto de Letras 10**. Porto Alegre: UFRGS, 1993.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FOLEY, William. **Antropological linguistics**. Oxford: Blackwell Publishers, 1997.

FROSI, Vitalina M.; MIORANZA, Ciro. **Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul**: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira. Porto Alegre: Movimento, 1975.

_____. **Dialetos italiano**: um perfil lingüístico dos ítalo-brasileiros do nordeste do Rio Grande do Sul. Caxias do Sul: EDUCS, 1983.

GECKELER, Horst. **Semántica estructural y teoría del campo léxico**. Madrid: Gredos, 1976.

GIRON, Loraine Slomp. Região: identidade e política. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 14 e 15 de mai. 2005. Cultura. P. 4-5.

GROSJEAN, François. **Life with two languages**: an introduction to bilingualism. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

GUILBERT, Louis. La neologie. In: GRAND LAROUSSE DE LA LANGUE FRANÇAISE. v. 4. Paris: Larousse, 1975, p. 3584-3594.

GUIRAUD, Pierre. **A semântica**. 5. ed. RJ: Bertrand Brasil, 1989.

HAUGEN, Einar. The análisis of linguistic borrowing. In: **The ecology of language**. Stanford: Stanford University Press, 1972.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

HOUAISS, Antônio et al. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Vocabulário do seringueiro. In: OLIVEIRA, Ana M. P. P. de O.; ISQUERDO, Aparecida N. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande, MS: UFMS, 2001. p. 91-100.

JOHNSTONE, Barbara. **Qualitative methods in sociolinguistics**. New York: Oxford University Press, 2000.

LANCERINI, Silvio. **Vita e Cultura de Basso Cismon Bellunese**: Dizionario del Dialetto Locale. Bassano del Grappa (VI): Ghedina & Tassotti, 1993.

MACKEY, W. F. The description of bilingualism. In: FISHMAN, J. A. (ed.). **Reading in the sociology of language**. 3. ed. The Hague, Monton, 1972. p. 554-584.

MANTOVA e TAVOLA. **Le splendide città d'Italia**: Guida ai centri più importanti del nostro Paese. Milano: Selezione dal Reader's Digest, 1981.

MARCATO, Gianna e URSINI, Flavia. **Dialetti veneti: grammatica e storia**. Padova: UNIPRESS, 1998.

MATOS, C.S.; PETRI, J.L.; FORTES, G.R.L.; SCHUCK, E.; PASQUAL, M. Cultivares de uva em Santa Catarina. **Boletim Técnico n.12** - Cultivares de uva em Santa Catarina. 1981. p. 9-47.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. 4. ed. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MEA, Giuseppe. **Dicionário de Italiano-português**. Porto: Porto, 1980.

MOUGEON, R.; BENIAK, E. Social class and language variation in bilingual speech communities. In: GUY, G. R.; SCHIFFRIN, D. & BAUGH, J. (eds.). **Towards a social science of language**: papers in honor of William Labov. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

OLIVEIRA, Ana M. P. P. De O. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In: OLIVEIRA, Ana M. P. P. De O.; ISQUERDO, Aparecida N. (orgs.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande, MS: UFMS, 2001. p. 109-115.

PIETROFORTE, Antonio V. S.; LOPES, Ivã Carlos. A semântica lexical. In: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à lingüística**: princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2002. v. 2, p. 111-135.

POPPER, Karl R.; ECCLES, John C. **O cérebro e o pensamento**. São Paulo: Papyrus, 1992.

SANKOFF, Gillian. Linguistics outcomes of language contact. In: CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P.; SCHLLING-ESTES, N. (eds.). **The handbook of language variation and change**. Malden/Oxford: Blakwell, 2002. p. 127

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. 21. ed. São Paulo: Cultrix, 1999. 279p.

SMITH, T. Lynn. **Organização rural: problemas e soluções**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1971.

STAWINSKI, Alberto Vitor. **Dicionário vêneto sul-rio-grandense**. Porto Alegre: Eduni-Sul, 1987.

SPRADLEY, James P. **The ethnographic interview**. Holt, Rinehart and Winston, 1979.

TAMBURIN, Vincenzo Menegus. **Dizionario del dialetto di Cortina d'Ampezzo**. Vicenza: Neri Pozza, 1973.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.

TÖNNIES, Ferdinand. **Comunidad y sociedad**. Buenos Aires: Losada, 1947.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e lingüística**. São Paulo: Contexto, 2004.

TURATO, G.F. e DURANTE, D. **Vocabolario etimologico veneto-italiano**. Padova: La Galiverna, 1992.

VENDRYES, J. **El lenguaje: introducción lingüística a la historia**. Barcelona: Cervantes, 1943.

VILELA, Mário. **Estruturas léxicas do português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

ULLMANN, Stephen. **Semântica**. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

WEISZFLOG, Walter. **Michaelis: moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

ZANETTE, Emilio. **Dizionario del dialetto di Vittorio Veneto**. Vittorio Veneto: Dario De Bastiani, 1980.

ZINGARELLI, Nicola di; DOGLIOTTI, Miro; ROSIELLO, Luigi. **Il nuovo zingarelli: vocabolario della lingua italiana**. Bolonha: Zanichelli, 1983.

BIBLIOGRAFIA

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **A aprendizagem do português em uma comunidade bilíngüe do Rio Grande do Sul**: um estudo de redes de comunicação em Harmonia. 1990. 242 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [1990].

BOAS, Franz. **Antropologia cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BORBA, Francisco da S. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

CALVET, Jean Louis. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

COSERIU, Eugenio. **Lições de lingüística geral**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1980.

DE BONI, Luis A. e COSTA, Rovílio. **Os italianos no Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: Vozes, 1982.

ECKERT, Penelope. **Linguistic variation as social practice**. Malden/Oxford: Blackwell, 2000.

FAULSTICH, Enilde L. de J. **A linguagem do noticiário policial**. Brasília: Horizonte, 1980.

GARDELIN, Mário e COSTA, Rovílio. **Colônia Caxias**: origens. Porto Alegre: EST, 1993.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUBERT, Renzo; POLLINI, Gabriele (orgs.). **Cultura e desenvolvimento**: uma investigação sociológica sobre os imigrantes italianos e alemães no sul do Brasil. Porto Alegre: EST, 2005.

GUMPERZ, J. J. & HYMES, D. (ed.) **Directions in sociolinguistics**. New York, Holt, Rinehart & Winston, 1972.

GURILLO, Leonor Ruiz. Una clasificación no discreta de las unidades fraseológicas españolas. In: **Cuadernos de filología: aspectos de fraseología teórica española**. Anejo XXIV. Facultad de Filología, Universitat de Valencia, 1997.

HEYE, Jürgen. Considerações sobre bilingüismo e bilingüidade. In: SAVEDRA, Mônica; HEYE, Jürgen. **Revista palavra n. 11**. Rio de Janeiro: Trarepa, 2003, p. 30-38.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, J. Wanderley. **Semântica**. 10.ed. São Paulo: Ática, 2002.

KEHDI, Valter. **Formação de palavras em português**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.

LAROCA, M. N. de Carvalho. **Manual de morfologia do português**. 3. ed. São Paulo: Pontes, 2003.

LYONS, John. **Linguagem e lingüística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de lingüística e gramática**. 8. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

NEGRA, Carlos A. Serra; NEGRA, Elizabete M. Serra. **Manual de trabalhos monográficos de graduação, especialização, mestrado e doutorado**. São Paulo: Atlas, 2003.

RIBEIRO, Cleodes M. P. J. **Festa e identidade: como se fez a festa da uva**. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

RIBEIRO, Branca M. Telles; GARCEZ, Pedro M. (orgs.) **Sociolingüística interacional**. São Paulo: Loyola, 2002.

RODRIGUES, Catarina Vaz. **Regiões culturais e variação lingüística no Rio Grande do Sul: estudos de uma possível coincidência entre regiões culturais e áreas lingüísticas**. 1989. 141 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [1989].

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à morfologia**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da lingüística**. São Paulo: Parábola, 2002.

ANEXO 1

Roteiro para entrevista

Descrição

Família	<p>1. Como é tua família? Ela é grande? Tens irmãos, filhos, netos? O que eles fazem? Estudam, trabalham? Onde moram?</p> <p>2. Tens tios, primos? Onde moram? O que fazem? Quem é o mais engraçado? Como ele é?</p> <p>3. Tem algum parente que tu gostes mais? Por quê? Como ele é?</p> <p>4. Tem algum parente que tu não gostes? Por quê? O que ele faz que te incomoda?</p>
Trabalho	<p>5. Onde trabalhas (estudas)? Como é teu trabalho (escola; universidade)? É longe da tua casa? Como fazes para ir até lá?</p>
Lazer Amigos Culinária	<p>6. O que tu costumavas fazer nos finais-de-semana? Com quem? Onde? Vais à bodega? Como ela é?</p> <p>7. Teus amigos, como são? Tens um melhor amigo? Como ele é?</p> <p>8. Costumas fazer churrasco? Como preparas?</p> <p>9. Qual é teu prato favorito? Como é preparado?</p> <p>10. Gostas de cozinhar? Qual é o prato que mais gostas de preparar?</p> <p>11. Onde costumavas almoçar durante a semana? Como é teu almoço?</p>
Bairro Habitação Transporte	<p>12. Há quanto tempo moras aqui? Gostas do lugar?</p> <p>13. Como era o lugar antigamente?</p> <p>14. Como são teus vizinhos?</p> <p>15. Os moradores do lugar reúnem-se para alguma atividade? Qual? Novenas, Clubes de Mães, festas de igreja, reuniões?</p> <p>16. Como são as festas de igreja? Quando começa o preparo? Tu ajudas?</p> <p>17. Sempre moraste na mesma casa?</p> <p>18. Como era a tua casa quando eras criança? Como eram os móveis (utensílios, fogão, forno, cantina, paiol, horta, jardim)? Como são hoje?</p> <p>19. Como é tua casa hoje? É distante do teu trabalho? Como fazes para ir até lá?</p> <p>20. Como é o trânsito na cidade? Como é o motorista/pedestre?</p>
Cidade	<p>21. Lembras do lugar há 20 anos (a algum tempo atrás)? O que mudou? Descreva.</p> <p>22. Qual é, na tua opinião, o local mais bonito daqui? Como ele é?</p>
Religião	<p>23. Praticas alguma religião? Como é a missa/o culto?</p> <p>24. Participas de algum grupo da Igreja?</p>
Línguas	<p>25. Tu falas ou entende outra língua? Qual?</p> <p>26. Com quem falas essa língua? Em que situação?</p>

Narração

Infância	<p>27.O que tu lembras da tua infância? Com que tipo de brinquedo tu te divertias?</p> <p>28.Tu fabricavas teus brinquedos?</p> <p>29.Tu tinhas amigos, brincavas com eles? O que faziam juntos? Como/onde brincavam? Com que frequência brincavam?</p>
Escola	<p>30.Foste à escola? Onde? Como eram as aulas? Como era a professora? E o recreio? Vocês usavam uniforme? Como era a merenda?</p> <p>31.Quem foi a professora que tu mais gostaste? E a que menos gostaste?</p>
Celebrações	<p>32.Como era o Natal? Como vocês se preparavam para o Natal? Teve algum presente que marcou a tua vida?</p> <p>33.Como foi tua Primeira Comunhão? E a Crisma? Como era a catequese?</p>
Eventos marcantes	<p>34.Tu lembras de algum momento muito triste ou muito alegre da tua vida? O que aconteceu?</p>
Férias	<p>35.O que fazias nas férias, quando criança? Como fazia para visitar os parentes?</p> <p>36.Lembras de alguma viagem? Para onde foste? O que fizeste?</p> <p>37.O que costumavas fazer nas férias?</p>
Estórias	<p>38.Ouvias estórias quando criança? Quem contava? Lembras de alguma? Conte.</p>
Costumes	<p>39.Antigamente, como faziam o pão e o vinho? Como matavam porcos e galinhas? Isso mudou? Como é hoje?</p>
Namoro	<p>40.Como tu conhecestes teu marido/esposa/namorado(a)?</p> <p>41.No passado, como era o namoro?</p> <p>42.Como é hoje?</p> <p>43.Como foi teu casamento?</p>

Agumentação

Localidade	<p>44.Tu gostarias de viver em outro lugar? Por quê?</p> <p>45.Tem algum lugar que tu não gostarias de morar?</p>
Comportamento	<p>46.Qual é a tua opinião em relação ao comportamento dos jovens? (em relação aos pais, ao namoro, ao estudo, ao trabalho)</p> <p>47.O que tu pensas da vida da mulher hoje? Mudou? Em que sentido?</p> <p>48.O que tu pensas sobre a mulher trabalhar o dia inteiro? Ela dá a mesma atenção aos filhos? Isso é bom ou ruim?</p> <p>49.Como tu vês a situação dos idosos no país? Vivem bem? Têm assistência do Estado e da família?</p> <p>50.O que tu pensas sobre os asilos? Tu colocarias teus pais?</p>
Violência	<p>51.O que tu pensas sobre a violência, de pessoas que matam para roubar, de homens que batem em mulheres e crianças?</p>
Política	<p>52.Qual a tua opinião sobre o atual prefeito? E sobre os políticos</p>

	em geral? Por quê?
Televisão	53.O que tu pensas dos programas da televisão, dos filmes exibidos, novelas, noticiários? Por quê?
Rádio	54.O que tu pensas dos programas de rádio transmitidos em dialeto?
Festas	55.Como é a Festa dos Motoristas? Vem mudando a cada ano? O que tu achas de ser feita de dois em dois anos? 56.Qual a tua opinião sobre o carnaval brasileiro?
Ensino	57.Como tu vêes o ensino hoje? Por quê? 58.Na tua opinião, que língua estrangeira as crianças devem aprender na escola, o inglês, o italiano ou o espanhol? Por quê?
Religião	59.O que tu pensas do comportamento dos padres? 60.Por que muitas pessoas afastam-se da religião hoje?
Trabalho	61.Por que escolheste permanecer no interior trabalhando no campo?
Vida	62.Se pudesses, mudarias alguma coisa na tua vida? O que farias de diferente? Por quê?